

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
SÃO PAULO - PUC-SP**

**Lenise Santana Borges**

**Repertórios sobre lesbianidade na novela *Senhora do Destino*:  
possibilidades de legitimação e de transgressão**

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

Tese apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob orientação de Profa. Dra. Mary Jane Paris Spink.

**SÃO PAULO**

**2008**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

BORGES, Lenise Santana

Repertórios sobre lesbianidade na novela *Senhora do Destino*: possibilidades de legitimação e de transgressão / Lenise Santana Borges – São Paulo, 2008. (Tese de Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientadora: Mary Jane Paris Spink

Palavras-chave: 1. Psicologia Social; 2. Construção Social; 3. Lesbianidade; 4. Telenovela; 5. Práticas Discursivas.

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

---

---

---

---

Ao meu pai José (em memória) e  
à minha mãe Heleni,  
que me ensinaram a acreditar  
que os sonhos valem a pena

## Agradecimentos

Esta tese não existiria se não houvesse sonho. Um sonho nunca se sonha sozinho/a. Para sonhar muitos esforços e compartilhamento são necessários. Meu profundo agradecimento àqueles/as que me estimularam a iniciar e prosseguir na difícil jornada de construção desta tese.

À Mary Jane, que me acolheu e soube com firmeza e ternura me guiar nesses intrincados caminhos de produzir uma tese.

À Eliane, companheira de inúmeras jornadas, minha imensa gratidão por todo amor, dedicação e cuidado. Seu jeito “Poliana” de ser me possibilitou confiar e alegrar, mesmo nas horas mais delicadas.

Às amigas do Transas do Corpo – Eliane, Kemle, Joana, Vanilda, Elcimar e aquelas que não estão mais conosco - meus sinceros agradecimentos pela amizade e cobertura nos momentos mais difíceis.

À Adriana, pelo carinho, dedicação e pelas inestimáveis ajudas no processo de construção desta tese.

Aos amigos Pedro Plaza, Cláudio Pedrosa, Sebá, Junior e João Marcelo pelo incentivo e apoio em momentos decisivos.

Às/Aos amigas/os Wilza, Valu, Marília, Rodrigo, Maurício, Sílvia e Felipe, que me acolheram em São Paulo e me ajudaram passar pela difícil fase inicial de adaptação.

Às/Aos amigas/os Vanda, Jackie, Serginho, Rafaela, Raquel, Elcimar, Rose, Isabela, Carlinha, Milena, do Núcleo de Pesquisa em Práticas Discursivas, pelas conversas e estímulo constante. À Milagros e Jesus (Venezuela), sempre solidários e atenciosos, pela inesquecível *paella*.

À Marlene, pelo constante estímulo e ajudas providenciais com os documentos.

Aos/Às cuidadores/as Ricardo, Danilo, Fernando, Rebeca, Valéria e Erik, sem os quais eu não teria me mantido sana.

Ao amigo Luiz Mello, pela confiança e por compartilhar projetos de esperança de dias melhores na luta contra a homofobia/lesbofobia.

À Miriam Grossi, Ana Uziel e toda equipe do NIGS, pelas oportunidades de intercâmbio de informações e saberes na esfera dos direitos sexuais e reprodutivos.

À Fulvia Rosemberg e Jaqueline Brigagão, pelas considerações na qualificação e indicações de leitura.

À Suzana Oellers, pela leitura atenciosa e pelo estímulo ao aperfeiçoamento da escrita.

À Iara, pelo acolhimento na sua casa, em Campinas, e pela disponibilidade em revisar este trabalho.

À Hilary, pela revisão da versão em Inglês do resumo.

À Luciana, pelos cuidados e retaguarda logística para que eu pudesse trabalhar com tranquilidade.

Ao Instituto de Medicina Social/UERJ e à Fundação Ford, pela oportunidade de participar do Programa de Metodologia de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva, realizado em 2004.

À Rede Globo, especialmente Vânia Costa, pelo envio das imagens e documentos impressos sobre a novela.

À CAPES, pela Bolsa de Estudos.

À Universidade Católica de Goiás, pela licença do trabalho, que me possibilitou dedicação integral durante três anos à realização desta tese.

Ao Departamento de Psicologia da UCG, pela confiança e compreensão.

Ao Transas do Corpo, lugar que há 21 anos me abastece de energia e me faz renovar as esperanças num mundo melhor.

Aos meus irmãos Leo, Antônio, Marcos, e à família extensiva, por tudo que significam na minha vida, pela paciência de agüentar muitas negativas para estarmos juntos.

À Manu e Leon, pela delícia e privilégio da aprendizagem.

À Cassandra, pelo amor incondicional e pela companhia carinhosa.

*As palavras me antecedem e ultrapassam, elas me tentam e modificam (...) meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias(...)*

*Clarice Lispector*



## Resumo

BORGES, Lenise Santana. **Repertórios sobre lesbianidade na novela *Senhora do Destino*: possibilidades de legitimação e de transgressão.** São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A pesquisa que resultou nesta tese teve por objetivo compreender as formas de se falar sobre a lesbianidade na telenovela *Senhora do destino* (Rede Globo, 2004-2005) a partir de uma análise discursiva das narrativas intra-novela. A televisão, e especialmente a telenovela, constitui-se como uma prática social bastante presente no cotidiano da população brasileira. As novelas produzidas no Brasil ocupam lugar privilegiado e de fácil acesso como fonte de informação e entretenimento, além de desempenharem um papel importante na produção, manutenção e veiculação de determinadas versões sobre questões sociais, sobretudo em assuntos tabus como é o caso da lesbianidade. Diferentemente de suas antecessoras, a novela *Senhora do Destino* abordou o tema de forma direta e contínua, ampliando os sentidos atribuídos à lesbianidade, em função da variabilidade dos repertórios e dos posicionamentos apresentados pelas personagens no decorrer da trama. A postura construcionista, aliada a uma leitura feminista, permitiu compreender a noção de lesbianidade como uma construção social na qual os discursos e a linguagem empregados variam segundo o contexto social e histórico específico. Tendo esse enquadre teórico-epistemológico como um olhar que perpassa todo o trabalho, questiono a inevitabilidade da existência da categoria lesbianidade, abrindo caminhos para buscar sua desnaturalização, caminho compartilhado tanto pelo construcionismo quanto pelo feminismo pelo caráter político que lhes é particular. O foco de análise se deu a partir das práticas discursivas, entendidas como linguagem em ação e a compreensão de que as versões são sempre múltiplas, situadas e dialógicas. A novela, por suas características peculiares, funciona como um contexto favorável à definição, delimitação e ressignificação de “problemas” sociais. Os resultados desta pesquisa apontam para um duplo efeito na introdução da temática lesbianidade na novela. Se, de um lado, o processo de assimilação da categoria lésbica provoca uma maior “familiarização” do assunto na sociedade, bem como a circulação de códigos/modelos que propiciam a legitimação de relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo, de outro, o modo como ocorrem os processos de legitimação/aceitação não propicia uma desestabilização de normas sociais e de modelos hegemônicos. A retórica discursiva da novela é construída a partir da idéia de “casal”, cuja referência é sua forma heterossexual, expressão naturalizada de sexualidade e/ou relação amorosa submetida, sem qualquer problematização, face à relação lésbica apresentada.

Palavras chaves: Psicologia Social, Construção Social, Lesbianidade, Telenovela, Práticas Discursivas.

## Abstract

BORGES, Lenise Santana. **Repertoires on lesbianity in the soap opera *Senhora do Destino*: possibilities of legitimation and transgression.** São Paulo, 2008. Thesis (Doctorate in Social Psychology) – Graduate Program in Social Psychology, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

The research on which this thesis is based sought to understand the ways of speaking about lesbianity in the soap opera *Senhora do Destino* (Globo Network, 2004-2005) from the perspective of discursive analysis. Television, and particularly soap operas, are a daily social practice very common among Brazilians. The soap operas produced in Brazil are a highly popular and widely accessible source of information and entertainment. In addition, they play an important role in the production, maintenance and dissemination of selected perspectives on social questions, especially those considered taboo as in the case of lesbianity. Unlike earlier soap operas, *Senhora do Destino* approached the subject directly and continuously, enhancing the meanings attributed to lesbianity due to the variability of the repertoires and opinions of the characters along the story. The constructionist perspective together with a feminist reading allowed me to understand the notion of lesbianity as a social construction in which the discourses and the language adopted vary according to the social and historical context. Taking this epistemological and methodological approach into account, I question the inevitability of the existence of the category lesbianity, searching for ways to look for its denaturalization, a path shared by both constructionism and feminism. The analysis was centered on discursive practices, understood as language in action and also the understanding that there are always multiple, situated and dialogical versions of conversation. For its singular characteristics, the soap opera functions as a propitious context for the definition, delimitation and resignifying of social “problems”. The results of this research suggest parallel effects of the introduction of the issue of lesbianity in the soap opera. On one hand, the process of assimilation of the lesbian category provokes a broader “familiarity” with the issue in society, as well as the presence of codes/models that allow the legitimacy of same sex relations. On the other hand, the legitimizing/acceptance processes occur in ways that do not provoke the destabilization of social norms and hegemonic models. The discursive rhetoric of the soap opera is constructed from the idea of “couple”, in which the primary reference is the naturalized heterosexual expression of sexuality and/or love relation, which is employed, without questioning, vis-à-vis the lesbian relationship on view.

Key words: Social Psychology, Social Constructionism, Lesbianity, Soap Opera, Discursive Practices.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b>	1
<b>CAPÍTULO 1. CONSTRUCIONISMO, LINGUAGEM E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO COTIDIANO: ENQUADRE TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICO</b>	7
1.1. Sobre o construcionismo	7
1.2. Aproximações construcionistas à lesbianidade	13
1.3. Construcionismo na Psicologia Social	16
2. Práticas discursivas no cotidiano: a linguagem em ação	19
2.1. De repertórios interpretativos e tempos	21
2.2. Os tempos	22
3. Elementos centrais na análise de práticas discursivas	23
3.1. Comunicação como interanimação dialógica: enunciados povoados por vozes e gêneros discursivos	23
3.2. O uso de nomeações no jogo de posicionamentos	25
<b>CAPÍTULO 2. HOMOSSEXUALIDADES E A CONSTRUÇÃO DA CATEGORIA LESBIANIDADE</b>	29
2.1. Sobre sexo e (homo)sexualidades	29
2.2. Homossexualidade/lesbianidade em discussão: de condição à construção	34
2.3. Ramificações políticas do debate entre essencialismo e construcionismo	38
2.4. Teorizações sobre lesbianidade: deslocamentos intrigantes	43
2.5. Teorizações sobre lesbianidade a partir dos movimentos lésbico e feminista: tensões criativas	49
2.6. Estudos sobre lesbianidade no Brasil: notas introdutórias	51
<b>CAPÍTULO 3. TV E TELENOVELA: A CONSTRUÇÃO DE “PROBLEMAS” SOCIAIS</b>	54
3.1. Televisão brasileira: especificidade, exuberância e o seu papel na construção de “problemas” sociais	54
3.2. Aspectos conceituais e históricos da telenovela brasileira	57
3.3. O papel da telenovela na construção da visibilidade da	63

homossexualidade/lesbianidade	
3.4. Abertura para a sexualidade: a visibilidade como estratégia política e como espetáculo	65
3.5. Lesbianidade nas novelas da Rede Globo: <i>Vale Tudo</i> , <i>Torre de Babel</i> , <i>Mulheres Apaixonadas</i> e <i>Senhora do Destino</i>	70
<b>CAPÍTULO 4. PROCEDIMENTOS: O PERCURSO METODOLÓGICO</b>	<b>75</b>
4.1. A escolha da novela <i>Senhora do Destino</i>	75
4.2. Recursos para contextualização da novela	76
4.3. Cenas da novela <i>Senhora do Destino</i>	79
4.4. Procedimentos de análise	80
4.5. Organização e transcrição do material	82
4.6. Identificação dos repertórios interpretativos	84
<b>CAPÍTULO 5. SITUANDO A TELENOVELA SENHORA DO DESTINO</b>	<b>85</b>
5.1. A história da relação entre Eleonora (Leo) e Jenifer (Jen)	86
5.2. Autoria e perfil das personagens	88
5.3. <i>Senhora do Destino</i> : uma novela recordista	92
<b>CAPÍTULO 6. LINHAS NARRATIVAS: NOMEAÇÕES, DESLOCAMENTOS E TENSÕES INTRA-NOVELA</b>	<b>94</b>
PARTE I: DA AMIZADE AO SEXO	95
6.1. O encontro entre Eleonora e Jenifer	95
6.2. O estranhamento	97
6.3. O questionamento	98
6.4. Deslocamento: a classificação	100
6.5. Da amizade ao que não pode ser nomeado	105
6.6. Sexualidade insinuada: novos repertórios em cena	107
PARTE II: AMOR, MATERNIDADE, COABITAÇÃO, CONJUGALIDADE, CASAMENTO, FAMÍLIA: DESENVOLVIMENTO DA IDÉIA DE “CASAL”	109
6.7. Amor e Família	110
6.8. O projeto de adoção de um filho	113
6.9. A decisão de morar juntas	115

6.10. A primeira e única briga	118
6.11. Relações não convencionais em contextos convencionais?	119
<b>CAPÍTULO 7. POSICIONAMENTOS: ASSIMILAÇÃO, NORMALIZAÇÃO E TRANSGRESSÃO EM <i>SENHORA DO DESTINO</i></b>	120
7.1. O processo de “normalização” da relação entre Eleonora e Jenifer – aceitação/convivência intra-novela	120
7.2. O caso Sebastião	121
7.3. O caso Giovani	125
7.4. Transgressão “normalizada”	132
<b>DE VISIBILIDADES E INVISIBILIDADES – COMENTÁRIOS FINAIS</b>	136
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	141

## **ANEXOS**

- Anexo 1** Descrição geral de cada cena (numerada e datada) da telenovela *Senhora do Destino*, na qual aparece pelo menos uma das integrantes do par Jen e Leo, com a presença ou não de outras personagens, e o contexto em que a cena ocorreu.
- Anexo 2** Reportagens veiculadas na *Folha de S.Paulo online* sobre a telenovela *Senhora do Destino* no período de junho de 2004 a março de 2005

## **INTRODUÇÃO**

### **POR QUE ENTRAR NO DEBATE SOBRE A CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE LESBIANIDADE?**

A sexualidade é reconhecida como arena simbólica e política ativamente disputada, especialmente pelo interesse em sua gestão e regulação. Pesquisadores/as das Ciências Humanas, inclusive da Psicologia, tornaram-se importantes articuladores para a formulação e a disseminação de discursos sobre homossexualidade/lesbianidade fortemente influenciados pelas Ciências Biológicas, as quais, por sua vez, privilegiam aspectos descritivos dos comportamentos sexuais e, com frequência, apresentam conclusões de tendência normativa e disciplinar. Abordar a sexualidade sem a devida contextualização social e histórica é questionável, pois faz com que ela seja compreendida como algo natural, pouco problematizada e sem relações com o contexto.

Autores como Weeks (2001), Giddens (1993), Vance (1995) apontam para os perigos de leituras descontextualizadas e mostram que a discussão da sexualidade tem passado por grandes transformações no decorrer da história, desde a categorização e fixação dos sujeitos, denominando-os “desviantes” e utilizando termos como “homossexual” e “pederasta” para classificá-los, até a atualidade, quando o âmago da questão se desloca para a perspectiva dos direitos humanos.

Como lembra Ariès (1985), uma das características do nosso tempo é o enfraquecimento da proibição em torno da homossexualidade. Se em outros momentos da história a homossexualidade foi declarada como “o amor que não ousa dizer o nome”, a partir do final da década de 1980 houve uma proliferação de discursos e reformulações sobre sua imagem, seja na produção acadêmica (CARVALHO, 1995; HEILBORN, 2004; MELLO, 2005; MOTT, 1987; NAVARRO-SWAIN, 2000; PORTINARI, 1989; UZIEL, 2002, GROSSI, 2003), seja no aumento da exposição da sexualidade homossexual/lésbica em vários tipos de mídia.

O advento da aids, na década de 1980, é reconhecido como um evento histórico determinante na qualificação do debate sobre a sexualidade. A promoção de um debate mais aberto sobre a sexualidade em geral, e sobre a homossexualidade em particular, descortinou aspectos até então intocados da vida social, promovendo um impacto específico sobre o silêncio em torno dessas questões (BORGES, 2007).

Marguerite Moritz (1995) enfatiza a importância do papel dos meios de comunicação na construção da aids<sup>1</sup> e de outras referências para sexualidade gay/lésbica. Apesar das implicações negativas, a autora conclui que os meios de comunicação contribuíram para que gays e lésbicas (mais por associação e implicação) tivessem visibilidade (BORGES, 2007).

Além da finalidade mercadológica, a recorrência de exposição na mídia televisiva do tema da homossexualidade/lesbianidade sugere uma certa abertura para esses assuntos. A TV<sup>2</sup> é uma mídia bastante expressiva no cotidiano da população nacional<sup>3</sup> e as novelas ocupam lugar privilegiado em nossa sociedade, não só como fonte de lazer, mas também como importante elemento de identificação popular e integração nacional (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002).

A partir de 1988, uma seqüência de novelas na Rede Globo – *Vale Tudo* (1988-1989), *Torre de Babel* (1998-1999), *Mulheres Apaixonadas* (2003), *Senhora do Destino* (2004-2005), *América* (2005), *Páginas da Vida* (2006-2007), *Paraíso Tropical* (2007) – indicam que a temática da homossexualidade/lesbianidade vem ganhando espaço e visibilidade na mídia, o que me instiga a indagar sobre as formas como isso tem se dado.

---

1 Seguindo a perspectiva de Nascimento (2007), a palavra aids com letras minúsculas é utilizada como substantivo comum para se referir à doença.

2 A mídia televisiva, predominantemente a estadunidense e a inglesa, têm apresentado uma série de programas e seriados com personagens gays/lésbicos ou que abordam a temática da homossexualidade/lesbianidade: *Will&Grace*, *Ellen*, *Angels in América*, *Queer as folk* e *L Word*, entre outros.

3 Segundo dados do IBGE 2006, 93,5% dos domicílios brasileiros possuíam aparelho de TV contra 89,1% em 2001.

Os movimentos feminista<sup>4</sup> e homossexual<sup>5</sup> têm sido apontados como impulsionadores dessas transformações (COSTA, J. F., 1998). Aliados no combate à naturalização da sexualidade, esses movimentos tiveram importante papel na crítica e rejeição das visões e práticas em relação à sexualidade, apontando para a necessidade de concebê-la como construção social. O campo dos direitos sexuais e reprodutivos tem se configurado como uma esfera primordial de trânsito dos discursos sobre a especificidade de movimentos sociais e a necessidade da inclusão do tema da diversidade colocada pela atualidade. Nos anos 2000, o Brasil tem assistido a uma maior articulação entre os movimentos feminista e lésbico, favorecendo coalizões que têm agregado diferentes atores sociais em torno de uma pauta comum: os direitos sexuais (BORGES, 2004).

A maior parte dos estudos acerca do tema lesbianidade se concentra nas Ciências Humanas (Antropologia e Psicologia), em sua grande maioria focalizando processos de construção de identidades por meio da análise das trajetórias de vida das mulheres estudadas. Pesquisas sobre a relação entre lesbianidade e mídia e, mais especificamente, entre lesbianidade e telenovela, ainda são escassas<sup>6</sup>, o que aponta para um campo fértil a ser explorado.

A Psicologia Social de cunho construcionista, enquadre teórico-epistemológico que norteia este estudo, oferece inúmeras possibilidades de reflexão sobre o tema, na medida em que pressupõe que fenômenos sociais como a lesbianidade e sua respectiva formalização conceitual não são naturais, mas, sim, construções sociais fortemente influenciadas pela linguagem social e pelo contexto que os condiciona.

---

4 Compreendo o feminismo como um movimento social, não homogêneo, de luta das mulheres por igualdade de direitos civis, econômicos, sociais e políticos.

5 Movimento social que centra suas lutas especificamente nas reivindicações da população homossexual.

6 Citelli (2005) faz um levantamento de pesquisas sobre mídia nas Ciências Sociais que enfocam a sexualidade. Os exemplos citados pela autora se situam majoritariamente em contextos da mídia escrita. No entrecruzamento entre mídia televisiva e sexualidade, a autora destaca o trabalho de Hamburger (2001), que analisa as representações sobre reprodução em telenovelas brasileiras veiculadas de 1970 a 1997.



O objetivo do presente estudo é compreender as formas de se falar sobre a lesbianidade<sup>7</sup> na telenovela<sup>8</sup> *Senhora do destino* (2004-2005) a partir de uma análise discursiva das narrativas intra-novela. A escolha de *Senhora do Destino* se deve ao fato de esta ter sido a primeira novela da televisão brasileira a apresentar duas mulheres que se enamoram e decidem viver juntas como personagens centrais. Nesse sentido, as narrativas e os diálogos entre essas personagens ganharam centralidade nesta análise.

A presença do tema lesbianidade em uma novela poderia sugerir:

- a) maior aceitação social entre pessoas do mesmo sexo
- b) espetacularização do tema para fins do IBOPE

Qualquer uma das duas opções permite afirmar que a veiculação desse tema contribui para uma maior legitimação da relação entre pessoas do mesmo sexo. Entretanto, a televisão, como meio de comunicação regulada, opera predominantemente por meio de uma tendência à reiteração das normas, não podendo intencionalmente desestabilizá-las. Uma das regras para que ela possa veicular seus produtos é a garantia de que os mesmos não fujam das “fórmulas” ou padrões socialmente instituídos – família, maternidade e casamento. Nesse sentido, a probabilidade de introduzir temáticas fora dos padrões estabelecidos é pequena. Mesmo não “rompendo” com as normas sociais, os efeitos de desestabilização e familiarização sugerem a possibilidade de aceitação/convivência.

---

7 Estou ciente das diferentes nomenclaturas utilizadas por autores que estudam a temática: homocorporalidade (Heilborn, 1992), homossexualidade (McRae, 1990; Fachini, 2005), homoerotismo (Costa, 1995), homoafetividade (Pereira, 2006), ou a mistura de alguns desses termos. Utilizarei o termo homossexualidade como forma de não negar a história de construção das terminologias e adoto o termo lesbianidade em consonância com a proposição dos movimentos lésbicos brasileiros que chamam atenção para o caráter patologizante de termos como lesbianismo.

8 Inicialmente utilizadas por indústrias norte-americanas de artigos de limpeza e higiene pessoal, como a Colgate-Palmolive e a Gessy Lever, as chamadas *soap operas*, novelas para vender sabão, tinham como público-alvo donas-de-casa, consumidoras preferenciais desse tipo de produto.

Tomando os aspectos acima delineados, proponho, nesta tese, analisar as seguintes questões:

a) Quais repertórios sobre lesbianidade a novela está produzindo e/ou divulgando?

b) Que narrativas sobre lesbianidade (quem fala, de onde fala, com quem fala, como fala) são privilegiadas?

c) Que estratégias discursivas são utilizadas para possibilitar a permanência da temática lesbianidade na telenovela?

d) Que formas específicas a novela utiliza para falar de lesbianidade? Elas legitimam ou desestabilizam normas sociais? Quais?

Para responder às questões enunciadas, esta tese está organizada da seguinte maneira:

No capítulo 1, *Construcionismo, Linguagem E Produção De Sentidos No Cotidiano: O Enquadre Teórico-Epistemológico*, faço uma breve caracterização do construcionismo social a partir da Psicologia Social, dialogando com Spink e Frezza (2000), Hacking (2001), Ibáñez (1994; 2001), Iñiguez (2003) e tomando como ilustração da posição construcionista vinculada ao tema da lesbianidade a pesquisa da psicóloga social Kitzinger (1987). Ainda nessa perspectiva construcionista, faço uma breve caracterização teórica das práticas discursivas e de seus principais conceitos.

No capítulo 2, *Homossexualidades e a construção da categoria lesbianidade*, apresento um histórico da emergência da noção de homossexualidade, em particular da lesbianidade, e as principais correntes teóricas que subsidiam essa discussão na produção nacional e internacional. Esse esforço está pautado na premissa de que, para entender as formas atuais de se falar sobre a lesbianidade, é preciso compreender como esses discursos foram sendo construídos ao longo da história e quais saberes estão envolvidos nessa produção.

No Capítulo 3, *TV e Telenovela: a construção de “problemas sociais”*, discuto o papel da mídia televisiva como mecanismo de permanência e/ou de transformação cultural no quadro específico das telenovelas. Exploro o papel da telenovela, produto midiático de grande alcance na sociedade brasileira, abordando-a em seus aspectos conceituais e históricos.

No Capítulo 4, *Procedimentos: Situando o percurso metodológico*, explico os caminhos metodológicos percorridos nesta pesquisa, justifico a escolha da telenovela *Senhora do destino* (2004-2005) e introduzo o material a ser analisado (cenas da novela, resumo dos capítulos e boletim de programação da Rede Globo). Apresento, também, a análise das práticas discursivas empregada neste estudo, com a qual se buscam os sentidos atribuídos à lesbianidade.

No Capítulo 5, *O papel da telenovela senhora do Destino na construção da visibilidade lésbica*, apresento o enredo da novela *Senhora do Destino*, especialmente a história do par lésbico Eleonora e Jenifer. Aspectos mais pontuais, como a importância da autoria no processo de construção da novela e os perfis das personagens, também são contemplados, assim como alguns indicadores que demonstram o sucesso da novela.

No Capítulo 6, *Linhas narrativas: nomeações, deslocamentos e tensões intra-novela*, analiso os diálogos entre as personagens no sentido de apreender os conteúdos e os posicionamentos no decorrer da novela. Busco as nomeações como sinalizadores dos repertórios empregados, focalizando permanências e variâncias. Ao explorar os contextos nos quais a relação lésbica é colocada em evidência na trama, analiso os deslocamentos e as tensões, à luz das teorias desenvolvidas nos primeiros capítulos.

No capítulo 7, *Posicionamentos: assimilação, normalização e transgressão em Senhora do Destino*, discuto, mais especificamente, o processo de aceitação/convivência a partir dos diálogos empreendidos pelas personagens Giovani e Sebastião, explorando a discussão sobre a tensão normalização/transgressividade no desenrolar da trama.

Nos *Comentários finais* retomo as questões enunciadas na Introdução.

## CAPÍTULO 1

### CONSTRUCIONISMO, LINGUAGEM E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO COTIDIANO: ENQUADRE TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICO

#### 1.1. Sobre o construcionismo

Ancorado no marco das Ciências Sociais, o construcionismo abriga diversas tendências e autores/as. Presente em diferentes disciplinas – Sociologia, Antropologia, Filosofia, Biologia e Psicologia (inclusive a Psicologia Social) –, a perspectiva construcionista pode englobar um conjunto bastante heterogêneo de idéias e compromissos.

Segundo Spink e Frezza (2000), três movimentos, de forma interdependente, caracterizam a emergência da perspectiva construcionista: na Filosofia, como uma reação ao representacionismo; na Sociologia do Conhecimento, como uma desconstrução da retórica da verdade; e na Política, como busca de *empowerment* de grupos socialmente marginalizados.

As reflexões construcionistas se inserem no âmbito das perspectivas teóricas que fazem uma ampla crítica cultural, epistemológica e teórica ao pensamento científico moderno, o que faz com que sejam reconhecidas por seu caráter político (ÍÑIGUEZ, 2002).

Uma das preocupações da postura construcionista remete à produção e aos efeitos do conhecimento científico na vida das pessoas, constatando diferentes pesos e formas de legitimidade na construção do conhecimento, dependendo do lugar e da posição daqueles que produzem definições e noções sobre o mundo. Nesta tese, a postura construcionista é uma poderosa aliada para questionar definições concebidas como “naturais” aquilo que se convencionou chamar de homossexualidade/lesbianidade. Essa noção está intimamente comprometida com os saberes e vozes que contribuíram para essa elaboração. As reflexões construcionistas ajudam a perceber que as noções sobre os objetos não são naturais, e sim construídas. Mais do que um referencial teórico, o

construcionismo social se constitui, nesta tese, como um olhar crítico sobre a construção do conhecimento produzido no meio acadêmico ou no senso comum.

Empresto a palavra “movimento” de Gergen (1985) para me referir às reflexões e posturas críticas de estudiosos/as, pesquisadores/as e ativistas preocupados em problematizar a concepção, os pressupostos e o modo de fazer ciência na modernidade. O termo “movimento” ajuda a entender tanto a diversidade, a heterogeneidade e as tensões evocadas numa análise construcionista, quanto os aspectos dinâmicos, descontínuos, híbridos e abertos a novas configurações. Essas reflexões estão presentes em diversas áreas das Ciências Sociais e provocaram, segundo Danzinger (1997), grande impacto na Psicologia.

Alguns autores – entre eles, Hacking – advertem para o perigo da proliferação e cooptação da expressão “construção social”, mostrando que, longe de uma homogeneidade, há uma grande diversidade de interpretações sobre os significados da postura construcionista. Ciente da heterogeneidade de acepções, Hacking (2001) sugere a existência de um ponto de partida que une todas as compreensões e aplicações da posição construcionista, que pode ser resumida na seguinte premissa: para que um fenômeno social qualquer (X) exista, não precisaria ter existido anteriormente, ou ser exatamente como é no momento presente; não está determinado pela natureza das coisas e não é inevitável.

Transpondo essa premissa para o corpo da tese, X (a categoria lesbianidade) não precisaria ter existido anteriormente, ou ser exatamente como ela é na atualidade. Ao problematizar um determinado X, Hacking (2001) enfatiza que uma investigação orientada pela posição construcionista deve ser crítica em relação ao *status quo* e precisa adotar uma postura desnaturalizadora durante seu processo, de forma que coloque em cheque a naturalização de fatos sociais, ou seja, centra esforços no sentido de entender os caminhos de construção dos fatos sociais. No caso desta tese, o esforço é no sentido de entender o processo de naturalização de categorias sexuais – homossexualidade e lesbianidade –, interrogando, em diferentes níveis, a existência dessas categorias.

Ao assinalar diferentes formas de realizar uma pesquisa construcionista, Hacking (2001) afirma que nem todas as posições construcionistas avançam no sentido de alterar o significado dos conceitos que mantêm determinados fenômenos sociais. Segundo o autor, adotar uma postura desnaturalizadora dos fenômenos sociais e entender o processo de construção dos fatos sociais, refere-se somente a um dos possíveis níveis de compromisso na pesquisa construcionista.

Para explicar os diferentes níveis de compromisso político na pesquisa construcionista, Hacking toma por ilustração os estudos feministas que se utilizam da premissa construcionista para combater a essencialização das diferenças entre os sexos. Segundo ele, a idéia da inevitabilidade da diferença entre os sexos era questionada desde o texto seminal de Simone de Beauvoir, cujo argumento central pode ser resumido na célebre frase “não se nasce mulher, torna-se”. No entanto, Hacking utiliza-se do mesmo exemplo feminista para explicar os diferentes graus de compromisso de uma pesquisa construcionista feminista no sentido de “desessencializar” as diferenças entre os sexos.

Hacking (2001, p.28) assinala que “há muitas diferenças teóricas entre as feministas que utilizam ou aludem a idéias de construção”, desde o que ele chama de construcionismo reformista – que trabalha no sentido de desnaturalizar a inevitabilidade das diferenças entre os sexos, mostrando que ela é altamente contingente, produto de forças históricas e da ideologia que conforma esse pensamento – até as feministas revolucionárias que, além de criticar argumentos que sustentam as diferenças entre os sexos, trabalham no sentido de implodir qualquer categoria, e fazem do ativismo político o caminho para transformar o mundo em relação a “X”.

Segundo o autor, feministas como Beauvoir, Scheman, Butler e Wittig, trabalham pela desnaturalização do conceito de sexo, porém, utilizam a idéia de construção cada uma a seu modo, implicando distintos níveis de compromisso político, que variam, conforme Hacking (2001), de um construcionismo reformista, rebelde, até um construcionismo revolucionário.

Na visão de Hacking (2001), Scheman (1993) é uma construcionista reformista, pois almeja desconstruir a inevitabilidade das diferenças entre os sexos a partir da utilização do conceito de gênero. Scheman concebe gênero como algo agregado à fisiologia, um produto contingente do mundo social, ou, ainda, uma ideologia que sustenta que as mulheres estão submetidas, essencialmente, à dominação masculina. A partir dessa premissa, o compromisso assumido é, então, tentar alterar alguns dos aspectos da naturalização de “X” pela reflexão do que causa “X”, sem contudo afirmar publicamente que é possível deixar de considerar “X” como algo passível de deixar de existir.

Butler (2003), na acepção de Hacking, é uma construcionista rebelde, pois extrapola a idéia de gênero como construção social, implicando também o corpo nesse processo conseqüentemente, a complexificação da análise talvez desestabilize o que era nomeado de “construção”. Na postura rebelde, fica claro que estaríamos melhor sem “X”.

Wittig (2006), diz Hacking, pode ser considerada uma construcionista revolucionária, pois postula que tanto as categorias sexuais quanto as categorias de gênero deveriam ser derrubadas. Segundo a autora, a lésbica é um agente da revolução, porque vive até as últimas conseqüências a recusa de ser homem ou mulher.

Hacking explicita os pressupostos de uma postura construcionista por meio da aplicação prática dos conceitos construcionistas na pesquisa feminista. Ao classificar a postura adotada nos trabalhos das feministas, o autor mostra a variedade e heterogeneidade de posições construcionistas. Porém, ao classificar, incorre no risco de instaurar hierarquias, sem problematizar que o ato de categorizar não é isento de valores e de poder. Nesse sentido, convém perceber as categorias como práticas discursivas situadas, nas quais o posicionamento de quem efetua o ato de categorizar pode gerar distorções nas análises empreendidas, o que reforça a idéia da necessidade de realizar um esforço no sentido de explicitar os lugares de fala do/da pesquisador/a.

É possível que o conhecimento avance sem classificação? Essa é uma discussão antiga e parece que a busca pelo conhecimento está associada ao empenho de alguns/mas pesquisadores/as em cunhar classificações que consigam descrever determinados estados ou acontecimentos. Segundo Edwards (1991), o ato de categorizar é indissociável dos processos utilizados para organizar, classificar e explicar o mundo.

A reflexão de Edwards sugere que os processos de classificação, expressos por meio das práticas discursivas, estão intrinsecamente vinculados à produção do conhecimento, e que os tipos de categorias produzidas refletem as especificidades dos contextos que as produzem.

No entanto, mais do que ratificar a importância do ato de categorizar para o avanço do conhecimento, a postura construcionista possibilita pensar que a criação de categorias específicas, como homossexualidade/lesbianidade (e os termos a elas associados – homossexual e lésbica), não precisariam necessariamente existir; fazem parte de uma história recente de intenso escrutínio científico na busca incessante por definições “corretas” para aqueles que praticam atividades sexuais com indivíduos do mesmo sexo. Essa forma de fazer ciência presume a possibilidade de descobrir uma razão (biológica, psicológica) que possa elucidar o que veio a se configurar como um “tipo”<sup>9</sup> de pessoa, denominada homossexual/lésbica.

Segundo Hacking (2001), essas categorizações, aparentemente inevitáveis, foram geradas dentro de determinados enfoques teóricos e culminaram em determinadas produtos, isto é, em formas de tratamento, inclusão e exclusão. Mas o que está em jogo nas classificações? Para o autor, a contingência é o que marca cada classificação, pois as categorizações refletem um tipo de ciência, uma determinada atitude médica e social de uma época particular. Em sua concepção, as classificações são produzidas dentro de complexas matrizes compostas por teorias, práticas e instituições que as sustentam. Essas matrizes são responsáveis

---

9 Hacking (2001) define “tipo” como uma grande classificação que se estabelece a partir de interações sociais, negociações de sentido e que funciona a partir de matrizes sustentadas por instituições e práticas.



pela divulgação e circulação de determinadas idéias e práticas que operam no sentido de conformar nossa visão de mundo sobre certos assuntos.

Hacking (2001) enfatiza, ainda, que essas classificações são interativas, pois produzem efeitos tanto nas pessoas classificadas como nas pessoas e instituições que compõem o seu entorno. Por serem interativas, há sempre a possibilidade de que aqueles/as que são classificados, bem como aqueles que convivem com essas classificações, reajam ou se ajustem a elas. O movimento de liberação *gay*<sup>10</sup>, um dos exemplos de recusa da visão patológica da homossexualidade e de reordenamento dos sentidos em relação à homossexualidade/lesbianidade, tem buscado enfoques teóricos alternativos à visão patológica. Por outro lado, parte da sociedade percebe as mudanças sociais e discursivas na forma de abordar a homossexualidade/lesbianidade como uma ameaça e reagem, muitas vezes, de forma violenta a qualquer possibilidade de alteração da norma heterossexual.

Embora, na visão de alguns profissionais, a conceitualização de homossexualidade/lesbianidade como patologia ainda persista, ela começa a sofrer profundos impactos a partir dos anos 1970. Após rever estudos que argumentavam que a homossexualidade não se enquadrava nos critérios utilizados na categorização de doenças mentais, a APA (American Psychiatric Association) retirou a homossexualidade do seu “Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais” (DSM) em 1973 e foi seguida, 20 anos mais tarde, pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Na esteira das decisões citadas, o Conselho Federal Brasileiro de Psicologia, através da Resolução 0001/99<sup>11</sup>, considerou que

a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão... há, na sociedade, uma inquietação em torno das práticas

---

10 Segundo Green (1999), a adoção do termo *gay* pelo movimento homossexual americano se configurou como estratégia política para combater os sentidos negativos e pejorativos do vocábulo homossexual. Entretanto, essa terminologia foi criticada por ser muito genérica e não propiciar a visibilidade das lésbicas.

11 Resolução No. 001/99 disponível no site [www.crpsp.org.br](http://www.crpsp.org.br) na seção “Legislação” / “Normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual (Resolução CFP nº 001/99)”.

sexuais desviantes da norma estabelecida sócio-culturalmente [e, especialmente, que] a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações.

As mudanças na forma de perceber a homossexualidade remetem à intensa negociação de sentidos na sociedade moderna, mostrando que essa é uma arena “simbólica e política altamente disputada, em que grupos lutam para implementar plataformas sexuais e alterar modelos e ideologias sexuais” (VANCE, 1995, p.15). Portanto, estão inseridos em campos que apresentam múltiplas possibilidades discursivas inseparáveis do campo social e político.

Nesta tese, trato o construcionismo social como uma posição epistemológica, cujo compromisso é de assumir uma postura des-reificante, des-naturalizante e des-essencializante, que radicaliza tanto a natureza social de nosso mundo, como a historicidade de nossas práticas e de nossa experiência. A relação entre sujeito/objeto e conhecimento deve ser compreendida de forma interdependente e dialética, implodindo, portanto, a noção de essência como base. Nessa perspectiva, o conhecimento é visto, como algo construído mediante determinadas práticas humanas. Nesse sentido, a posição construcionista se alinha à outras posições epistemológicas que problematizam a questão da produção do conhecimento científico como algo universal, a-histórico, “verdadeiro” e superior, concebendo-o como prática social situada e contextualizada.

## **1.2. Aproximações construcionistas à lesbianidade**

O processo de construção dos sentidos sobre homossexualidade/lesbianidade no âmbito acadêmico foi o foco da pesquisa da psicóloga social feminista Kitzinger, cuja obra, *The social construction of lesbianism* (1987), é reconhecida por Hacking (2001) e Iñiguez (2003) como exemplo significativo da postura socioconstrucionista.

Kitzinger (1987) assinala que, até os anos 1970, prevaleceram estudos científicos sobre homossexualidade/lesbianidade orientados por modelos teóricos

cuja visão predominante remetia à patologia e ao desvio, fortemente carregada de valoração e práticas de regulação. A visão de lesbianidade como doença, segundo a análise da autora, só emergiu a partir do momento em que algumas relações entre mulheres começaram a ser percebidas como ameaça ao sistema vigente. Como também ressaltam Faderman (2001) e Vicinus (1993), antes do aparecimento da sexologia, as amizades românticas entre as mulheres não atraíam nenhum tipo de desconfiança, nem eram vistas como ameaça.

Através da revisão dos principais estudos acadêmicos sobre homossexualidade/lesbianidade, inclusive na área da Psicologia, Kitzinger (1987) identificou duas principais matrizes que os orientam: uma que coloca a lesbianidade como uma patologia da pessoa e outra que a coloca como um estilo de vida pessoal.

Kitzinger (1987) utiliza o construcionismo social para problematizar essas matrizes, argumentando que ambas são construções sociais impregnadas de valores e idéias decorrentes de determinado modelo teórico produzido em certo momento histórico e social. A autora questiona a neutralidade da ciência e toma o argumento construcionista para criticar a idéia de isenção de valores, tanto do enfoque patológico sobre homossexualidade/lesbianidade quanto daquele que a considera um estilo de vida pessoal.

Apesar de reconhecer que a posição liberal trouxe avanços para o movimento homossexual/lésbico em relação à visão patológica, Kitzinger (1987) afirma que essa visão se aproxima mais de uma postura assimilacionista do que de um questionamento real das estruturas que mantêm as relações de poder desiguais. O grande problema da posição liberal, segundo a autora, é ignorar a questão do poder, transformando áreas de conflito sociopolítico em problemas interpessoais resolvidos facilmente por meio da aprendizagem de habilidades de comunicação e de bem-estar. A abordagem de Kitzinger assinala dois aspectos importantes sobre a posição liberal: no âmbito do conhecimento, a perspectiva assimilacionista também se refere a valores e, no âmbito da ação política, é revisionista, pois ignora a questão do poder.

Segundo a autora, após 1970, os estudos sobre homossexualidade/lesbianidade foram pautados por uma visão de mundo humanista liberal, na qual princípios como liberdade de expressão, tolerância, oposição a qualquer tipo de discriminação – seja por cor, credo, raça ou sexo, substituíram a visão patológica –, enfatizando a idéia de direito individual independente da intervenção do Estado.

Em pesquisas sobre homossexualidade/lesbianidade com enfoque humanista liberal, Kitzinger (1987) identificou quatro tipos de temas: a) crença na similaridade básica entre homossexuais/lésbicas e heterossexuais; b) rejeição ao conceito de homossexualidade/lesbianidade como princípio organizador central da personalidade; c) convicção de que a homossexualidade/lesbianidade é tão natural, normal e saudável quanto a heterossexualidade; d) negação da noção de que homossexualidade/lesbianidade ameace a família nuclear e a sociedade na forma como as conhecemos.

Como alternativa à posição humanista liberal, Kitzinger (1987) propõe a utilização de teorias elaboradas pelo feminismo radical para compreender a lesbianidade e a heterossexualidade. Seu argumento central é que a forma como pensamos, sentimos e nos definimos está diretamente conectada com as estruturas políticas e sociais, bem como com os processos nos quais elas são construídas. Nos termos colocados pela autora, homossexualidade e lesbianidade devem ser vistos como instituições políticas que rejeitam qualquer tipo de interpretação personalizada.

Kitzinger (1987) reconhece a diversidade de teorias que compõem o que se chama de feminismo radical, mas argumenta que esse é um debate em curso e que a rejeição de qualquer interpretação individual ou pessoal da lesbianidade é central ao feminismo radical. Em concordância com o pensamento de autoras como Rich (1993) e Wittig (2006), que retomo no decorrer deste trabalho, para Kitzinger (1987), o construcionismo e o feminismo radical possibilitam perceber mais fortemente as implicações políticas da lesbianidade e recoloca a “visão pessoal” no âmbito do público e do político. Para o feminismo radical, nem a heterossexualidade nem a lesbianidade são naturais, ambas são construções

políticas: a primeira é uma instituição compulsória e a segunda é um desafio político ao patriarcado.

Diferentemente da posição inatista, que aponta a lesbianidade como uma característica inata de algumas mulheres, a construção social sugere que a lesbianidade só pode ser compreendida em uma leitura que incide sobre os processos históricos e sociais e, portanto, possibilitaram a emergência dessa noção.

No caso desta pesquisa – cujo objetivo é entender as formas de se falar sobre a lesbianidade, tomando a telenovela por contexto –, a análise construcionista permite indagar sobre os processos que levaram a mídia a dar maior visibilidade a essa modalidade de relação afetiva e sexual num contexto histórico particular. Nesse sentido, os múltiplos sentidos conferidos pela mídia, ao fazer uso de diferentes conteúdos em seus processos comunicativos, não são fixos nem inevitáveis, mas variam segundo as condições sociais, históricas e econômicas.

Optar pela perspectiva construcionista, na qual a produção discursiva tem papel fundamental, significa entender que a produção da noção de lesbianidade não é algo derivado do ser humano – visão essencialista –, mas é intrinsecamente dependente dos processos de negociação da linguagem e atribuição de sentidos. A construção da categoria lesbianidade só foi possível mediante a ocorrência de uma série de mudanças na ciência, na política e na ideologia, possibilitando a produção de uma nova matriz, na qual prevalece essa nova noção e com ela uma nova classificação: a lésbica.

### **1.3. Construcionismo na Psicologia Social**

As reflexões construcionistas na Psicologia Social emergiram no período da crise da disciplina, de meados da década de 1960 ao início da década de 1970, como corrente comprometida com a crítica aos pressupostos da ciência moderna, da racionalidade universalista e com uma nova sensibilidade científica pós-positivista (IBÁÑEZ, 1994).

A abordagem construcionista tem possibilitado não somente uma reavaliação crítica dos conceitos da Psicologia, como também a reconstrução de algumas de suas principais noções. Para os/as construcionistas, os fenômenos psicológicos não são “naturais”, posto que são construídos por meio de práticas contingentes, sociais e históricas relativas a uma determinada cultura. Além disso, os fenômenos psicológicos estão parcialmente conformados pelo conhecimento produzido sobre eles. Dessa forma, os/as psicólogos/as co-participam da construção da realidade psicológica ao utilizar conceitos e categorias em seu fazer profissional e também ao produzir conhecimento sobre os fenômenos psicológicos (IBÁÑEZ, 2001).

Para Ibáñez (1994, p.250), o construcionismo “dissolve” a dicotomia sujeito-objeto, afirmando que nenhuma dessas entidades existe propriamente independente da outra e, ainda, que não é possível pensá-las como entidades separadas, questionando, assim, o próprio conceito de objetividade. Conseqüentemente, o conhecimento, o objeto, o sujeito e os critérios que validam o conhecimento são resultados de práticas sociais. Os objetos, tal como os conhecemos, não existem *a priori*, não são dados anteriormente, e os sujeitos estão implicados diretamente nessa construção.

As contribuições construcionistas para a Psicologia Social<sup>12</sup> se configuram, também, como resposta ao pensamento essencialista que advoga a idéia de uma essência irreduzível, estável e não alienada no centro de cada indivíduo humano. Os/as psicólogos/as sociais têm participado, junto com outras correntes, da crítica ao essencialismo, o que tem provocado a redefinição de noções como identidade, *self*, sujeito, linguagem, sexualidade e gênero.

Um outro aspecto a ser salientado sobre as produções construcionistas é a ênfase na interdisciplinaridade. A Psicologia Social brasileira foi gerada a partir de um pensamento crítico ao modelo dicotômico indivíduo–sociedade, cujo resultado contribuiu decisivamente para o diálogo com as demais disciplinas das Ciências

---

12 Iñiguez (2000) apresenta um panorama da produção de autores/as que aderem à perspectiva construcionista no campo da Psicologia.

Sociais que compartilham o mesmo objeto de estudo. À medida em que a Psicologia Social começou a incluir em sua pauta de investigação problemas sociais contemporâneos, a atitude interdisciplinar tornou-se indispensável.

A abordagem construcionista é crítica da idéia de que existem objetos naturais. Para Ibáñez (2001, p.255):

É imprescindível aceitar a idéia de que não existem objetos naturais, que os objetos são como são porque nós somos como somos, os fazemos, portanto não há objetos independentes de nós, nem nós somos independentes deles.

Iñiguez (2003), psicólogo social construcionista, propõe sete elementos norteadores para compreender os questionamentos construcionistas e as contraposições ao pensamento da Psicologia Social tradicional: o anti-essencialismo, o relativismo/anti-realismo, a determinação cultural, o questionamento das “verdades”, a produção social, a construção coletiva e a linguagem.

Através desses elementos, o autor aponta que uma posição anti-essencialista reconhece que as pessoas e o mundo não têm uma natureza determinada, porque não há essência nas coisas e sim efeitos dos processos sociais. O relativismo/anti-realismo refere-se ao fato de que a realidade não existe destacada do conhecimento que se produz sobre ela. A determinação cultural mostra que o conhecimento está, necessariamente, atrelado a uma especificidade histórica e cultural e exige do/a pesquisador/a um contínuo questionamento das “verdades”. Assim, “deve-se pôr em dúvida a maneira como nos ensinaram a olhar o mundo, não só isso, mas também a forma pela qual nos ensinaram a olhar para nós mesmos” (IÑIGUEZ, 2002, p.127). O questionamento das “verdades” ressalta que o conhecimento, incluindo o científico, é uma produção social. Inseparável da ação social, posto que depende do tipo de sociedade e dos processos sociais existentes, o conhecimento deve ser visto como uma construção coletiva, mostrando a interdependência entre conhecimento produzido e sociedade. O conhecimento condiciona nossas práticas sociais que, por sua vez, influenciam

sua produção. Para os construcionistas, a linguagem não é unicamente uma forma de expressão, mas uma forma de ação, uma prática social utilizada na construção do mundo, que demarca uma posição epistemológica, indicando, através de práticas discursivas, não o que as pessoas e o mundo são, mas a posição, a concepção e a noção sobre os mesmos.

Nesse sentido, uma postura crítica e reflexiva na ciência, inclusive na Psicologia, é uma valiosa aliada para potencializar a análise. Em vez de tentar afastar a subjetividade e demarcar a neutralidade, o/a pesquisador/a a transforma em um recurso adicional para compreender que o conhecimento é uma co-construção social na qual ele/a está incluído/a.

A partir dos argumentos de Lñiguez (2003), é possível afirmar que a perspectiva construcionista implica diferentes maneiras de se aproximar da produção do conhecimento. Por um lado, problematizar e desconstruir noções profundamente arraigadas em nossa cultura, por outro, exigir o posicionamento dos sujeitos como participantes ativos no processo de transformação social. Nessa mesma direção, as psicólogas sociais Spink e Frezza (2000, pp.32-33) argumentam que:

No cotidiano de nossas vidas, somos, de fato, produtos de nossa época e não escapamos das convenções, das ordens morais e das estruturas de legitimação. A pesquisa construcionista é, portanto, um convite a examinar essas convenções e entendê-las como regras socialmente construídas e historicamente localizadas. É um convite a aguçar a nossa imaginação e a participar ativamente dos processos de transformação social. Impõe-se, em contrapartida, a necessidade de explicitação de nossas posições: não a escolha arbitrária entre opções tidas como equivalentes, mas a opção refletida a partir de nossos posicionamentos políticos e éticos.

## **2. Práticas discursivas no cotidiano: a linguagem em ação**

Como psicóloga social, um de meus interesses está voltado para a compreensão das controvérsias sobre a sexualidade, particularmente sobre a produção de sentidos sobre a lesbianidade no cotidiano. Entre os vários campos empenhados em dar sentido ao mundo, a mídia, juntamente com outros saberes, cumpre a função de produzir e circular idéias, valores, referências e



posicionamentos sobre o mundo.

Na perspectiva construcionista,

O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e localizadas, constroem os termos a partir dos quais compreendem e se posicionam em situações cotidianas (SPINK, 2004, p.48).

Entre as formas de interação, a linguagem se destaca como um dos modos mais expressivos e efetivos de construção de mundo. A diferença entre a pesquisa construcionista e outros tipos de pesquisa, cujo foco também recai sobre a linguagem, se dá justamente porque nela a linguagem não é mera ferramenta para exposição de idéias, pois falar equivale a construir o mundo, nossas experiências, nossas emoções. Ela se constitui como uma forma de ação no mundo. A linguagem não é a expressão de algo interno ou de um conhecimento prévio, mas faz parte de um processo dinâmico de negociação de sentidos, atualizada por interações cotidianas, e institucionalizada por meio de matrizes que lhe sustentam e legitimam. Afinal, é por meio da linguagem que os sentidos são construídos. O acontecimento que modificou a forma de conceber a linguagem no século XX é denominado de “virada lingüística”, reflexo de profundas mudanças ocorridas na filosofia e nas ciências humanas e sociais. Além de conferir um aumento progressivo de atenção à linguagem, a “virada lingüística” impactou decisivamente as noções sobre a natureza do conhecimento, assim como modificou a própria concepção da natureza da linguagem. Por meio desse acontecimento histórico, a linguagem passa a ocupar um novo *status*, não mais como mera descrição das coisas, mas como constitutiva do mundo (IBÁÑEZ, 2004).

Na Psicologia Social<sup>13</sup>, especificamente no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Práticas Discursivas e Produção de Sentidos, do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (NPDPS), o termo “práticas discursivas” é utilizado para demarcar e distinguir o

---

13 O ramo da Psicologia Social que concebe o conhecimento como uma construção coletiva, na qual a linguagem ocupa um lugar central, é chamado de Psicologia Social Discursiva.

foco de interesse das pesquisas voltadas para o papel da linguagem na interação social. A opção pelo termo práticas discursivas justifica-se, segundo Spink (2004), em função da proposta de distinguir entre dois tipos de leitura: um voltado para o cotidiano e outro direcionado para o uso institucionalizado da linguagem. Na formulação de Spink (2004, p.40), a análise das práticas discursivas deve abarcar os seguintes níveis:

(...) as maneiras pelas quais as pessoas, por meio da linguagem, produzem sentidos e posicionam-se em relações sociais cotidianas e um outro (...) para o uso institucionalizado da linguagem – quando falamos a partir de formas de falar próprias a certos domínios de saber, a Psicologia, por exemplo.

Nesse tipo de abordagem, o cotidiano assume posição de destaque, pois o interesse recai sobre a linguagem em uso, ou seja, refere-se às práticas sociais que circulam no dia-a-dia da conversação. É importante pontuar que apesar do trabalho em práticas discursivas recair sobre as interações cotidianas, a noção de contexto é determinante para estudar não somente os conteúdos, mas também a forma e as circunstâncias da comunicação, nas quais os repertórios interpretativos ocupam papel de destaque.

## **2.1. De repertórios interpretativos e tempos**

Um elemento crucial para a análise das práticas discursivas voltadas para a apreensão dos sentidos que atravessam o cotidiano é o conceito de repertórios interpretativos desenvolvido por Potter e Wetherell (1987). Os autores definem repertório como o conjunto de termos, descrições, lugares-comuns e figuras de linguagem que estão freqüentemente agrupados em torno de metáforas e imagens, utilizando unidades de construção dos discursos e estilos gramaticais próprios. Ainda segundo os autores, esses dispositivos lingüísticos são utilizados em distintas produções discursivas, por exemplo, nos discursos veiculados pela ciência e pela mídia, atuando como substrato para a argumentação. Essas unidades de construção dos discursos demarcam o rol de possibilidades discursivas, tendo como parâmetros o contexto em que as práticas discursivas

acontecem. Os repertórios são utilizados para construir versões das ações, eventos e outros fenômenos que estão à nossa volta.

Segundo Spink e Medrado (2000), o conceito é particularmente útil para o estudo das práticas discursivas, na medida em que incorpora tanto os aspectos da variabilidade e polissemia quanto de estabilidade ou permanência (constância de significados) em uma dada construção lingüística.

Através desta pesquisa, interessa-me apreender a linguagem empregada na telenovela para tratar as diversas versões sobre a lesbianidade que circulam no cotidiano. O ponto de partida para a análise dessas práticas discursivas são as narrativas da novela, o que as personagens dizem a respeito da lesbianidade e como se posicionam diante disso, focando os repertórios que constituem essas narrativas. Parto da premissa de que as narrativas se alimentam de repertórios que circulam ativamente em cada sociedade e dos posicionamentos assumidos na conversação pelos interlocutores. Inscritos na história, os repertórios interpretativos são provenientes de diferentes temporalidades.

## **2.2. Os tempos**

Spink (2004) sugere que os repertórios interpretativos sejam compreendidos através de uma matriz histórica temporal que compreende três tempos: o longo, o vivido e o curto. O tempo longo é definido por Spink e Medrado (2000, p.51) como o “domínio da construção social dos conteúdos culturais que formam os discursos de uma dada época”. Esse tempo abriga conhecimentos produzidos por diferentes domínios do saber – religião, ciência e senso comum –, que se constituem tendo por limite as contingências sociais de cada época e se fazem presentes no cotidiano das pessoas por meio de instituições, modelos, normas e convenções. O tempo vivido é compreendido como o produto dos processos de socialização, tudo aquilo que se aprendeu durante a vida a partir de determinadas experiências e que pertence a determinados grupos sociais. O tempo vivido possibilita a resignificação de conteúdos aprendidos tendo por medida a bagagem acumulada de cada pessoa. O tempo curto é o da

conversaço, também chamado de interanimação dialógica.

O recorte temporal sugerido por Spink (2004) permite entender que os sentidos atribuídos à homossexualidade/lesbianidade perpassam essas temporalidades: as decorrentes do tempo longo – conteúdos culturais definidos ao longo da história da civilização –, do tempo vivido – linguagens sociais aprendidas pelos processos de socialização –, e do tempo curto – relativo aos processos de interação.

Os repertórios são colocados em ação por meio dos processos de interanimação dialógica, propiciando tanto a manutenção de certos modos de falar como novas combinações.

### **3. Elementos centrais na análise de práticas discursivas**

Os principais elementos na análise das práticas discursivas adotados pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Práticas Discursivas e Produção de Sentidos, do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (NPDPS) são os enunciados, a dialogia e as vozes, os posicionamentos e os gêneros de discurso. Os autores que dão suporte a essa discussão conceitual são, respectivamente, Bakthin (1992, 1994) e Davies e Harré (1990).

#### **3.1. Comunicação como interanimação dialógica: enunciados povoados por vozes e gêneros discursivos**

Na perspectiva de Bakhtin (1994), a noção de enunciado refere-se a uma unidade de comunicação e significação necessariamente contextualizada. Segundo Brait e Melo (2005, p.63)

Uma mesma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que esses são únicos, dentro de situações e contextos específicos, o que significa que a “frase” ganhará sentido diferente nessas realizações “enunciativas”.

Dessa forma, o processo de enunciar nunca é um ato monológico, mas um produto da interação social constituída em um processo dialógico no qual diferentes vozes estão inseridas (Bakhtin, 1994). A dialogia na enunciação é o movimento que envolve pelo menos dois interlocutores e insere-se em contexto histórico maior, estabelecendo, impreterivelmente, conexões com o meio social. Os sentidos são produzidos por meio do confronto entre inúmeras vozes.

Diferentemente da palavra ou da sentença, que são unidades de linguagem, o enunciado é uma unidade de comunicação sempre implicada num caráter interativo, social, histórico e cultural. Os enunciados constituem os elos da cadeia comunicativa, cada um deles alimenta, e é alimentado por, outros enunciados. Os enunciados implicam um processo de autoria e, necessariamente, de destinatário. Sua avaliação requer a observação da situação na qual eles aconteceram e o contexto maior que os inserem.

A palavra tem forte apelo relacional, posto que “ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém” (BAKHTIN, 1992, p.113). Assim, palavras e sentenças, em uma leitura bakhtiniana, só adquirem sentido no contexto global do enunciado.

Outro elemento que constitui as práticas discursivas são as formas dos enunciados, que na teoria Bakhtin (1994) são denominados por *gêneros discursivos*<sup>14</sup>, entendidos como uma linguagem social orientada por formas mais ou menos estáveis de enunciados.

Segundo Irene Machado (2005, p.152), a teoria de Bakhtin sobre os gêneros discursivos inseriu novos parâmetros para a análise das formas interativas realizadas pelo discurso, possibilitando pensar o dialogismo do processo comunicativo. Segundo a autora, essa abertura conceitual permitiu maior amplitude para as análises do discurso. Ao introduzir as formações discursivas utilizadas na linguagem do dia-a-dia e aquelas referentes ao amplo campo da comunicação mediada, relacionadas com os meios de comunicação de massa ou

---

14 Tradução empregada por Machado (2005) no livro *Bakhtin: Conceitos-Chave*.

com as modernas mídias digitais, Bakhtin (1994) inaugurou e anteviu novas rotas para a compreensão das diferentes manifestações discursivas.

Bakhtin (1994) é enfático ao afirmar que as pessoas falam através de gêneros discursivos, pois os enunciados vão sendo definidos e relativizados por meio da construção do todo. O pressuposto de que todo enunciado se dirige a um destinatário permite pensar que campos de atuação específicos, como é o caso da mídia televisiva, particularmente as novelas, trabalhem com concepções de destinatários, produzindo gêneros de discursos compatíveis com o que é pressumido.

A partir dessa discussão, é possível afirmar que a telenovela é um gênero discursivo, pois tem, assim como outros produtos da mídia, formas relativamente estáveis e típicas, com estilo e formas próprias de se expressar. O gênero discursivo pode ser também uma ferramenta bastante útil para analisar formas específicas de fala presentes no texto da telenovela<sup>15</sup>. Dessa forma, os sentidos de um produto midiático – neste caso, a telenovela –, devem ser entendidos na perspectiva da relação entre o leitor (na qual também me incluo) e o resultado da produção.

### **3.2. O uso de nomeações no jogo de posicionamentos**

Segundo Davies e Harré (1990), as práticas discursivas nas quais os indivíduos podem se engajar são numerosas e contraditórias, e a pessoa<sup>16</sup> que emerge dos processos de interação social não é fixa, mas se constitui a partir de histórias e posições assumidas nas práticas discursivas. Posicionar-se implica navegar pelas múltiplas narrativas com as quais entramos em contato, articuladas pelas práticas discursivas. O posicionamento é definido por esses autores como um fenômeno da ordem da conversação, na qual a produção de sentido é sempre

---

15 Silva (2007) aponta uma predominância do gênero erótico na novela *Senhora do Destino*, como uma construção entre texto e recepção. A autora privilegia o erótico do ponto de vista da heterossexualidade.

16 Para Spink e Medrado (2000), “pessoa” é uma noção que enfatiza o caráter relacional, ou seja, a dialogia implicada nos processos de produção de sentidos nas práticas discursivas.

uma produção discursiva do *self*. Para Davies e Harré (1990, p.5), o posicionamento é “o processo discursivo através do qual os *selves* são situados nas conversações como participantes observáveis e subjetivamente coerentes em linhas de história conjuntamente produzidas”. A análise desenvolvida pelos autores enfatiza a força das práticas discursivas, as maneiras como as pessoas são posicionadas a partir dessas práticas e como a subjetividade é gerada por aprendizagem e uso de certas práticas discursivas. Segundo Davies e Harré (1990, p.4),

Uma posição de sujeito incorpora um repertório cognitivo, assim como uma localização para as pessoas dentro da estrutura de direitos de quem usa esse repertório. Uma vez que uma posição particular é assumida como sendo propriamente sua, a pessoa invariavelmente vê o mundo a partir do ponto de vista dessa posição e em termos de imagens, metáforas, linhas de história e conceitos que são relevantes para a prática discursiva específica na qual ela se posicionou.

De forma resumida, essa abordagem permite compreender que somos posicionados e nos posicionamos o tempo todo e esses posicionamentos estão intimamente relacionados ao contexto social e histórico de cada um. Esse sistema conceitual aplicado no contexto da telenovela permite uma analogia: a novela pode ser considerada um conjunto de narrativas que contém diversas linhas de história, que são organizadas através dos diálogos entre as personagens e giram em torno de vários pólos – eventos, personagens e dilemas morais. Os pontos de vista exibidos por cada personagem da novela dependem da interação entre os modos como ela se posiciona e como ela se vê posicionada. Dependendo das interações, posicionamentos e negociações podem acontecer mudanças nos pontos de vista adotados pelas personagens.

No jogo de posicionamentos, determinados repertórios interpretativos, assim como nomeações, são colocados em movimento. Os repertórios englobam as nomeações, pois são formas mais complexas que agrupam termos discerníveis, descrições, lugares-comuns e figuras de linguagem.

De onde falo? De onde as personagens e o autor falam? Essas complexas perguntas são vitais para o tipo de perspectiva aqui adotada. Introduzir o conceito

de “posicionamento” proposto por Davies e Harré (1990) nesta análise implica problematizar a idéia de uma identidade fixa e imutável. Ao partir desse pressuposto, tento fugir da armadilha de conceber os discursos como lugares de essencialização das diferenças. Apoiada nas leituras feministas de Haraway (1995), Braidotti (2004) e Butler (2003), não pretendo encontrar uma única maneira de me posicionar ou ser posicionada. Antes, busco perceber as diversas possibilidades que encerram a construção daquilo que se denomina mulher ou homem, e as distintas marcas e experiências que contribuem para alimentar minha subjetividade – mulher, branca, classe média intelectualizada, brasileira, goiana, feminista, militante, lésbica, psicóloga, educadora, e outras tantas que compõem minha pluralidade e complexidade identitária. Essas categorias, múltiplas e interseccionadas, foram, e são, recorrentemente recriadas para designar quem sou. Compreendo essas várias posições como partes integrantes e inter-relacionadas de um todo visto com um processo múltiplo e complexo que se constrói nas trocas intersubjetivas e que acontece de forma situada, ou seja, depende do contexto que no qual está inserido.

Propor uma análise das narrativas sobre lesbianidade adotadas pelas personagens de *Senhora do Destino* sob a perspectiva dos “posicionamentos” implica localizar essas multiplicidades de lugares de onde falo, bem como reconhecer que as narrativas sobre as quais dirijo minha análise se localizam em um lugar muito específico, no caso, a televisão brasileira, especificamente a Rede Globo de televisão, e um produto cultural de ampla veiculação – a telenovela. Explicitar essas informações torna-se indispensável para análise dos sentidos e efeitos das diversas posições de sujeito emergentes nos diálogos intra-novela, interpretações possíveis de um leque de alternativas nas quais também me incluo. O conceito de posicionamento permite compreender que as formas como as pessoas são posicionadas e se posicionam através das práticas discursivas são constituídas por relações sociais mediadas por poder.

Um dos interesses desta tese é apreender a produção de sentidos no cotidiano das personagens da novela, ou seja, as diferentes formas de falar sobre



a lesbianidade na telenovela. Os sentidos são vistos como fenômenos produzidos a partir das interações e negociações.

Partindo do pressuposto que a mídia, através da telenovela, desempenha um papel expressivo na promoção de novas formas de visibilidade e de acesso a repertórios sobre a homossexualidade/lesbianidade para consumo de diferentes públicos (leitores, espectadores, telespectadores), problematizo nesta tese que, longe da telenovela ter uniformidade, seus discursos se caracterizam pela multiplicidade de sentidos. Admitir que os discursos são polissêmicos, que podem variar, não implica, entretanto, negar a construção de sentidos ou tendências hegemônicas, especialmente quando se trata de mídia (SPINK; MEDRADO, 2000). Se a mídia opera com tensões e ambigüidades, a eleição de determinados temas e a forma como são discutidos (retórica) ajudam a produzir efeitos de legitimidade, incluindo tanto a circulação da temática da homossexualidade/lesbianidade, como determinados modelos de pessoa em detrimento de outros.

Assim, neste trabalho busco identificar os repertórios interpretativos e os posicionamentos utilizados para referir-se à lesbianidade por meio das narrativas que circulam na novela *Senhora do Destino* (2004-2005). Porém, antes de analisar os diálogos intra-novela e a forma como as personagens falam sobre a lesbianidade do par lésbico em *Senhora do Destino*, faço uma viagem panorâmica pela construção da categoria homossexualidade/lesbianidade, tendo por ponto de partida a produção dessa noção pela ciência, estabelecida nos diálogos travados pelas personagens.

## **CAPÍTULO 2**

### **HOMOSSEXUALIDADES E A CONSTRUÇÃO DA CATEGORIA LESBIANIDADE**

Neste capítulo, apresento um histórico da emergência da categoria homossexualidade, particularmente da lesbianidade, bem como as principais correntes teóricas que subsidiam essa discussão na produção brasileira e internacional. Parto da premissa que para entender as formas atuais de falar sobre lesbianidade, âmbito desta tese, é necessário compreender como esses discursos foram sendo construídos ao longo da história e quais os saberes envolvidos nessa produção. Não se trata, portanto, de buscar causas e conseqüências para a lesbianidade, mas de desconstruir o que parece ser uma evidência – a construção da categoria lésbica e sua assunção como problema social.

Antes de entrar na história da construção da categoria homossexualidade, explico algumas concepções de sexo e de sexualidade que norteiam este trabalho, dado que para muitos autores essas categorias aparecem como sinônimos.

#### **2.1. Sobre sexo e (homo)sexualidades**

Apoiado nas definições do *Oxford English Dictionary* para pensar as distinções entre as categorias sexualidade e sexo, Davidson (1992) assinala que o termo sexualidade só apareceu no final do século XIX, cujo significado é “ter posse de poderes sexuais, ou capacidade de sentimentos sexuais”, já com indícios de uma compreensão mais ampla do termo, mostrando que a sexualidade não é redutível ao sistema reprodutivo ou à anatomia (DAVIDSON, 1992, p.98). Para Ferreira (1986, p.1581), a noção de sexualidade engloba “o conjunto dos fenômenos da vida sexual”, próxima da definição anterior. Entretanto, de acordo com Houaiss, Villar e Franco (2001, p.2564), o vocábulo expressa um “conjunto de caracteres especiais, externos ou internos, determinados pelo sexo do indivíduo”.

No *Oxford*, a condição de natureza não é dada e a sexualidade assume uma qualificação distinta de outras definições que a percebem somente como derivações do biológico.

A categoria sexo é definida como: 1) “a distinção entre macho e fêmea, respectivamente contida nas divisões dos seres orgânicos” (DAVIDSON, 1992, p.98); 2) “conformação particular que distingue o macho da fêmea, nos animais e nos vegetais, atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintivas” (FERREIRA, 1986, p.1580); 3) “conformação física, orgânica, celular, particular que permite distinguir o homem e a mulher, atribuindo-lhes um papel específico na reprodução” (HOUAISS, VILLAR e FRANCO, 2001, p.2563). Essas definições, baseadas no argumento biológico, enfatizam as diferenças entre machos e fêmeas.

Mais do que uma distinção semântica, chamo a atenção para a importância do desenvolvimento de alguns campos teóricos para o aparecimento das categorias sexo e sexualidade. Segundo Davidson (1992, p.92), a noção atual de sexualidade é produto de um sistema de conhecimento específico, a Psiquiatria, cujo funcionamento obedece uma lógica e argumentação muito peculiar. Foi necessário um conjunto de saberes específicos que permitisse a ampliação do conceito para além das características anatômicas.

A argumentação de Davidson segue a mesma linha de Foucault (1984) sobre a importância dos saberes disciplinares, modalidades de poder que ajudaram a moldar a forma como são percebidas as experiências sexuais. Ao analisar especialmente os discursos médico e psiquiátrico do século XIX, fundamentais para a produção e a invenção da categoria e do sujeito homossexual, Foucault (1984) chama a atenção para os processos implicados nessa operação de produção, que consistem em inscrever uma natureza singular ao corpo do sujeito. Uma de suas idéias centrais está na definição de sexualidade como um “dispositivo histórico”, ou seja, ela se constitui historicamente a partir de múltiplos discursos cuja função é regular, normatizar e instaurar saberes, os quais produzem “verdades” (FOUCAULT, 1984, p.101). Para Foucault, o que caracteriza

a história da sexualidade não é um “regime de silêncio”, mas uma constante incitação ao discurso sob os auspícios de uma sociedade de vigilância e controle.

Seguindo as pistas de Foucault (1984), Davidson (1992) identificou uma mudança discursiva no tipo de racionalidade que embasava o discurso médico sobre a sexualidade. A partir da segunda metade do século XIX, o discurso médico se distanciou de uma explicação baseada na estrutura anatômica e passou a enfatizar os impulsos, as preferências, as atitudes, as satisfações e os traços psíquicos, incorporando elementos de uma discussão mais subjetiva e moral. Ainda segundo Davidson (1992), essa nova lógica permitiu a emergência e a expansão de uma grade de definição sobre as possibilidades do corpo, cuja racionalidade controlista faria emergir a noção de perversão e da tipificação de doenças e distúrbios da sexualidade.

Vale lembrar que, antes da racionalidade médica, outra visão dominava a percepção da homossexualidade. Vista como um pecado gravíssimo pela Igreja católica, a homossexualidade – denominada sodomia – era duramente combatida e perseguida pela Inquisição como heresia e imoralidade (MOTT, 1988). Indubitavelmente, a transição da noção de pecado e crime para a de doença mental foi uma mudança significativa na forma de conceber a homossexualidade. É importante salientar que essas noções não foram totalmente suplantadas, pois as teorias de base anatômica não desapareceram. Entretanto, no final do século XIX, influenciadas mais intensamente pelas teorias científicas identificadas com essa nova racionalidade, as “teorias anatômicas” se tornaram responsáveis por delinear as fronteiras sobre as quais os homossexuais e as lésbicas iriam se definir, criando uma nova disciplina: a sexologia.

Obras clássicas, como *Psycopathia sexualis*, do psiquiatra alemão Krafft-Ebing (1931) e, posteriormente, *The psychology of sex*, de Ellis (1946), ajudaram a consolidar e a difundir a noção de homossexualidade como desvio e disfunção, tomando para si a classificação baseada em um espectro de repertórios mais alargado. O trabalho desses médicos, de compilar e sistematizar as narrativas, foi somente uma parte da história da criação da categoria homossexual, pois os

sexólogos extraíam seus “casos” de pessoas que encontravam em seus consultórios, de amigos ou de suas próprias vidas (Weeks, 2001, p.65).

Conforme Sterling (2001-2002), médicos como Ulrichs, Benkert, Ellis Carpenter, Kinsey, Freud, entre outros cientistas envolvidos no estudo e na sistematização das narrativas homossexuais, foram determinantes para a emergência da categoria homossexual. Na modernidade, afirma Weeks (2001), os sexólogos contribuíram para atribuir ao sexo a centralidade nas preocupações ocidentais.

Segundo Weeks (2001), os trabalhos de Krafft-Ebing (1931) e Ellis (1946) denotam uma visão de sexualidade que estava sendo construída em sua época: impregnada de suposições de que a sexualidade é inata, constituinte central da vida de uma pessoa e essencialmente masculina. Krafft-Ebing (1931, p.1) afirma que o sexo é “uma força e energia absolutamente avassaladora que exige satisfação”, Ellis (1946, p.3) define a sexualidade como o centro da existência e primordialmente como uma experiência masculina: “O sexo penetra a pessoa inteira; a constituição sexual de um homem é parte de sua constituição geral. Há uma considerável verdade na expressão: ‘um homem é aquilo que o seu sexo é’”. Esse “homem” não é, na acepção de Weeks, genérico e universal, mas denota uma linguagem metafórica, cujas suposições estão baseadas na experiência masculina.

Além de enfatizar a importância da história e da linguagem na definição dos termos “sexo” e “sexualidade”, Weeks (2001) chama a atenção para as diferentes implicações sociais associadas à forma como a homossexualidade foi sendo transformada em doença. O autor indica que o termo homossexual foi utilizado pela primeira vez em 1869. Para Sterling (2001-2002, p.42), esse novo termo não foi responsável pela criação imediata das categorias de sexualidade do século XX, mas propiciou sua emergência para que se desenvolvessem de forma gradual. As abordagens dos primeiros médicos/sexólogos estavam impregnadas da noção de sexualidade, na qual o sexo era visto como poderosa força instintiva e, portanto, precisava ser restringido pela sociedade. Outro ponto comum entre esses

trabalhos era a noção da homossexualidade como característica de um tipo particular de pessoa, cuja ênfase não mais incidia sobre os aspectos anatômicos, mas sobre os aspectos mentais.

As definições utilizadas por esses cientistas eram construídas sobre uma lógica dual da sexualidade, na qual os sexos eram vistos como masculino ou feminino e classificados de forma hierárquica. Essa lógica propiciou a invenção da figura do/a invertido/a, proposta por Ellis (1928, p.250), que descreve a “verdadeira” lésbica invertida:

Os movimentos bruscos e enérgicos, a atitude dos braços, a fala direta... A franqueza e o senso de honra masculinos (...) tudo sugere ao observador cuidadoso a anormalidade psíquica subjacente (...) há muitas vezes o gosto pronunciado por cigarros (...) mas também uma tolerância decidida por charutos. Há também desagrado e, às vezes, incapacidade para a costura e outras ocupações domésticas, e também alguma capacidade para o atletismo.

O modelo da invertida está intimamente ligado à visão da sexualidade apoiada na clara distinção entre masculino e feminino regida pela heteronormatividade. Essa lógica busca restabelecer a ordem “natural”, a coerência entre sexo, gênero e orientação sexual, pois para uma mulher gostar de outra mulher só pode ser homem, e para um homem gostar de outro, só pode ser uma mulher.

Esse período fértil de estudos sobre sexualidade humana, a partir do século XIX até o início do século XX, foi marcado pela expansão de trabalhos voltados para o controle da homossexualidade, levando a um maior conhecimento sobre o tema, tarefa da qual se incumbiram os cientistas.

As narrativas sustentadas por esses cientistas foram determinantes para a construção das auto-descrições de pessoas que se identificavam como homossexuais. Se, por um lado, os discursos científicos ocuparam um lugar de autoridade e de competência, por outro, foram se alterando, na forma e no conteúdo, no decorrer da história, como atestam as mudanças ocorridas no discurso médico sobre a homossexualidade. A noção de invertido é um dos exemplos de idéia que sofreu abalos, à medida que o conceito sobre papéis

sexuais rígidos e estritos era suplantado por explicações que associavam comportamentos ao desejo e, mais tarde, à preferência sexual. Mesmo com perspectivas de análise distintas – papéis, identidade ou desejo –, diferentes categorias têm sido utilizadas para definir, medir e analisar o comportamento sexual humano, demonstrando que a organização e a expressão social e pessoal da sexualidade não é atemporal, tampouco universal, mas constitui uma arena de constantes negociações de sentido e regulação.

Alfred C. Kinsey apareceu como um dos pioneiros dos modernos estudos sobre a homossexualidade. O “Relatório Kinsey” – como ficaram conhecidas suas obras *Sexual behaviour in the human male* (KINSEY; POMEROY; MARTIN, 1998 [1948]) e *Sexual behaviour in the human female* (KINSEY et al., 1998 [1953]) –, desmistificou a idéia de uma sexualidade resumida a dois tipos de pessoas: heterossexuais e homossexuais. Apesar de seu pensamento inovador, ao adotar a perspectiva do impulso sexual, Kinsey não conseguiu romper com seu *background* de cunho biológico e com a visão convencional da sexologia.

Contra o argumento biologicista, Weeks (2001) adverte que para entender a história da homossexualidade é necessário levar em conta as especificidades culturais de cada época, percebendo-as como um aspecto das amplas regulações de sexo e de gênero.

## **2.2. Homossexualidade/lesbianidade em discussão: de condição a construção**

O entendimento de que a sociedade define e constrói o desvio ainda é muito recente. Na história ocidental, alguns estudos apontam para a construção social da “condição homossexual” sem deixar de caracterizá-la como a um “problema social”.

O trabalho de McIntosh (1992), considerado por vários autores como um exemplo de crítica à idéia de condição na homossexualidade, até então afirmada pelas teorias médicas, é uma referência para estudiosos do tema, na medida em

que considera a sexualidade um fenômeno histórico, portanto, mais alinhado com a postura construcionista.

Segundo McIntosh (1992), a inadequação das teorias médicas refere-se à divisão das pessoas em homossexuais, heterossexuais e bissexuais, cuja maior implicação é reduzir as pessoas a essas classificações, sem levar em conta a recorrente incoerência entre desejo, comportamento e identidade. Ao pressupor a homossexualidade como condição, os cientistas da época direcionavam suas pesquisas à busca de sua etiologia, pois queriam saber se a condição homossexual era inata ou adquirida, sem problematizar a própria construção da noção da homossexualidade como “problema social”. Vale mencionar o argumento de Rosemberg (2007): os problemas sociais são definidos pela sociedade a partir da projeção de sentimentos coletivos e não de condições sociais objetivas.

Para McIntosh (1992), a prática de rotular as pessoas como desviantes opera como mecanismo de controle social<sup>17</sup> de dois modos. O primeiro divide claramente os comportamentos permitidos e aqueles que não o são, dificultando qualquer movimento de transposição para os não permitidos, dado que qualquer menção nesse sentido poderia significar uma aproximação ao “desvio” e, conseqüentemente, à exposição a todas as sanções a essa transgressão. No segundo, o processo de rotulação segrega os indivíduos desviantes, restringindo-os a pequenos grupos. Nesse sentido, o controle social opera como mecanismo eficiente de discriminação e exclusão. Por outro lado, de acordo com a autora, utilizar o rótulo como mecanismo de controle social fixa essas pessoas nesses desvios à medida que são rotuladas. McIntosh (1992) propõe que o/a homossexual seja visto/a como alguém que desempenha um papel na sociedade, não como alguém que tem uma condição e, sobretudo, que a homossexualidade seja vista, não como um traço atemporal, mas como histórica e culturalmente constituída.

---

17 Controle social se refere aqui ao controle exercido pelo Estado, pela ciência e pelos saberes, diferente da acepção utilizada pelos movimentos sociais por cidadania, na qual controle social é o inverso: os/as cidadãos/ãs fiscalizando o poder público.



Essa teorização sobre a homossexualidade propiciou a emergência da noção de pessoa homossexual distinta, da individualização da homossexualidade, processo gradual que ocorreu em um movimento dinâmico e bilateral de transformações sociais e teorizações sobre essas mudanças.

Para Davidson (1992), sempre houve pessoas que se relacionavam com outras do mesmo sexo, mas a categoria “perversão” e os argumentos sobre essas pessoas apareceram somente a partir do final do século XIX, como aponta o autor, “não somente o conceito médico de perversão não existia antes do século XIX, como também não havia ‘pervertidos’ antes desse conceito existir” (DAVIDSON, 1992, p.121).

Hacking (1992, p.78) afirma que “não foi um tipo de pessoa que veio a ser reconhecido por burocratas ou estudantes da natureza humana, mas sim um ‘tipo’ de pessoa que veio a existir ao mesmo tempo em que um ‘tipo’ estava sendo inventado”<sup>18</sup>. Hacking (2001) propôs o conceito de matriz para pensar os processos de classificação que criam um tipo de pessoa específica. Trazendo o exemplo das “mulheres refugiadas”, o autor postula que um tipo se constitui por um conjunto de elementos e práticas sociais que cria e sustenta determinada idéia. Segundo, Hacking (2001, p.33), a matriz se constitui como

(...) um complexo de instituciones, defensores, artículos de periódico, juristas, decisiones judiciales, actas de inmigración. Por no mencionar la infraestructura material, barreras fronterizas, pasaportes, uniformes, mostradores de aeropuertos, centros de detención, juzgados, campos de vacaciones para niños refugiados.

Hacking (2001) é enfático ao comentar que o que está sendo construído não é a pessoa individual, mas uma classificação. Ainda segundo o autor, o que acontece com o/a homossexual é somente mais um exemplo do que a ciência pode fazer ao criar categorias de pessoas ao mesmo tempo em que as pessoas começam a se reconhecer nessas categorias, em um movimento bilateral dos dois processos. Hacking busca argumentos no pensamento construcionista para alertar sobre a forma como práticas e saberes produzem categorias e identidades sociais.

---

18 Tradução livre.

Os argumentos construcionistas servirão como poderosos contra-argumentos às idéias essencialistas de uma suposta homossexualidade inata, discussão que perpassará todo o debate sobre a sexualidade nesta tese. Além disso, o argumento construcionista abriu brechas para pensar a construção da categoria heterossexualidade, possibilitando questionar a “naturalidade” da relação heterossexual.

Stein (1992) lembra que o debate entre essencialismo e construcionismo, no âmbito da orientação sexual, é recente e aponta o trabalho de McIntosh (1992) como pioneiro no uso da abordagem construcionista social aplicada à homossexualidade. Entretanto, a referência mais importante para os construcionistas é a obra clássica de Foucault (1984), *História da Sexualidade vol.1*, especialmente a segunda parte do Capítulo II, na qual o autor desenvolve a tese sobre a construção social da homossexualidade:

A sodomia – a dos antigos direitos civil ou canônico – era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa (...) A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (Foucault, 1984, pp.43-44).

Na perspectiva de Foucault (1984), a homossexualidade é social e historicamente construída, ou seja, depende da cultura e das relações sociais estabelecidas, o que possibilita pensar em diferentes formas de viver e de construir identidades de gênero e sexuais. A contribuição teórica do autor é inestimável para entender que “o homossexual” é uma construção sócio-histórica e não universalmente aplicável, portanto, requer uma explicação sobre os processos envolvidos em sua construção.

É amplamente reconhecido que a perspectiva do construcionismo social teve grande impacto no pensamento social e influenciou diferentes disciplinas – entre outras, História, Sociologia, Psicologia. Correndo o risco de simplificar, Epstein (1992, p.246) aponta que estudos recentes sobre gays e lésbicas nas

sociedades ocidentais, particularmente advindos da História e da Sociologia, têm como origem o marco das escolas do Interacionismo Simbólico e da Teoria dos Rótulos. Gagnon e Simon (1973), em estudos sobre a conduta sexual, e os teóricos dos rótulos – Plummer (1981) na análise do estigma sexual e McIntosh (1992) na análise do papel homossexual – são expoentes dessas escolas. Somados a esses, os estudos sobre os sistemas de sexo e gênero oriundos da Antropologia, mais próxima ao construcionismo, e o trabalho de Foucault, a partir de 1980, imprimiram um novo ânimo à investigação construcionista sobre o tema da homossexualidade.

Apesar de a posição construcionista ter sido extremamente importante para a compreensão da sexualidade e da homossexualidade, ela trouxe algumas dificuldades para ativistas do movimento homossexual, cuja expectativa era de que a teoria pudesse respaldar a legitimação dos homossexuais como um grupo específico e distinto dos heterossexuais. Antes de entrar nas críticas ao construcionismo, situo a política do movimento homossexual nos Estados Unidos e sua relação com as perspectivas teóricas disponíveis, especialmente no final dos anos 1960.

### **2.3. Ramificações políticas do debate entre essencialismo e construcionismo**

A criação da categoria “homossexual” pelos sexólogos do século XIX possibilitou a organização e a legitimação de uma “identidade homossexual”, até então, impensável, devido a falta de recursos teóricos discursivos que a assegurassem. A terminologia adotada pelos médicos do século XIX, segundo Foucault (1984, p.96), deu margem à “afirmação reversa” – efeitos de mão dupla dos discursos sobre a homossexualidade, inversão, pederastia e hermafroditismo psíquico produzidos na psiquiatria, na jurisprudência e na literatura no século XIX. Por um lado, esses discursos serviram como instrumento de controle social sobre essas “perversidades”, por outro, propiciaram a constituição de um discurso de oposição e resistência.

Epstein (1992, p.251) assinala que, para além da “afirmação reversa”, importantes mudanças sociais, especialmente na estrutura familiar, foram geradas pela revolução industrial e pela urbanização, primordiais para a emergência de subculturas homossexuais. Sem as bases materiais ou pré-condições, argumenta o autor, a homossexualidade enquanto categoria classificatória não teria florescido. Essas mudanças foram discutidas, mais profundamente por Weeks (1977) e D’Emilio (1993), como condições à emergência da categoria homossexual.

Jagose (2004) mostra que as primeiras manifestações pró-homossexuais surgiram na Alemanha no fim do século XIX, época marcada pela cristalização da homossexualidade como identidade, denominadas movimentos homofílicos. Nos Estados Unidos, a política homossexual dos anos 1950 e 1960 conduzida por esses grupos estava alinhada com uma política acomodacionista, que buscava maior integração dos/das homossexuais na sociedade enfatizando que esses eram cidadãos-modelo e não perturbavam o *status quo*.

Ao final da década de 1960, conforme Epstein (1992), observou-se uma ruptura com o modelo homofílico e, com a revolta de Stonewall<sup>19</sup> em Nova York, foi inaugurado o período da *gay liberation* ou movimento de liberação homossexual. O cerne da luta política estava na crítica à estrutura e aos valores da sociedade heterossexual dominante – a monogamia, a rígida divisão entre homens e mulheres e a lei. O homossexual era visto como uma solução para uma sociedade deformada, um sujeito revolucionário que, ao fazer avançar a causa da liberação sexual, impactaria a sociedade como um todo. O orgulho *gay* (*gay pride*) foi um dos importantes desdobramentos desse período.

O argumento liberacionista serviu de inspiração para estudiosos do construcionismo, cujas idéias ajudaram a construir as estratégias políticas do movimento feminista e do movimento *gay*. Ambos compartilhavam pontos em

---

19 Em 1969, cansados de serem hostilizados, *gays*, lésbicas e travestis freqüentadores do bar Stonewall em Nova York resolveram se rebelar e entraram em choque com a polícia. Esse episódio simbolizou a mudança da postura passiva dessa população, frente à sociedade e ao Estado, para uma atitude de enfrentamento e de exigência de direitos.

comum, como a ênfase de que as tipologias sexuais eram sociais e não fatos naturais, que eram fluidas e que precisavam ser superadas. Além disso, compartilhavam um senso de abertura para as possibilidades históricas, enriquecidas pelo clima político favorável da época.

Desiludido com a proposta de libertação, acrescida da reavaliação sobre como as estruturas de poder e resistência funcionam, o movimento *gay* foi levado a buscar outro modelo. Ironicamente, ao conseguir mudanças para a situação de *gays* e *lésbicas*, o movimento liberacionista solapou seus próprios argumentos. A proposta de uma mudança mais universal para a sociedade foi atropelada pela necessidade de uma plataforma de mudanças pontuais, radicada na idéia de que os *gays* constituíam um grupo social específico, com seus próprios interesses políticos e sociais (Jagose, 2004).

Assim, segundo Jagose (2004), nos anos 1970 e início dos 1980, ganhou força o modelo étnico, cujo objetivo era estabelecer a identidade *gay* como a de uma minoria legítima e, com o reconhecimento oficial, garantir a cidadania e os direitos civis para *gays* e *lésbicas*. A forma como foi construído aproxima-se do conceito de uma minoria étnica. O modelo étnico constituiu uma estratégia para garantir proteção legal igualitária para *gays* e *lésbicas*, estabelecendo comunidades urbanas visíveis e legitimando-os como categorias identitárias. Dessa forma, o *gay* passou a formar um grupo distinto e identificável, diferente da possibilidade radical vislumbrada pelo modelo do *gay liberation*. A partir disso, *lésbicas* e *gays* passaram a exigir reconhecimento do sistema e direitos iguais.

Contrariamente aos ideais que circulavam na década de 1970 e ao pensamento construcionista em desenvolvimento, os ativistas adeptos do modelo étnico compartilhavam as idéias essencialistas, nas quais a sexualidade é movida por forças biológicas e as identidades sexuais são resultado de diferenças subjacentes genuínas.(Stein,1992).

Stein (1992, p.243) chama a atenção para as diferenças entre os modelos explicativos de homossexualidade/lesbianidade, enfatizando as implicações de distintas teorias e, conseqüentemente, de diferentes práticas no tocante à

homossexualidade/lesbiandade. O autor aponta para as tensões entre uma política de tendência mais essencialista adotada pelo movimento gay, a partir de 1970 – que concebia a noção de homossexualidade como algo real e não como uma diferença arbitrária –, e a abordagem construcionista, na qual a distinção hetero/homossexualidade era percebida como uma ficção social.

A tensão entre teoria e prática não é novidade e perpassa também os movimentos Negro e Feminista. Aparentemente, as explicações teóricas, do ponto de vista das estratégias necessárias para legitimidade e organização, não respondem às expectativas da militância. Um dos dilemas impostos pela disjunção entre teoria e prática situou-se na pouca aderência da posição construcionista aos anseios de *gays* e *lésbicas* ao se colocarem como um grupo específico e distinto do grupo dos heterossexuais, em um movimento que clamava pela constituição de uma política identitária. Nesse sentido, é compreensível que a relação entre teoria e ativismo seja dinâmica e interdependente. A posição teórica não está isenta de tensão e exposição de suas limitações; portanto, as teorias devem ser entendidas como incompletas e provisórias.

No caso dos estudos e políticas voltados para *gays* e *lésbicas*, a emergência de pesquisas *queer*<sup>20</sup>, nos anos 1990, apontou para o descontentamento de alguns/mas teóricos/as com modelos explicativos até então utilizados para a compreensão das sexualidades, particularmente os adotados pelos movimentos feminista, *gay* e *lésbico*. A teoria *queer* radicalizou o questionamento de estabilidade, fixidez e coerência das identidades sexuais. Ancorado no pensamento pós-moderno, entendido como um conjunto de movimentos, práticas e saberes que desafia a noção de um sujeito racional, livre, autônomo, centrado e soberano, o pensamento *queer* abre passagem para as diferenças e os diferentes – o “estranho” e aqueles que habitam as fronteiras e

---

20 Segundo Louro *apud* Seidman (2001), apesar de se configurarem como um agrupamento diverso que apresentam aproximações e divergências, os estudiosos *queer* compartilham alguns elementos: apoiar-se fortemente no pensamento pós-estruturalista francês e na desconstrução como um método de crítica literária e social; fazer uso de categorias e perspectivas psicanalíticas; ser favoráveis a uma estratégia descentradora ou desconstrutivista que escapa às proposições sociais e políticas pragmáticas positivas; imaginar o social como um texto a ser interpretado e criticado, uma forma de contestar o conhecimento e as hierarquias sociais dominantes.

vivem na ambigüidade.

Nesse sentido, a posição construcionista é um modelo explicativo e um movimento que contribui para a elaboração de teorias com diferentes especificidades e tem sido referência para a teorização feminista sobre gênero e útil à teoria *queer*, na medida em que entende a sexualidade como construção social e problematiza a universalidade e o caráter a-histórico da categoria homossexual. Entretanto, a teoria *queer* vai além da hipótese da construção social da identidade, conforme Silva (2005, p.107), “na hipótese da construção social, a identidade acaba, afinal, sendo fixada, estabilizada, pela significação, pela linguagem, pelo discurso”. A concepção *queer* coloca a identidade em cheque, ao radicalizar o livre trânsito entre as fronteiras da identidade, apostando na mobilidade e na possibilidade do cruzamento de fronteiras. Na interpretação de Louro (2004, p.7),

*Queer* é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do “entre lugares”, do indecível. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina.

Seguindo rumos análogos à teorização feminista alinhada ao pensamento pós-estruturalista, a teoria *queer* possibilita questionar a identidade de gênero, ou como homens e mulheres são socialmente construídos e vivem sua sexualidade. Partindo do questionamento do que é identidade, Butler (2003), teórica *queer* e feminista, introduz o conceito de performatividade, no qual enfatiza que a identidade sexual não fica contida pelos processos discursivos que tentam fixá-la, sugerindo que pensemos as práticas reguladoras de formação e divisão de gênero como constituintes da identidade. Essas mesmas práticas reguladoras que governam gênero também controlam as maneiras pelas quais as pessoas se tornam inteligíveis. Para a autora, a identidade de gênero é concebida como ficção cultural, efeito performativo de atos reiterados dos regimes sexuais regulatórios em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero, cujo

maior objetivo é aparentar uma suposta uniformidade e coerência com a matriz heterossexual. Para Butler (2003), as pessoas são aquilo que sua suposta identidade define que elas sejam, porém, as mesmas limitações impostas pela matriz heterossexual convertem-se em possibilidades de transgressão dessas fronteiras.

Diferentes modelos de conhecimento e circunstâncias históricas, incluindo as contidas nos movimentos homofílico, *gay liberation*, feminismo lésbico e teoria *queer*, mostram que a questão posta pelos teóricos não é única e que não se pode apreender a homossexualidade/lesbianidade através de um raciocínio linear sem entender os sucessivos modelos teóricos e as estratégias políticas empreendidas no último século. Os diferentes pressupostos que norteiam as teorizações construcionistas e essencialistas implicam compromissos distintos à chamada posição construcionista ou essencialista. Ainda assim, ambas discutem a homossexualidade e, certamente, contribuíram para sua legitimação.

#### **2.4. Teorizações sobre a lesbianidade: deslocamentos intrigantes**

De formas diversas, estudiosos/as internacionais e nacionais apontam para o silêncio que paira sobre a lesbianidade, apresentando explicações semelhantes e com tom de frustração, especialmente a produção existente no campo da homossexualidade. Boswell (1981, p.XVII), historiador apontado como referência no contexto internacional, em pesquisa sobre as atitudes em relação à homossexualidade/lesbianidade desde o período romano até o final do século XIV, no prefácio de sua obra, adverte os leitores/as:

Cabe introduzir aqui uma explicação quanto à relativa ausência de material sobre as mulheres. Boa parte das fontes utilizadas nesta (como em qualquer outra) pesquisa histórica é constituída por textos escritos por homens e sobre homens; onde há referência às mulheres, ela é sempre periférica [...]

Mott (1987, p.8) ratifica o silêncio:

Se a documentação sobre a história dos sodomitas é rara e lacunosa, as informações sobre o amor entre as mulheres ainda são muitíssimo menos numerosas, fragmentadas, quando não inexistentes [...] A história do



lesbianismo até pouco tempo atrás era uma página totalmente em branco, que somente nos últimos tempos tem merecido a atenção de poucos estudiosos. E devido aos milênios de alienação e inferioridade da mulher em nosso mundo, geralmente têm sido os intelectuais do sexo masculino que iniciam tais estudos e pesquisas.

MacRae (1990) considera a distinção entre o *status* da homossexualidade e da lesbianidade muito antiga. Desde a própria atividade científica do começo do século, como a pesquisa de Krafft-Ebbing (1931), que indicava a existência de 50 casos do fenômeno, até a atualidade, a lesbianidade continua menos estudada que a homossexualidade.

Durante muito tempo, a homossexualidade e a lesbianidade foram vistas de forma indiferenciada. O destaque para a homossexualidade, conforme Weeks (2001), se justifica porque essa modalidade sexual estava mais fortemente submetida às regulações sociais. Para o autor, se o final do século XIX é reconhecido como marco da construção da identidade do homossexual moderno, somente após quase uma geração a lesbianidade atingiu o mesmo patamar de reconhecimento. Esse período de indiferença é fundamentalmente explicado pelas diferentes suposições sobre a sexualidade feminina e masculina, particularmente pelas noções dominantes acerca da sexualidade feminina. Estudos originários do pensamento sexológico do século XIX apontavam que a existência sexual das mulheres estava circunscrita à maternidade, no limite, suas ações eram respostas ao desejo masculino. Essas pré-concepções acerca da sexualidade feminina impediam qualquer possibilidade de conceituação<sup>21</sup>.

No instigante *Atos impuros*, Brown (1987) discute, entre a Idade Média e o início da Modernidade européia, a dificuldade de aceitar que mulheres pudessem sentir atração por outras mulheres. Segundo a autora, essa dificuldade se justifica pela visão falocêntrica predominante na sociedade da época. Para a sociedade, a lei, a medicina, a literatura e a opinião pública, as relações entre mulheres eram

---

21 É importante notar que os autores citados neste tópico são homens estudiosos da homossexualidade que, ao tentar falar sobre a lesbianidade, se depararam com enormes dificuldades, desde a carência de fontes disponíveis até a priorização de enfoque adotada, pois a ênfase desses estudos incide sobretudo no enfoque masculino.

totalmente ignoradas, como se não existissem. Embora a palavra lésbica tenha aparecido no século XVI, a autora afirma que ela não entrou em uso até o século XIX. A ausência de discussão e a falta de vocábulos adequados para descrever o que se passava entre as mulheres deram margem ao aparecimento de uma série de termos: masturbação mútua, poluição, fornicação, sodomia, corrupção mútua, coito, cópula, vício mútuo, conspurcação ou impureza das mulheres uma pela outra, denominadas fricatrizes, mulheres que bolinavam umas às outras, ou tríbades, correspondente grego para a mesma ação.

Faderman (2001) assinala que no século XIX ainda prevalecia a crença na assexualidade da mulher, posto que a sexualidade dominante era apenas a do homem, considerado o único portador de desejo sexual. O mundo era rigidamente separado em esfera privada e pública e os laços entre os homens eram encorajados desde cedo. As mulheres nutriam-se mutuamente nesse ambiente doméstico, cercadas de proteção e emocionalidade. A aceitação e o estímulo da amizade íntima jamais levantava qualquer suspeita, pois as mulheres eram, na percepção da época, assexuadas, de forma que esses laços poderiam ser descritos como “amizade romântica”. Um exemplo interessante da história da relação íntima entre mulheres é o *Boston marriage*<sup>22</sup>, um tipo de relacionamento que unia duas mulheres, geralmente da elite. Se as relações afetivo-sexuais entre as mulheres sempre existiram, somente com o advento da Sexologia e da Psicologia como ciências que a noção de lésbica como categoria pôde emergir. A partir de um estudo das relações afetivas entre as mulheres no século XIX, Rich (1993) defende a idéia de um *continuum* lésbico sugerindo que a amizade romântica seria o modelo para a lesbianidade.

Os estudos de Faderman (2001) e Vicent-Buffault (1996) mostram uma história repleta de exemplos de amizade entre mulheres, do Renascimento ao

---

22 Segundo Faderman (2001), *Boston marriage* era o termo usado no século XIX para descrever amizades românticas que incluíam coabitação duradoura. Eram amizades emocionalmente intensas e fisicamente suaves entre duas mulheres que escolhiam viver juntas em vez de se casarem tradicionalmente. Essas relações não eram consideradas homossexuais ou pervertidas em seu tempo, porque eram tidas como não-sexuais. Os vitorianos confiavam que mulheres sérias eram desprovidas de desejo sexual e podiam manter relações íntimas e duradouras entre si.

século XIX. A amizade, que podia envolver afeto, cuidado, troca de carícias e beijos, era vista como perfeitamente possível e aceitável pela sociedade. A amizade íntima era uma idéia bastante aceita e convenientemente protegida de qualquer suspeita de uma possível tendência sexual.

Segundo esses estudos, a noção de amizade sofre mudanças importantes no decorrer do século XIX. Para Ortega (2002, p.151):

A principal transformação na forma de perceber a amizade refere-se ao deslocamento da noção de uma amizade afetiva, “a qual não problematizava a sexualidade (podiam existir intercâmbios sexuais ou não, era tolerada uma sexualidade pré-marital entre mulheres) na Renascença, para uma sob suspeita de lesbianismo e patologizado”.

Faderman (2001) afirma que a mudança na forma de perceber a amizade pode ser explicada pelas formulações médicas introduzidas pelos sexólogos na transição entre os séculos XIX e XX, que viam essa amizade como patologia, um problema médico. Outro motivo apontado pela autora é a mudança do status das mulheres. A maior participação no mundo público, por exemplo, a conquista do voto feminino, e uma maior independência eram vistas como uma ameaça para a instituição da família e do casamento.

O *lesbian continuum* de Rich (1993) – noção que retomo adiante – foi duramente criticado por Rubin (2003), que apontou para a simplificação da análise desses relacionamentos, nos quais os componentes de classe social, entre outras distinções importantes, ficaram relegados a segundo plano. Assim, Rubin (2003, p.175) enfatizou que “esse sistema categórico soterrou muitas complexidades históricas e sociais numa noção romântica, politizada e limitada de lesbianismo”. A autora considera algumas leituras feministas dos anos 1970 sobre lesbianidade um equívoco, pois privilegiam as relações de amizade na definição da categoria do lesbianismo, colocando outras formas sexualizadas de lesbianismo como inferiores, deficientes e degradadas.

Na visão dos historiadores, parece haver consenso de que a dificuldade em conceituar a lesbianidade refere-se à histórica supressão da sexualidade feminina, elemento apresentado como recorrente em quase todas as sociedades. Vicinus

(1993) comenta que a historiografia lésbica é difícil de ser apreendida e, ainda na atualidade, apresenta mais descontinuidades do que continuidades, enfatizando que é pelas margens, rupturas e fraturas que a história entre as mulheres pode ser recontada.

A visibilidade da sexualidade lésbica só se configura de forma mais evidente quando ela se torna um “tipo”, cuja construção se dá a partir de uma matriz (HACKING, 1999, p.10). A maioria dos historiadores localiza a emergência da categoria lésbica a partir de noções produzidas pelos sexólogos do século XIX. Tais noções serviram de modelo explicativo para mulheres que se identificavam com essas descrições, algo visto como contribuição positiva da Sexologia. O lado negativo estava na ênfase dessas abordagens em configurar as variações sexuais como doença, desvio, perversão (RUBIN, 2003).

Uma idéia bastante difundida no final do século XIX e início do século XX apresentava a lesbianidade como congênita, percebendo a lésbica como invertida, um membro do terceiro sexo, uma pessoa que nasceu com alma e mente masculina, mas estava aprisionada em um corpo feminino. Nesse tipo de abordagem prevalece a concepção essencialista da sexualidade. Essa noção, introduzida magistralmente na obra de Hall (1982), descreve o sexo como uma força imperativa, a identidade como imutável e a sexualidade feminina como uma cópia da sexualidade dominante masculina. A racionalidade que sustenta o enredo do livro de Hall (1982) é baseada no pensamento de trabalhos teóricos de sexólogos, cuja ênfase era a origem congênita da lesbianidade, complementado com a visão de que as lésbicas são masculinizadas, reproduzem o modelo heterossexual e são infelizes. O par de protagonistas descrito por ele, Stephen Gordon e Mary, reproduz os papéis estereotipados de gênero, ou seja, Stephen incorpora a polaridade masculina e Mary a polaridade feminina, evocando a rígida divisão *butch/femme*<sup>23</sup>.

---

23 Expressão utilizada para referir-se ao par lésbico e que tem por modelo uma visão binária e hierarquizada. A “*butch*” seria o macho, a sapatão, e a “*femme*” seria a *lady*, “sua” mulher.

As narrativas sustentadas por esses cientistas foram determinantes para a construção de um tipo de pessoa com direito à nomeação, identificação, classificação enquanto desvio ou patologia, mas também possibilitaram a identificação, a ruptura do silêncio, a troca de experiências e a formação de redes de solidariedade.

Nesse sentido, vale a pena lembrar o comentário de Falquet (2004, p.38): “de forma geral o desenvolvimento da lesbianidade tem acompanhado os avanços e retrocessos da situação das mulheres”. De acordo com a autora, a visibilidade e a legitimidade conferidas às práticas afetivo-sexuais entre mulheres são dependentes da forma como cada sociedade articula as noções do que é ser homem, ser mulher e suas interconexões com a sexualidade. A autora ressalta que as sociedades sempre controlaram, negaram ou silenciaram quaisquer expressões da sexualidade feminina que não se enquadrassem na norma, por isso as práticas sexuais entre mulheres têm sido mais ignoradas e menos estudadas se comparadas às práticas sexuais entre homens.

O paradoxo é evidente: se as práticas sexuais podem assumir variadas formas, especialmente nos dias atuais, os modelos que informam a sexualidade ainda são muito limitados, circunscritos ao binômio construção-inatismo. Epstein (1992, p.260) mostra que a própria idéia de oposição construcionismo/ essencialismo precisa ser melhor explorada naquilo que se convencionou considerar opostos imutáveis, escolha versus obrigação e igualdade versus diferença, no sentido de questionar esses binômios.

Seguindo esse raciocínio, “lésbica” pode ser compreendida como uma categorização social constituída por práticas discursivas e institucionais, cujos sentidos são constantemente negociados. Essa argumentação não nega o fato de que relações afetivo-sexuais entre mulheres provavelmente sempre existiram. No entanto, elas não existiam como categoria e tampouco eram nomeadas ou classificadas como desvio.

## **2.5. Teorizações sobre lesbianidade a partir dos movimentos lésbico e feminista: tensões criativas**

Mais do que apreender a construção histórica da categoria lésbica, bem como os ganhos e as perdas dessa maior visibilidade, parte do movimento lésbico tem destacado a importância de pensar a lesbianidade não somente como uma categoria, mas, sobretudo, como uma posição política. A palavra lésbica é reivindicada pelo movimento lésbico-feminista não como uma preferência, mas no sentido coletivo e político dessas práticas. Essa crítica se dá tanto no nível teórico quanto no prático, e seu maior interesse é questionar o sistema heterossexual dominante. No entanto, somente na década de 1960 o movimento lésbico se tornou mais visível no ocidente, desenvolvendo-se bastante próximo do movimento feminista da segunda onda e do movimento homossexual, mas, paulatinamente, buscando maior autonomia.

O maior distanciamento do movimento lésbico em relação ao homossexual justifica-se por sua crítica ao funcionamento patriarcal e uma certa misoginia identificada no movimento homossexual. O afastamento do movimento feminista se deu por uma situação ambígua, por um lado, algumas mulheres puderam descobrir no movimento feminista um espaço de luta contra a opressão e, simultaneamente, um lugar favorável ao encontro de outras mulheres lésbicas. Por outro, algumas começaram a se afastar ao perceber que o movimento como um todo não se colocava totalmente favorável às proposições do movimento lésbico.

Nos anos 1970, duas grandes pensadoras, Rich e Wittig, contribuíram para o aprofundamento da reflexão lésbica, apontando três correntes no feminismo lésbico: a separatista, a feminista e a radical. Falquet (2004, p.28) alerta que essas classificações imputadas ao feminismo lésbico são tentativas de sistematizar debates muito complexos, com o agravante do limite imposto pela tradução de teorias e palavras, como radical e separatista, que podem ter sentidos muito diferentes conforme a história de luta do movimento lésbico em cada país.

A *tendência separatista*, segundo Falquet (2004), se preocupa com a criação de espaços físicos ou simbólicos exclusivos para as lésbicas. Nesse

sentido, as iniciativas são voltadas para a criação de comunidades organizadas em função das atividades – cinema, música, revistas, editoras, espaços de sociabilidade e de luta política.

A *corrente feminista* se baseia na idéia de que ser lésbica é ser primordialmente mulher, e é essa especificidade de gênero, e não a sexualidade lésbica, a categoria que identifica a lesbianidade. Rich (1993), expoente maior dessa linha de pensamento, enfatiza que as lésbicas e as outras mulheres compartilham da mesma opressão e, portanto, são as mulheres, inclusive as heterossexuais, e não os homens, os aliados naturais das lésbicas. Outra idéia central na obra de Rich (1993) é a da heterossexualidade compulsória. Apesar do termo ter sido utilizado antes por Rubin (1975), Rich (1993) desenvolveu o conceito. Para ela, a imposição da heterossexualidade como norma social causa a invisibilização da lesbianidade, inclusive dentro do movimento feminista. A idéia de um *continuum* lésbico seria uma das formas utilizadas pelas mulheres que não querem viver a heterossexualidade para se unir e compartilhar seus ideais na luta contra o sistema patriarcal.

Para Rich, a heterossexualidade compulsória é uma ordem instituída socialmente que demanda de todas as pessoas uma definição única e exclusiva na direção da sexualidade. Nela, não existe a possibilidade de questionar que a orientação sexual dirigida a um homem seja inevitável, sendo a heterossexualidade a única forma aceitável de sexualidade, uma regra, uma norma, que torna a homossexualidade sua antítese. Nesse sentido, qualquer variação dessa norma sexual é vista como desvio, como problema, como sinal de imaturidade e de anormalidade. A heterossexualidade, por outro lado, é vista como natural, insuspeita, sinal de um comportamento adulto, maduro e normal.

A francesa Wittig (2006), de *tendência radical*, aposta que a luta fundamental a ser empreendida é contra o regime político que se baseia na submissão e na apropriação das mulheres: a heterossexualidade. A autora cunhou a frase “as lésbicas não são mulheres” (WITTIG, 2006, p.43), inimaginável para o final da década de 1970, cuja intenção era fazer uma crítica ferrenha à idéia da

heterossexualidade como regime político.

Diferentemente das lésbicas separatistas do início dos anos 1970, cujo principal objetivo era construir novos valores lésbicos nas comunidades lésbicas, as radicais, entre elas Wittig, acreditavam que era preciso abolir o sistema heterossexual, criando uma “nova categoria”, a lésbica. Turcotte (2006, p.12) ressalta a dimensão política do trabalho de Wittig, pois “não se trata de substituir ‘mulher’ por ‘lésbica’, mas sim utilizar nossa posição estratégica para destruir o sistema heterossexual”. A radicalidade do pensamento de Wittig (2006) está no fato de sua proposição não se ater somente à transgressão, mas buscar a total supressão de categorias como gênero e sexo, elementos que ajudam a compor o núcleo do conjunto de parâmetros do pensamento heterossexual. Paradoxalmente, para Wittig (2006), tornar-se lésbica ou *gay* pode produzir a queda do regime heterossexual. Rich e Wittig compartilham a idéia da necessidade de combater a heterossexualidade compulsória, mas trilham caminhos diferentes.

A proposta radical de Wittig (2006), de resistência política à heterossexualidade pela adesão incontestada da lesbianidade, é criticada por Butler (2003), discordando da noção de que a heterossexualidade seja a única manifestação compulsória de poder a instrumentar a sexualidade. Concordo com os termos de Butler (2003, p.179) de que “se a sexualidade e o poder são co-extensivos, e se a sexualidade lésbica não é nem mais nem menos construída do que as outras formas de sexualidade, não há promessa de prazer ilimitado depois que os grilhões da categoria forem tirados”.

## **2.6. Estudos sobre lesbianidade no Brasil – notas introdutórias**

A partir dos anos 1980, alguns estudos acadêmicos e não acadêmicos focalizaram a lesbianidade, ou lesbianismo, homossexualidade feminina, homoerotismo feminino, destacando-se os trabalhos de Mott (1987), Portinari (1989), Carvalho (1995), Navarro-Swain (2000) e Heilborn (2004). No âmbito do ativismo, há o importante trabalho de Míccolis e Daniel (1983).



O ensaio de Míccolis e Daniel (1983) trata do direito à diferença e à desobediência de forma irreverente e bem-humorada. A resposta de Míccolis (1983, p.73) sobre o que seria uma lésbica é emblemática de uma recusa a qualquer definição definitiva, “deve ser um tipo estranho, tipo marciano. Eu nunca vi uma”. A autora questiona a divisão da mulher entre lésbica e não- lésbica; para ela, o “ser lésbico” ou o “ser heterossexual não existem”, o que existem são atos e não as pessoas em si.

Em análise de verbetes, romance, pornografia, escritos feministas, estudos de Psicologia e Antropologia e discursos veiculados pela mídia, Portinari (1989), psicóloga e uma das pioneiras na pesquisa sobre a lesbianidade, foca especialmente os discursos ou as formas de silenciar o tema.

As mulheres lésbicas contadas por elas mesmas aparecem no trabalho da antropóloga Carvalho (1995, p.1), cuja pesquisa teve por objetivo “compreender a trajetória afetivo-sexual de mulheres que privilegiaram, em um período significativo de suas vidas, os contatos masculinos, e hoje se encontram envolvidas em relacionamento com outras mulheres”. A partir da fala das entrevistadas, a pesquisadora mapeia os diversos sentidos da lesbianidade, nomeadas como andrógina, homossexual, entendida, *gay*, lésbica, inteligente, do meio, da “tchurma”, colega, Zé, irmã, figura, gata (CARVALHO, 1995, p.10).

A antropóloga Heilborn (2004) colocou em evidência a experiência da conjugalidade em uma perspectiva comparativa, enfocando casais heterossexuais e homossexuais. Tratando das articulações entre igualitarismo, gênero e identidade sexual, a autora salienta diferentes arranjos conjugais, ou padrões de conjugalidade, observáveis entre pares heterossexuais, homossexuais e lésbicos.

A historiadora Navarro-Swain (2000) chama a atenção para a impossibilidade de respostas definitivas baseadas em descrições e definições e convida o/a leitor/a a se perguntar sobre a profusão de sentidos que encerram as palavras lésbica, lesbianidade e suas conexões com a história de sua construção. Uma das preocupações da autora é com a forma como as lésbicas são representadas, particularmente como tem se dado essa representação na mídia.

Uma das perguntas de Navarro-Swain (2000) é se a mídia tem realmente conferido visibilidade às mulheres lésbicas e responde com uma breve análise das principais produções midiáticas nacionais e internacionais – filmes, novelas e seriados –, concluindo que “se as representações não mostram imagens caricaturais de lésbicas, os valores que compõem a teia discursiva são claros na desqualificação do lesbianismo” (NAVARRO-SWAIN, 2000, p.73).

As tendências teórico-políticas discutidas no tópico anterior têm fraca incidência sobre os estudos brasileiros, que tendem a uma discussão menos marcada pelas divisões e mais fortemente preocupada com a problematização ou mesmo a desconstrução da categoria lésbica, enfatizando a diversidade de nomeações e os intrincados processos de construção de sentidos sobre lesbianidade.

Os estudos brasileiros citados, apesar de serem originários de distintos domínios do saber – literatura, psicologia, antropologia e história – reiteram a aceção de que a sexualidade também é política, é atravessada por hierarquias, de gênero e do erótico, e é organizada dentro de sistemas de poder que operam de modo a estimular e gratificar algumas práticas sexuais e indivíduos, ao mesmo tempo em que inibem e punem outras. Tais estudos marcam também uma trajetória de trabalhos cujo olhar se volta mais especificamente para o estudo da lesbianidade, incluindo-se também discussões sobre a relação entre lesbianidade e mídia.

A mídia brasileira, especialmente as novelas – um de seus mais importantes produtos culturais –, é um contexto privilegiado para a construção de “problemas sociais”, sendo a visibilidade da homossexualidade/lesbianidade um exemplo atual, contemplada no capítulo seguinte.

## **CAPÍTULO 3**

### **TV E TELENVELA: A CONSTRUÇÃO DE “PROBLEMAS” SOCIAIS**

A mídia faz parte de uma rede de saberes – ciência, movimentos sociais, Estado, Igrejas, entre outros -, que, de forma distinta, produz e conforma idéias sobre assuntos diversificados. Sua participação no processo de construção e circulação de repertórios sobre lesbianidade na era moderna é expressiva. O poder da mídia televisiva pode ser entendido, também, por sua capacidade em converter pautas e “problemas” sociais em produtos rentáveis. As novelas fazem parte de uma engrenagem que atua sob a lógica do lucro. A aparente flexibilidade e permeabilidade das produções midiáticas permite avaliar o seu alcance tanto em termos de permanência como de transformação cultural.

Neste capítulo faço um breve panorama da TV brasileira, caracterizando um de seus produtos, a telenovela, no sentido de discutir a visibilidade conferida à lesbianidade.

#### **3.1. Televisão brasileira: especificidade, exuberância e seu papel na construção de “problemas” sociais**

Qual a relevância da TV e de seu mais importante produto cultural no contexto brasileiro?

Diferentemente de países europeus, como a França, no Brasil, assistir televisão é um hábito presente no dia-a-dia e uma das referências mais constantes nas abordagens sobre um país atravessado por tensões e contradições. Segundo Eugênio Bucci (1996, p.16), “foi a televisão que forneceu ao brasileiro sua auto-imagem a partir dos anos 70. Não foi o cinema, a literatura, não foi a imprensa, nem o futebol, nem a religião: foi a TV”.

A capacidade da televisão de penetrar no cotidiano dos/as brasileiros/as é explicada por Hamburger (1998, p.441) como uma das características mais marcantes da onipresença desse veículo de comunicação:

Longe de prover interpretações consensuais, a TV fornece um repertório comum por meio do qual pessoas de classes sociais, gerações, sexo e regiões diferentes se posicionam, se situam umas em relação às outras. Ao tornar um repertório comum acessível a cidadãos os mais diversos, a TV sinaliza a possibilidade, ainda que sempre adiada, da integração plena. Ela como que alimenta cotidianamente uma disputa simbólica, uma corrida pelo domínio das informações necessárias, um jogo de inclusão e exclusão social.

Através da difusão de informações, sem distinção de classe social ou localização geográfica, a TV contribui para a diluição das fronteiras entre público e privado, disponibilizando informações e repertórios antes conhecidos apenas pela via de instituições tradicionais – escola, igreja, família e Estado. Para Hamburger (1998, p.442),

(...) a televisão, e a telenovela em particular, são emblemáticas do surgimento de um novo espaço público, no qual o controle da formação e dos repertórios disponíveis mudou de mãos, deixou de ser monopólio dos intelectuais, políticos e governantes titulares dos postos de comando nas diversas instituições estatais.

A televisão tem afirmado, ao longo de sua história, a capacidade de penetrar nos espaços públicos e privados, integrando expectativas diversas, além de lançar novidades para sua imensa audiência. Ao captar a atenção pública e incorporar temáticas atuais nas telenovelas, como a homossexualidade/lesbianidade, a mídia televisiva contribui ativamente para a construção de sentidos dessa categoria. Nas sociedades modernas, a mídia se configura como uma das arenas importantes para definição dos problemas sociais (ROSEMBERG, 2007).

Hamburger (1998) argumenta que, apesar da aparente conexão com as demandas e mudanças sociais, a televisão está implicada no processo de reprodução de representações que mantém e perpetua matizes de desigualdade e discriminação, como na super-representação de brancos em relação a negros nos mais diversos programas televisivos e, por omissão, acaba contribuindo para a reprodução da discriminação racial. No entanto, essa visão é contra-argumentada

por Benedito Medrado (2000) – com quem concordo –, ao assinalar que a mídia não apenas reproduz fenômenos sociais, mas também produz e veicula sentidos.

Bucci (1996) oferece algumas pistas sobre o funcionamento da televisão e apresenta cinco constantes que ajudam a compreender o sucesso alcançado pela TV no Brasil. Retomo três dessas constantes, que dialogam diretamente com este estudo: na primeira, afirma o autor, “a televisão reproduz a exclusão social e o preconceito de classe à medida que o integra” (BUCCI, 1996, p.32). A regra é simples: a TV mostra o Brasil integrado por meio de uma redução idealizada, um país cujas contradições e tensões são imediatamente equacionadas. Para isso, é preciso silenciar os socialmente excluídos – negros, miseráveis, feios e opositores – que, quando aparecem, são apresentadas de forma estereotipada, dando vazão a preconceitos. À lista apresentada por Bucci (1996), acrescentaria outras formas de exclusão decorrentes de preconceitos relacionados a gênero, geração e orientação sexual, representados por mulheres solteiras, velhos, homossexuais, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, ambíguos, entre tantos outros.

A segunda constante se refere ao papel transgressor da mídia televisiva “à necessidade da televisão de transgredir os próprios limites” (BUCCI, 1996, p.34), mantendo seu público fiel por meio da apresentação de novidades, e é no campo dos costumes que faz isso de forma mais eficiente. Ao lidar com temas considerados tabus, a TV traz à cena um cardápio aparentemente inovador e polêmico: o que choca o telespectador é o que o fascina. Para Bucci (1996, p.34),

A TV brasileira estará sempre tangenciando os tabus, onde quer que eles estejam. Seja porque o espaço público tende a crescer, seja porque a imbricação entre ele e o espaço privado tende a aumentar, seja porque ele se espraia, devorando privacidades e gerando novas esferas de intimidade, seja porque precisa englobar tudo isso, a TV depende de ir sempre além. O seu oxigênio vem de espaços virgens. Espaços já conquistados são espaços estéreis. Quando não encontra, ela fabrica novos espaços virgens.

Na terceira constante – forma de funcionamento – Bucci (1996, p.31) aponta que, para ter sucesso, “as novelas precisam propor uma síntese do Brasil”, associando sua percepção de país vivida cotidianamente e o que é apresentado

pela TV. De acordo com Bucci (1996, p.32), é na novela das oito que essa síntese tem de se mostrar mais acurada:

O novelão das oito (o núcleo, o horário nobre) é obrigado a trazer ao público uma reelaboração estética do próprio país e de suas tensões presentes. Não há escapatória. O novelão das oito trabalha com tramas fictícias, por certo, mas alimentando-as, movendo-as estão as tensões reais vividas pelo telespectador. O diálogo entre a realidade do cidadão e o enredo imaginário sugerido pela novela produz obras que comportam vários níveis de entendimento – e de eficiência. É ingenuidade supor que novelas não passem de roteirinhos à toa. Há nelas, obrigatoriamente, uma complexidade que apenas se apresenta superficial. Sem essa complexidade (que constitui o âmago da difícil arte do novelista), ela deixa de atrair o público.

Essas três constantes foram estrategicamente utilizadas por Aguinaldo Silva, autor da novela *Senhora do Destino* (2004-2005) para introduzir o tema da lesbianidade no horário nobre da TV brasileira. Neste caso, a inclusão dessa temática contempla a necessidade de explorar assuntos pouco abordados no vídeo, embora sintonizados com as rápidas mudanças nos costumes e na intimidade, sem, no entanto, realizar um processo de desestabilização de valores.

Lembro que, entre os programas veiculados pela TV, a telenovela se tornou um de seus carros-chefe de maior sucesso e rentabilidade e é um dos grandes responsáveis pela mobilização da audiência nacional em termos de informação e formação de opinião pública, portanto, um contexto muito favorável para vender produtos e disseminar idéias.

### **3.2. Aspectos conceituais e históricos da telenovela brasileira**

Apesar do enorme sucesso, Bucci (1996) assinala que a telenovela no Brasil não é uma unanimidade. Alguns ainda a olham com desconfiança e menosprezo e certos intelectuais a consideram um bem cultural menor e um produto alienante. Essa desqualificação é vista pelo autor como pouco produtiva, pois desconsidera que “falar de televisão é falar do Brasil” (BUCCI, 1996, p.25). O autor nomeia essa postura de neo-elitista, afirmando que a excelência da televisão brasileira consiste justamente na razão pela qual ela vem sendo contestada: “o

melodrama de fato é um sucesso, o telejornalismo é emocional, a publicidade lança novidades” (BUCCI, 1996, p.27). Para aqueles/as que se interessam pelo país, a televisão, particularmente a telenovela, pode ser uma excelente vitrine de nossas contradições. Sua defesa, especialmente da telenovela, é contundente:

O que é preciso entender é como a novela consegue ter significados profundos para além do óbvio, que a telenovela só é bem-sucedida como fator de integração nacional porque tem uma visão de Brasil dentro de si e porque consegue organizar em vários níveis de profundidade (se fosse apenas simplório, um novelão das oito jamais funcionaria, jamais envolveria o grande público) (BUCCI, 1996, p.27).

A telenovela é, sem dúvida, parte do cotidiano do povo brasileiro, e instiga discussões e comentários sobre os temas que desenvolve. Esse destaque se deve à apresentação de temas cotidianos que despertam grande interesse do público e têm potencial para provocar discussões. As novelas são tema de conversa diária entre as pessoas e os/as telespectadores/as acompanham, comentam, torcem e se envolvem com as personagens e suas histórias. A novela funciona como grande vitrine de modelos, muitas vezes contraditórios, mas amplamente compartilhados. De acordo com Hamburger,

as novelas provêm um repertório através do qual os telespectadores mobilizam seus dramas pessoais em termos que são reconhecíveis publicamente. (...) Os telespectadores não necessariamente concordam ou imitam esses padrões, mas se posicionam em relação a assuntos polêmicos legitimando o tratamento público de questões antes confinadas às alcovas (HAMBURGER, 2005, p.145 e 144).

A estrutura narrativa da novela é construída de forma fragmentada, ou seja, a história deve ser contada aos poucos, fórmula concebida para manter o suspense e, conseqüentemente, a atenção do público. Campedelli (1987, p.20) afirma que “a telenovela desenrola-se segundo vários traçamentos dramáticos, apresentados aos poucos”, o que ela chama de “história parcelada”. Esse parcelamento da história, para a autora, é conhecido tecnicamente como *multiplot*

– várias histórias acontecem ao mesmo tempo e, no decorrer da trama, o *plot*<sup>24</sup> principal é eleito pelo público.

Outra característica estrutural da telenovela, segundo Campedelli (1987), é a sucessividade, significando que a história vai sendo apresentada em progressão, uma característica que possibilita ao autor dosar o fluxo da trama, tendo como referência a opinião pública e também aspectos inesperados, como o adoecimento de atores no decorrer do trabalho. Os chamados ganchos são recursos narrativos utilizados para prender a atenção do telespectador. A curiosidade em saber o que vai acontecer no dia seguinte – a cena termina com uma pergunta sem resposta ou com uma carta que será aberta e lida por alguém – , faz com que os capítulos possam ser “enganchados” na novela. Campedelli (1987) destaca que os ganchos não acontecem somente dentro da novela, mas também atingem outros veículos de comunicação – revistas, jornais, programas de televisão e publicidade –, mídias que concorrem pela atenção do telespectador para a história que está sendo desenvolvida na tela.

Outro atrativo da telenovela é ser uma obra aberta, construída juntamente com outros elementos no decorrer de sua exibição. Apesar de haver um roteiro inicial, as pesquisas de opinião pública, os “fatos” e “acontecimentos” durante o período de exibição da telenovela, o desempenho do elenco, os interesses da emissora e das empresas que anunciam seus produtos interferem no desenrolar da trama.

A estratégia de iniciar e interromper o fluxo da novela cumpre algumas funções. A primeira é de estimular o compartilhamento das histórias, já que existem pausas no decorrer da novela. As interrupções servem também para introduzir os anúncios que patrocinam a própria produção do programa. A idéia de um novelo desenrolando, adotada por Campedelli (1987), parece ser bastante adequada como imagem e descrição da forma de funcionamento das novelas.

---

24 Para Campedelli (1987), *plot* é o nome técnico conferido pelos teóricos da dramaturgia para designar qualquer enredo. A autora descreve alguns tipos de *plots* mais usuais: de amor, de sucesso, Cinderela, da volta, vingança, conversão, sacrifício, família, e comenta que as novelas tratam simultaneamente de diferentes *plots*.



Essas características podem sugerir que definir uma telenovela seja tarefa fácil, mas, como qualquer outro conceito que faz enveredar pela seara da disputa de sentidos, engloba diversas interpretações e está em constante estado de fluxo e redefinição. A despeito das várias definições que o termo comporta, a telenovela é um conjunto de narrativas que operam segundo um gênero ficcional; nos termos de Martín-Barbero (1997, p.302), uma estratégia de comunicabilidade e de interação, isto é, “modos em que se fazem reconhecíveis e organizam a competência comunicativa, os emissores e os destinatários, e por ser interativo dialoga constantemente com o conhecimento que circula na sociedade”.

Essa definição permite pensar a telenovela como gênero ficcional composto por uma trama de narrativas que incluem uma agenda de questões e temas, operando como espaço de mediação que congrega referenciais comuns, tanto aos produtores quanto aos receptores. Esse entendimento de um referencial comum leva os autores a apostarem na identificação da audiência com seus textos, assim como permite aos autores seguir determinados conjuntos de regras e configurações específicas na expectativa de atingir o público.

Herdeira do folhetim<sup>25</sup>, a novela abriu seu caminho pelo melodrama, conhecido como poderoso recurso para atrair distintas audiências, devido sua potencialidade para evocar reconhecimento e produzir familiaridade. O melodrama constrói sua trajetória de sucesso através de narrativas de aventuras e desventuras amorosas. Nessas narrativas, as personagens geralmente encarnam divisões binárias – bem e mal, lealdade e traição, honestidade e desonestidade. A retórica discursiva do drama é reconhecida como um recurso importante para conferir credibilidade aos assuntos tratados e, associada ao romantismo, torna-se a fórmula perfeita para conquistar uma boa audiência.

Da mesma forma que a televisão, a telenovela também passou por um processo de modernização. Hamburger (2005) sistematiza a história da telenovela brasileira em períodos, tomando por referência o tipo de relação estabelecida com

---

25 Andrade (2003) afirma que a raiz histórica da telenovela é o folhetim, que surgiu por volta de 1830 na imprensa, e não na literatura. Em 1836, esse tipo de texto se tornou uma publicação diária veiculada pela imprensa escrita, que o apresentou recortado em fatias cotidianas.

o Estado, a indústria da televisão, os anunciantes e o público. No primeiro período, de 1970 a 1989, consolidou-se a expansão da indústria da televisão no Brasil, tendo a Rede Globo como seu principal expoente. As novelas passaram de uma posição incipiente nos anos 1960 para uma posição de destaque, tornando-se um dos programas mais populares e lucrativos da televisão brasileira, termômetro do índice de audiência e motivo de disputa entre as emissoras.

A primeira telenovela diária brasileira estreou na TV Excelsior em 1963, com a adaptação do roteiro argentino *2-5499 ocupado*, cujo enredo tratava da relação entre uma telefonista presidiária (Glória Menezes) e o advogado Larry (Tarcísio Meira) que, a partir de uma ligação telefônica por engano para o escritório dele, se apaixonam tendo por mediação conversas ao telefone (HAMBURGER, 2005). Entretanto, somente nas décadas de 1970 e 1980 a televisão brasileira, sob o domínio da Rede Globo, se consolidou, período em que a novela realmente se tornou o gênero mais popular e lucrativo deste veículo de comunicação (HAMBURGER, 2005).

A fase que se inicia na década de 1990 ficou conhecida como o período de diversificação da estrutura e da programação televisiva, com a introdução de novas tecnologias – TV a cabo, novos aparelhos televisivos, videocassetes, tecnologia digital com imagens transmitidas diretamente por satélites e disseminação de antenas parabólicas. Esse período também foi marcado pela maior concorrência entre as emissoras de televisão e pela ameaça de quebra da hegemonia da Rede Globo. Um de seus produtos mais rentáveis, a telenovela, já não mais auferia os altos índices de audiência de outrora. O declínio de audiência da Rede Globo foi compreendido por vários autores como indicativo de que a fórmula das telenovelas tinha se esgotado e estava com seus dias contados. Borelli e Priolli (2000), em análise detalhada dos fatores envolvidos no declínio do volume de audiência sofrido pela emissora, concluem que a constatação da perda de audiência nos anos 1990 não foi suficiente para que a Rede Globo perdesse a liderança que apresenta até os dias atuais. Concordando com essa análise, Hamburger (2006), em entrevista concedida ao jornalista Ricardo Calil para um periódico eletrônico, reavalia as previsões catastróficas sobre o futuro das

telenovelas, e afirma que, contrariamente ao que havia sido pensado, atualmente, as novelas vivem um *boom*<sup>26</sup>. Nessa entrevista, Hamburger (2006, p.2) aponta duas razões para a longevidade de sucesso do gênero:

Primeiramente, a novela permanece como um dos formatos mais lucrativos da televisão, porque exige um investimento inicial alto, mas que se dilui ao longo de meses e pode ser facilmente recuperado com publicidade, *merchandising*<sup>27</sup> e, em alguns casos, vendas internacionais.

Depois, a novela continua atraindo uma grande audiência porque seu formato permite uma adequação do conteúdo ao público. Como os folhetins de jornal do século XIX, da qual descende, a novela pode se moldar de acordo com a resposta do público e pode fazer uma crônica muito imediata de seu tempo. O final de *Cobras & lagartos*, em que Foguinho abre uma barraquinha de *profiteroles* e cidra, é um comentário muito preciso sobre o aumento do consumo na classe baixa. Nesse sentido, a novela é um formato proto-interativo. Ao mesmo tempo, ela tem vantagens sobre formatos mais interativos, como os *reality shows*, por exemplo, uma dramaturgia mais consistente e o poder de suas estrelas.

Um dos fatores centrais no processo de modernização das novelas foi a evolução e a sofisticação das técnicas de medição de audiência. Além da Rede Globo<sup>28</sup> ter criado um departamento responsável pelas pesquisas de audiência e opinião, o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – IBOPE, empresa especializada em elaboração e realização de pesquisas – fornece um cardápio diverso de metodologias no qual a audiência *online*, e ao vivo nas principais cidades, é uma das armas para o acompanhamento do ritmo frenético de produção de uma novela.

As telenovelas são acompanhadas diariamente por meio de diversas fontes de informação – IBOPE, grupos de discussão, entrevistas –, estabelecendo uma espécie de diálogo constante com os diversos perfis que compõem a audiência.

---

26 Em novembro de 2006 existiam oito novelas brasileiras no ar: quatro na Rede Globo (se for incluída *Malhação*), três na Record (contando *Alta estação*) e uma na Bandeirantes. Apenas no mês de novembro houve três estréias nas três emissoras: *Pé na Jaca*, *Vidas Opostas* e *Paixões Proibidas* (HAMBURGER, 2006).

27 Segundo Cobra (1984), *merchandising* refere-se a um conjunto de operações planejadas para criar impulsos na mente dos consumidores, ou usuários, tornando mais rentáveis todas as operações nos canais de marketing. Atualmente, o princípio do merchandising aparece também na televisão, especificamente nas telenovelas.

28 Hamburger (2005) informa que o Departamento de pesquisa da Rede Globo foi criado em 1971 e dirigido por Homero Sanchez de 1971 a 1982.

A partir de 1990, as novelas sofreram modificações. Do período chamado de fantasia (pré-68) à fase denominada nacional-popular (até 1990), as telenovelas passaram por reformulações, tanto na forma quanto no conteúdo, e incorporaram em seus enredos o estilo conhecido como novelas de intervenção, no qual a escolha de enredos, cujo mote principal é a representação nacional, dá lugar a histórias relacionadas com a vida cotidiana das pessoas.

A novela de intervenção é marcada pela mistura do espaço narrativo das personagens com o universo cotidiano dos telespectadores, o que leva, de acordo com Hamburger (2005), à expansão dos limites do folhetim eletrônico. Porém, ao incorporar eventos e relações do mundo externo e ao alargar seus limites, a telenovela pode perder sua especificidade. Segundo Hamburger (2005), apesar dos riscos da perda da identidade do folhetim, tem ganho cada vez mais espaço a proposta de novelas de intervenção, nas quais os autores interferem diretamente em determinados assuntos pontuais, desde os políticos até os comportamentais, tendo em vista suas afinidades e respectivos estilos.

Conforme a análise de Hamburger (2005), ver novela passou a significar estar sintonizado, ou estar “antenado” com o que há de novo no mundo da moda, dos comportamentos, das relações. Nesse sentido, os temas abordados nas telenovelas se tornaram fundamentais para atrair a audiência, entre os quais destaque a homossexualidade/lesbianidade.

### **3.3. O papel da telenovela na construção da visibilidade da homossexualidade/lesbianidade**

Em entrevista ao Jornal *O Globo on line*, o estudioso de novelas Mauro Alencar enfatiza que a sexualidade é, sabidamente, capaz de esquentar os índices do IBOPE, pois é um tema que atrai audiência. Cenas de intimidade, como os beijos anunciados entre casais homossexuais nas novelas *Senhora do Destino* (2004-2005) e *América* (2005), são exemplos da recorrente utilização do erótico para atrair a atenção do/a telespectador/a. Para o pesquisador, “o que antes era

tabu virou tradição e uma arma poderosa de audiência para o canal” (LETTIERE, 2007, pp.1 e 2).

A quebra de silêncio em relação à homossexualidade/lesbianidade nos últimos anos pode ser comprovada pela utilização recorrente de personagens homossexuais/lésbicas em diversos meios de comunicação – revistas, programas de TV, novelas, filmes e seriados. Uma rápida olhada nas novelas e na literatura sugere a expansão do escopo de temas e imagens considerados tabus ou transgressores (HAMBURGER, 2005), mostrando que a mídia tem cumprido um papel importante na quebra de tabus, configurando-se como um espaço não só de manutenção da tradição, mas também de transgressão.

Marques (2003) identifica a presença de personagens homossexuais/lésbicas nas telenovelas brasileiras, desde os anos 1970, mas aponta que nos anos 1980 houve intensificação dessa temática.

Concomitantemente, as mudanças nas práticas discursivas ocorrem à medida em que a homossexualidade/lesbianidade tem sido retirada da clandestinidade e submetida a diferentes interpretações, desde a reivindicação organizada de direitos, por exemplo, as iniciativas coordenadas pelos movimentos feminista, homossexual e lésbico, até a proposta de mudanças na legislação por eles apoiadas, bem como por instituições e grupos acadêmicos<sup>29</sup> sob a perspectiva dos direitos humanos.

Para entender o processo de introdução de temas polêmicos – neste caso, a novela *Senhora do Destino*, que retrata a relação entre duas mulheres vividas por Eleonora (Mylla Christie) e Jenifer (Bárbara Borges) – é necessário refletir sobre alguns elementos que possibilitaram a discussão.

A trajetória da afirmação da homossexualidade/lesbianidade na sociedade brasileira é percebida por Parker (1994) e Heilborn (1996) como um dos sinais de

---

29 O Instituto de Medicina Social (IMS), onde funciona o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ), a Fundação Carlos Chagas/SP, o Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU/Unicamp, o Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC) e o recém-criado Núcleo de Pesquisa em Gênero e Sexualidade (NUPEGS/UFG) constituem-se, atualmente, atores importantes para a produção e difusão de conhecimento na área da sexualidade.

difusão da modernidade no país e como reflexo das políticas de identidade importadas dos Estados Unidos que, de modo específico, atingem a sociedade brasileira. Assim, as imagens homofóbicas e as representações estereotipadas passaram a ser foco de interesse e intervenção política de grupos organizados, que vêm trabalhando para transformar essas representações em filmes, novelas e outras produções culturais em formas mais positivas de apresentar a homossexualidade/lesbianidade.

Ao olhar historicamente a construção da lesbianidade pela mídia, percebe-se um deslocamento na forma de representá-la: de um fato sem importância, de uma quase inexistência, até a ocupação de uma posição de atenção e significação. A lesbiandade, aparentemente do âmbito privado, tem se tornado cada vez mais alvo de interesse público e de visibilização. Essas mudanças na forma de abordar a homossexualidade/lesbianidade sugerem uma maior aceitação da sexualidade homossexual, reforçando a idéia de que a visibilidade *gay*/lésbica provoca reações que vão além do preconceito e da recusa. No entanto, antes de qualquer conclusão precipitada sobre o papel da mídia na visibilidade homossexual/lésbica, é preciso reconhecer sua abordagem, muitas vezes, ambígua, ao abordar gênero e sexualidade. Afinal, a mídia, especificamente a telenovela, é constituída por uma multiplicidade de vozes que, por consequência, assumem diferentes valores sociais, demonstrando a não univocidade da mídia.

### **3.4 Abertura para a sexualidade: a visibilidade como estratégia política e como espetáculo**

Costa (1998) aponta alguns eventos históricos marcantes que favoreceram a maior abertura da sociedade no que tange às discussões sobre a sexualidade, entre eles os movimentos homossexual e feminista. O cerne desses movimentos sociais foi a luta pelos direitos através da politização do privado, propondo que o pessoal é político. Com a politização do privado, uma das estratégias dos movimentos homossexual e feminista foi a preocupação com a visibilidade e o resgate dos sujeitos que foram apagados pela história. Conforme apontam Fry

(1982) e Machado (1992), no Brasil, a reivindicação política pelos direitos de minorias, pelos direitos à alteridade, só se configurou no espaço inicial da abertura política, momento em que o regime brasileiro começou a permitir expressão mais livre da imprensa e dos meios de comunicação em geral.

A epidemia da aids, tornada pública pela mídia, também tem cumprido um papel crucial para uma maior abertura para o tema da sexualidade. Os meios de comunicação tiveram, e têm, um papel crucial na construção do conhecimento sobre a aids, vistos como o principal e quase único meio de divulgação e tradução daquilo que era então denominado “câncer gay” e praga “gay” (Galvão et al, 2002). Também merecem destaque os eventos comemorativos pelo Dia do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, por meio das Paradas do Orgulho GLBT, realizados em todo Brasil, que tem mobilizado grandes contingentes de pessoas e conferido uma visibilidade sem precedente às reivindicações do movimento (Carrara e Ramos, 2005).

Ao buscar explicações sobre o recente fenômeno da visibilidade homossexual/lésbica, Trevisan (2000) e Nunan (2003), embora partindo de perspectivas distintas, argumentam que, apesar de ter havido uma maior inclusão da diversidade de modelos de pessoa nos meios de comunicação, a visibilidade da homossexualidade/lesbianidade se deve a esta ter se tornado também um produto rentável para os meios de comunicação. Incluir a diversidade se tornou prática bem vista por aqueles/as que buscam uma mídia mais democrática e sintonizada com a variedade de modelos de pessoas e de práticas sexuais que compõem a sociedade, mas é também uma estratégia para alcançar públicos potencialmente importantes para o consumo. Para ambos os autores, a mídia despertou para o público consumidor gay e lésbico. Assim, é compreensível que o poder da mídia televisiva em converter pautas e “problemas sociais” em produtos faz parte da lógica que rege as redes de TV, afinal, elas são empresas que visam também ao lucro.

Strickland (1994), Debord (1997) e Hall (1997) problematizam a inclusão das diferenças na cultura globalizada, enfatizando o papel central da mídia na

transformação de fatos em shows de audiência dignos da sociedade do espetáculo. Os autores argumentam que, mais do que uma integração do outro, do diferente, tem-se um show, um espetáculo para deleite do consumidor.

Em outra direção, Britzman (1996) argumenta que a proliferação do interesse da mídia tem promovido novas formas de visibilidade e de acesso a códigos culturais homossexuais/lésbicos para o consumo de seus públicos. No caso de *Senhora do Destino* (2004-2005), considero que a novela contribuiu ao inovar não só com a inclusão do par lésbico, mas também com a introdução do tema da adoção, colocando essa temática na esfera dos direitos civis como um direito dos/as homossexuais/lésbicas à parentalidade.

Mais do que veicular informações, a mídia também produz saberes e formas específicas de comunicar o que é masculino e feminino. Segundo Michel Foucault (2004, p.55), discursos são práticas que sistematicamente “formam os objetos de que falam”, e não se reduzem a um conjunto de signos que remetem a conteúdos ou representações. As maneiras como são valorados os gêneros implicam na manutenção ou subversão de comportamentos, sentimentos e interdições que ajudam a moldar a vida de homens e mulheres.

Nessa mesma direção, Louro (1998, p.21) comenta que “para que se compreenda o lugar e as relações entre homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”. A mídia é vista pela autora como espaço que, ao mesmo tempo, estimula e restringe formas de comportamento e valores. A exemplo da escola, a mídia exerce papel pedagógico na constituição dos sujeitos, particularmente de seus corpos e sexualidades, isto é, suas práticas e linguagens afetam e marcam as histórias pessoais. Nas palavras de Louro (2001, p.25),

(...) família, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, freqüentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias.



Nesse processo de constituição, as pessoas não são meros expectadores, mas participam ativamente na produção de sentidos de suas identidades. No entanto, é inegável que a produção do imaginário social está intimamente relacionada com os meios de comunicação modernos.

O investimento do poder no corpo, descrito inicialmente por Foucault (1984) e ampliado por Butler (2003), requer estratégias distintas em tempos diferentes. Com o advento dos meios de comunicação, as estratégias de produção dos corpos e das sexualidades atingem mais rapidamente, e de forma mais eficiente, os corpos. Através da imaginação, ativada pela circulação incessante de imagens e textos, o simbólico se encarrega de proliferar, produzir e incitar a sexualidade.

De modo geral, a mídia trabalha a partir de algumas pautas centrais. Maternidade, família e casamento são temas de garantido sucesso, na medida em que são abordados de forma mais “tradicional”, com pouco espaço para mudanças. Apesar dos temas da homossexualidade/lesbianidade terem conquistado espaço no vídeo, a exposição de personagens heterossexuais é predominante. Ao focalizar pares não heterossexuais, é comum que a televisão, particularmente as novelas, faça a mediação de comentários e atitudes preconceituosas, quando não homofóbicas. Entretanto, a diversidade sexual, representada por *gays*, *lésbicas*, *queers*, transexuais, bissexuais, travestis, está mais visível publicamente, o que tem impactado a forma como as sexualidades são apresentadas no vídeo.

Alguns estudiosos têm refletido sobre o papel da mídia na construção dos gêneros e das sexualidades. De Lauretis (1987) enfatiza a importância das práticas socioculturais específicas do imaginário social, voltadas para produção e reprodução das especificidades do masculino e do feminino. Em sua leitura, o cinema, a literatura, a televisão, as novelas, a propaganda, os jornais, entre outros veículos, são tecnologias que difundem e produzem não apenas uma identidade masculina ou feminina, mas um tipo específico de sexualidade, aquela considerada como o único modelo “bom” de identidade sexual: a heterossexual.

Navarro-Swain (2002, p.14) destaca que, “apesar das aparições de um contra-imaginário que sugere o múltiplo pela proliferação de formas de relação social/sexual”, os temas centrais desse imaginário social ainda giram em torno da família, da maternidade, do casamento entre um homem e uma mulher, do amor heterossexual. Por mais que o texto da telenovela possa ser visto como polissêmico, ainda prevalecem certas idéias e posições hegemônicas. Muitas vezes, a introdução de identidades plurais acabam se constituindo um ponto de referência para a afirmação da identidade heterossexual – servindo como contraste e oposição, possibilitam a legitimação da identidade hegemônica.

Louro (2001) enfatiza que se a visibilidade dessas identidades promove novas referências para se combater a ignorância e a homofobia, ela mesma pode acirrar medos e provocar atitudes discriminatórias, estimulando a organização de grupos e campanhas conservadoras. Do mesmo modo que Navarro-Swain (2002), Louro (2001) também questiona o papel da mídia na produção das sexualidades.

Essa argumentação reforça a idéia de que o espaço da mídia é carregado de fortes tensões que refletem diferentes interesses e espaços de negociação. Como um lugar repleto de contradição e ambigüidade, a mídia não apresenta uma lógica unívoca e linear e, assim sendo, ela se movimenta e propicia debates na sociedade.

Os aspectos até aqui considerados – exposição da diversidade, do consumo e do exótico – mostram que a mídia tem pautado o tema da homossexualidade/lesbianidade com maior permissividade e relativa constância no tempo. A partir de 1988, uma seqüência de novelas na Rede Globo – *Vale Tudo* (1988-1989), *Torre de Babel* (1998-1999), *Mulheres Apaixonadas* (2003), *Senhora do Destino* (2004-2005), *América* (2005) e *Páginas da Vida* (2006-2007), corroboram o fato de que essa temática vem ganhando espaço e visibilidade na mídia, o que instiga a indagar sobre as formas como tem se dado essa visibilização.

Nesse sentido, privilegiarei dois aspectos nessa tese:

- 1) a constatação da maior visibilidade do tema na mídia televisiva
- 2) o tratamento dado ao tema

Através da linguagem utilizada na telenovela *Senhora do Destino* (2004-2005) para apresentar o tema da lesbianidade, como elementos para análise tomo os repertórios, seus usos, mudanças e permanências de posição, os contextos e as estratégias de negociação utilizadas pelas personagens.

### **3.5. Lesbianidade nas novelas da Rede Globo: *Vale Tudo*, *Torre de Babel*, *Mulheres Apaixonadas* e *Senhora do Destino***

Nos últimos anos, a presença de personagens homossexuais/lésbicas tornou-se recorrente em diversos meios de comunicação – revistas, programas de TV, novelas, filmes e seriados<sup>30</sup>.

A partir de 1988, uma seqüência de quatro novelas da Rede Globo atesta que a temática da homossexualidade/lesbianidade vem ganhando espaço e visibilidade na mídia, instigando o questionamento sobre as formas como essa visibilização tem ocorrido. Apesar deste estudo não propor a análise dessas quatro novelas, é possível perceber que há elementos que se repetem entre as diferentes histórias, permitindo pensar que os autores utilizam estratégias e abordagens discursivas que vão sendo construídas e implantadas em interlocução constante entre o que eles escrevem e como o público reage a isso.

A primeira novela que tratou do tema da lesbianidade, *Vale Tudo* (1988-1989), mostrou duas mulheres bem-sucedidas, Cecília (Lala Deheinzelin) e Laís (Cristina Prochaska), cuja relação foi apresentada de forma sutil, até à morte de Cecília. O fio condutor, que conferiu visibilidade ao tema, estava no campo do Direito, colocando em questão se Laís teria direito à herança de Cecília, já que as duas, além de parcerias amorosas, eram proprietárias de uma pousada. A luta de

---

30 Os seriados *The L word* e *Queer as folk* se destacam como produções norte americanas feitas por e para gays e lésbicas, tendo personagens homossexuais como protagonistas.

Laís chega a bom termo, pois no final da novela seu direito à posse da pousada foi reconhecido e ela retomou sua vida amorosa com a fotógrafa Marília (Bia Seidl).

Na segunda novela, *Torre de Babel* (1998-1999), o par formado por Rafaela (Cristiane Torloni) e Leila (Silvia Pfeifer) – empresárias, donas de uma loja em um *shopping center* – foi retratado desde o início com cenas que sugeriam um relacionamento amoroso entre elas, por exemplo, tomam banho juntas, provocando intensa rejeição de setores mais conservadores da sociedade. Diante das críticas e das pesquisas, o autor (Silvio de Abreu) decidiu refazer a trama e eliminar as personagens, explodindo o *shopping center* (*Dicionário da TV Globo*, 2003).

Em *Mulheres Apaixonadas* (2003), a terceira novela, a relação entre as protagonistas – duas mulheres jovens e estudantes, Clara (Aline Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli) – foi gradualmente apresentada, evidenciando os conflitos e as reações das outras personagens à relação entre elas. No capítulo final, o esperado beijo foi mostrado em uma encenação, na qual elas interpretam Romeu (Rafaela) e Julieta (Clara), o que restabeleceu a ordem convencional masculino-feminino sem provocar a ira dos conservadores. Ressalto que essa novela foi pioneira na manutenção do par lésbico até o último capítulo.

*Senhora do Destino* (2004-2005) trata da relação entre a médica Eleonora (Mylla Christie) e a estudante de fisioterapia Jenifer (Bárbara Borges), mostrando os conflitos de Jenifer com a descoberta do amor de Eleonora e de seu amor por ela. Houve toda uma preparação do público e de Jenifer para o seu processo de *coming out*<sup>31</sup>. Quando já estavam namorando, Eleonora encontra um bebê no lixo e as duas iniciam um processo de adoção. Das quatro novelas, *Senhora do Destino* (2004-2005) se destaca por mostrar, de forma mais direta, cenas que sugerem intimidade, como a cena em que acordam juntas e nuas na mesma cama. De um total de 151 cenas protagonizadas pelo casal no período de agosto de 2004 a março de 2005, os meses de outubro e novembro foram definitivos para

---

31 A expressão *coming out* se refere à decisão de alguns/mas homossexuais de assumir publicamente sua homossexualidade.

o desenrolar do romance por terem apresentado médias de IBOPE (51,1 e 51,7 respectivamente) acima da média da novela como um todo (50,3).

As quatro novelas apresentam muitas semelhanças na construção das personagens e na forma de desenvolver a trama. As histórias, a princípio, apresentadas de forma sutil, vão se tornando mais diretas e explícitas; as relações, inicialmente vistas como amizade, tornam-se aos olhos das outras personagens mais erotizadas; as personagens protagonizam relações que passam de momentos de auto-descoberta, com muito conflito, até a aceitação do amor diferente da norma, além de muita negociação com as personagens que compõem o entorno da relação. O foco deixa de recair somente sobre a orientação sexual das personagens e passa a incidir também sobre outros aspectos da sociabilidade, como a relação com a família, o trabalho e as amizades, estratégia que visa conferir maior legitimidade ao assunto.

Nessas novelas, há uma certa equivalência na construção dos perfis das personagens: mulheres brancas, de camadas urbanas altas e médias, escolarizadas, profissionais e que poderiam ser caracterizadas como autônomas e independentes com a apresentação de relações mais do tipo igualitário. Mesmo as adolescentes de *Mulheres Apaixonadas* (2003) não fugiam a esse padrão. Esse traço comum combina com a forma não convencional de gerenciar suas respectivas vidas amorosa e sexual, bem como com uma forma de caracterização de mulher mais aceita socialmente nos dias atuais. Outro elemento comum é que não são mais os indivíduos o foco de interesse e sim o “casal”, cuja relação vai sendo apresentada aos poucos, sugerindo que os enredos passam a investir fortemente em histórias centradas nos pares românticos e, como toda boa história romântica, com muito sofrimento até culminar no “felizes para sempre”. A principal variação entre as novelas mencionadas diz respeito ao tempo de permanência do par lésbico no ar em relação à duração total da novela. Das quatro novelas, as protagonistas lésbicas de *Senhora do Destino* ocupam um tempo maior de cena do que os outros pares. A segunda variação mais relevante está relacionada à introdução de diferentes facetas, ou adversidades, que um casal lésbico pode vivenciar – a disputa pela herança no caso de *Vale Tudo* (1988-1989), o

enfrentamento do preconceito da mãe e de uma colega em *Mulheres Apaixonadas* (2003) e a adoção de uma criança em *Senhora do Destino* (2004-2005).

Alguns/mas autores/as, que tratam da homossexualidade/lesbianidade em telenovelas, concordam que a maior visibilidade de personagens homossexuais/lésbicas tem tido impacto sobre a sociedade, gerando discussões e debates (GOMIDE, 2006; MARQUES, 2003; PEREIRA; LOPES; SILVA, 2006; PERET, 2006). Esses autores/as apontam para o tratamento ambíguo dispensado à temática ora mais positivado, ora reforçando estereótipos. Tais variações na forma de abordagem do tema são imputadas às maneiras como se estabelece a mediação entre produção e recepção, cada vez mais suscetíveis aos movimentos da opinião e do debate público.

O trabalho de Gomide (2006) merece destaque, porque também teve como objeto de estudo a novela *Senhora do Destino* (2004-2005), ao refletir sobre a construção das representações sociais de identidades lésbicas pela ficção seriada brasileira.

Gomide afirma que esta novela representa uma inovação na teledramaturgia nacional, "...uma vez que mulheres homossexuais foram trazidas para a narrativa ficcional conservadora que representa uma fonte de informação para expressiva parcela populacional" (2006, p.194). Porém, a autora ressalva que essa aparição é realizada às expensas de um padrão hegemônico, que conforma o "casal" ao modelo clássico heterossexual, com co-habitação, monogamia e uma criança para cuidar. Gomide (2006, p.9) critica o tratamento dispensado à Eleonora e Jenifer:

(...) ainda que circunscrito dentro da simulação do padrão hegemônico, o casal é tratado de forma discriminatória comparativamente aos casais heterossexuais, sendo vítima de preconceitos e censura, principalmente em relação às manifestações físicas de afeto.

Convém lembrar que a televisão e a própria telenovela sofrem restrições sobre o que veiculam. A televisão é um meio de comunicação regulada, portanto, não pode intencionalmente desestabilizar as normas. Ela tem que manter os

padrões socialmente instituídos como a família, o casamento, a heterossexualidade, entre outros.

Mais do que as práticas do “casal” retratadas na novela, o que está em jogo é a idéia de “casal” nos moldes da heterossexualidade institucionalizada. Segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986), o termo casal refere-se ao par composto de macho e fêmea ou homem e mulher. As práticas adotadas por Eleonora e Jenifer na novela, como casamento, co-habitação, maternidade, aparecem como indicadores de coerência para que essa idéia matriz se torne inteligível.

Apesar de concordar com a autora acerca da inovação em *Senhora do Destino* (2004-2005) e que determinados padrões hegemônicos permaneceram intocados, creio ser importante ilustrar, a partir das narrativas presentes na novela, os diversos repertórios e posições assumidas pelas diferentes personagens ao longo da trama. Mais do que afirmar que os textos e imagens são intrinsecamente progressistas ou reacionários, as fronteiras da mídia são difusas, apresentando amplo espectro de repertórios e posições que não se integram em uma posição absoluta, pura ou coerente a respeito de um determinado assunto.

## CAPÍTULO 4

### PROCEDIMENTOS: O PERCURSO METODOLÓGICO

#### 4.1. A escolha da novela *Senhora do Destino*

A opção por analisar a novela *Senhora do Destino* (2004-2005) deve-se ao fato de ter sido a primeira novela da televisão brasileira a apresentar um relacionamento entre mulheres de forma continuada – elas não desaparecem no meio da trama como em novelas anteriores – e explícita; a relação é nomeada e discutida ao longo da novela. As personagens se enamoram, vivem conflitos ante a possibilidade de se relacionar com uma pessoa do mesmo sexo e a capacidade de se aceitarem e serem aceitas, passam a coabitar, a viver em um modelo conjugal e, finalmente, decidem adotar uma criança. Do ponto de vista narrativo, essa novela foi pioneira ao apresentar um fluxo com “fechamento” (ROSE, 2002, p.355). Nas novelas anteriores, a narrativa sobre a lesbianidade era interrompida por algum incidente – *Vale Tudo* (1988-1989) e *Torre de Babel* (1998-1999) – ou, para ser mantida, a narrativa permanecia no nível da insinuação – *Mulheres Apaixonadas* (2003).

O material analisado nesta tese está composto pelas cenas da novela *Senhora do Destino* (2004-2005), (anexo1), contextualizadas por matérias veiculadas no jornal *Folha de S.Paulo online*, entre junho de 2004 e março de 2005 (anexo2), e os índices de audiência produzidos pelo IBOPE no mesmo período.

Neste estudo, parto do pressuposto que as práticas discursivas que circulam na novela podem ser entendidas como sinalizadores dos discursos sobre lesbianidade e provêm de diferentes matrizes discursivas – da produção acadêmica, dos movimentos homossexual e lésbico, da mídia, do senso comum, entre outros.

Nesse sentido, a telenovela é entendida como um gênero de discurso, uma forma muito particular de linguagem social que atua na veiculação de informações,



valores éticos, sociais e entretenimento, neste caso, difundida através de um de seus veículos mais eficientes – a TV. Por meio de narrativas, a novela legitima noções e posições de pessoa, dividindo os sujeitos entre normalizados e marginalizados.

Assistir televisão, especialmente a telenovela é uma prática social bastante presente no cotidiano da população brasileira. As novelas produzidas no Brasil ocupam lugar privilegiado, e de fácil acesso, como fonte principal de informação e de entretenimento. As telenovelas participam da produção, manutenção e veiculação de determinados repertórios e, de forma recorrente, entram na pauta de discussão nas conversas do cotidiano das pessoas, sobretudo assuntos relacionados às relações de gênero e a sexualidade.

Um dos objetivos deste trabalho é analisar a circulação de repertórios no cotidiano, as diferentes formas de falar sobre variados temas. A telenovela serve aos propósitos de um enfoque construcionista, que a concebe como uma prática social cuja construção envolve um gênero discursivo muito específico. O processo de produção de uma novela engloba diferentes componentes (autores, diretores, atores, empresa) e estratégias que participam ativamente na produção, circulação e seleção de repertórios, incluindo os/as receptores (leitores/as, telespectadores/as, críticos/as). Além disso, a interação com outras mídias (impressa, digital) realimenta a produção de sentidos sobre determinados temas (MEDRADO, 2000; SPINK; MEDRADO, 2000).

#### **4.2. Recursos para contextualização da novela**

Nesta pesquisa, as matérias do jornal *Folha de S.Paulo* e os índices do IBOPE constituíram recursos utilizados à guisa de contextualização. A opção pela *Folha de S.Paulo online* deveu-se à facilidade de acesso às matérias e ao fato desse ser um veículo de circulação nacional, cujas matérias apresentam informações sobre o diálogo estabelecido com outras mídias

Inicialmente, a pesquisa foi feita por meio de busca por palavras-chave – o nome da novela –, resultando em um conjunto de 50 matérias, das quais 23 eram

específicas sobre o tema da lesbianidade. A organização desse material privilegiou as seguintes informações: data, autoria, título, dados do IBOPE e comentários sobre o tema da lesbianidade (anexo 2). A grande maioria dos textos foram publicados na seção “Folha Ilustrada” e eram assinados por jornalistas, críticos de televisão e especialistas sobre TV e novela. As matérias específicas sobre o tema lesbianidade variaram desde a divulgação da história do par lésbico até opiniões favoráveis e contrárias à veiculação do tema pela TV.

A pesquisa sobre os dados do IBOPE foi feita por meio de cadastramento no Almanaque IBOPE (<http://www.almanaqueibopecom.br>), serviço de assinatura individual para acesso regular via Internet a informações exclusivas e abrangentes, geradas a partir das bases de dados e produtos comercializados pelo IBOPE. Esse registro possibilitou o acesso às tabelas que informavam os índices de audiência da novela *Senhora do Destino* (2004-2005) na Grande São Paulo. O quadro abaixo, que apresenta a audiência domiciliar e individual durante o período de exibição da telenovela, mostra expressivas marcas de audiência desde seu início, concentrando maiores índices nos meses de janeiro, fevereiro e março.

## Quadro 1

### Audiência domiciliar e individual da telenovela *Senhora do Destino* – de 28 de junho de 2004 a 13 de março de 2005

Período de medida		Nº da semana		Audiência domiciliar		Audiência individual	
Início	Final	Semana IBOPE	Semana novela	%	Dado bruto	%	Dado bruto
28/06	4/07	27	1	47	2.340	22	3.671
5/07	11 jul	28	2	44	2.202	22	3.577
12 jul	18 jul	29	3	47	2.337	23	3.841
19 jul	25 jul	30	4	48	2.376	24	3.959
26 jul	1 ago	31	5	47	2.322	23	3.782
2 ago	8 ago	32	6	47	2.306	22	3.662
9 ago	15 ago	33	7	46	2.284	23	3.744
16 ago	22 ago	34	8	45	2.210	21	3.469
23 ago	29 ago	35	9	46	2.266	22	3.643
30 ago	5 set	36	10	45	2.205	21	3.404
6 set	12 set	37	11	45	2.226	21	3.499
13 set	19 set	38	12	44	2.197	21	3.484
20 set	26 set	39	13	45	2.235	21	3.497
27 set	3 out	40	14	48	2.360	23	3.720
4 out	10 out	41	15	50	2.457	23	3.864
11 out	17 out	42	16	50	2.457	23	3.864
18 out	24 out	43	17	51	2.503	25	4.047
25 out	31 out	44	18	54	2.659	26	4.273
1 nov	7 nov	45	19	52	2.574	25	4.121
8 nov	14 nov	46	20	50	2.495	24	3.982
15 nov	21 nov	47	21	53	2.606	26	4.315
22 nov	28 nov	48	22	52	2.559	25	4.070
29 nov	5 dez	49	23	55	2.732	27	4.428
6 dez	12 dez	50	24	52	2.551	25	4.097
13 dez	19 dez	51	25	49	2.444	25	4.060
20 dez	26 dez	52	26	46	2.274	22	3.690
27 dez	2 jan	53	27	47	2.358	24	3.917
3 jan	9 jan	1	28	54	2.802	27	4.651
10 jan	16 jan	2	29	54	2.847	28	4.755
17 jan	23 jan	3	30	55	2.872	28	4.819
24 jan	30 jan	4	31	56	2.921	28	4.859
30 jan	6 fev	5	32	57	2.967	29	4.898
7 fev	13 fev	6	33	55	2.890	28	4.782
14 fev	20 fev	7	34	56	2.941	29	4.912
21 fev	27 fev	8	35	56	2.943	28	4.779
28 fev	6 mar	9	36	57	2.988	28	4.819
7 mar	13 mar	10	37	57	2.981	28	4.805

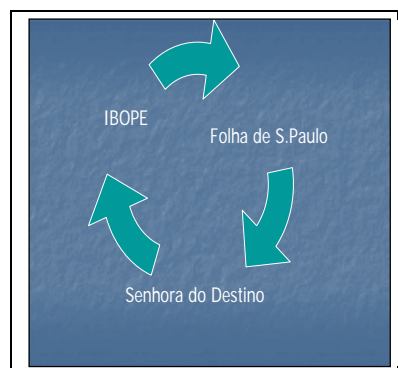
Fonte: Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBOPE).

### 4.3. Cenas da novela *Senhora do Destino*

O caminho para a obtenção de imagens e informações sobre a telenovela *Senhora do Destino* (2004-2005) englobou várias fases. Primeiramente, encaminhei mensagem eletrônica e carta à Globouniversidade<sup>32</sup>. O processo de negociação para a permissão do uso das imagens neste estudo se estendeu de março a outubro de 2005, resultando na obtenção de uma fita de vídeo em formato VHS, contendo o primeiro e o último capítulo da novela; o boletim de programação com a sinopse da história; a descrição das personagens; a transcrição de entrevistas com o autor e o diretor; a relação do elenco de atores/atrizes e de toda a equipe técnica responsável pela execução do projeto, incluindo cenografia, figurino, efeitos especiais e produção de arte; e um resumo dos 220 capítulos da telenovela.

**Figura 1**

**Relação entre diferentes veículos da mídia (telenovela e jornal *online*) e dados de pesquisa de audiência fornecidos pelo IBOPE**



Concomitantemente, iniciei uma pesquisa sobre veiculação de imagens da novela *Senhora do Destino* (2004- 2005) capturadas e disponibilizadas na Internet pelo *site* de Lee Looper (<http://leoandjen.com.br>)<sup>33</sup>, onde estavam disponibilizadas 151 cenas sobre o casal lésbico e informações sobre a vida das atrizes Mylla

32 Agradeço a Rafaela Cocchiola pelas informações sobre o caminho a percorrer junto à Rede Globo para obtenção do material de pesquisa.

33 Agradeço à pesquisadora Silvia Gomide por ter me apresentado esse site.

Christie e Bárbara Borges, que representaram Eleonora e Jenifer, respectivamente (material disponível para *download*).

O Anexo 1 traz uma descrição geral de cada cena (numerada e datada) e o contexto em que ocorreu, foi elaborado a partir das informações disponíveis no Boletim de Programação e das sinopses dos capítulos. A segunda fase deste trabalho consistiu na reedição das cenas de Eleonora e Jenifer (Leo e Jen), resultando em um único filme com duração de 5 horas e 23 minutos, posteriormente gravada em DVD com aproximadamente 2 gigabytes. Essa reedição permitiu acompanhar o desenvolvimento da narrativa como um todo e, também, editar pequenos recortes da história. Produzi 16 filmes curtos, contendo as narrativas de cada personagem sobre o tema da lesbianidade ou de falas que focalizassem a relação entre Leo e Jen. As cenas foram editadas de maneira a ressaltar as vozes presentes em cada um dos posicionamentos e a quem eram endereçadas as falas.

- a) entre Leo e Jen;
- b) de Leo e/ou Jen com as demais personagens;
- c) das demais personagens referindo-se às duas.

Das 151 cenas, na primeira etapa, foram selecionadas 29 entre Leo e Jen, 40 de Leo e/ou Jen com as demais personagens; 20 das demais personagens sem Leo e Jen. Na segunda etapa foram priorizadas cenas nas quais haviam repertórios e posicionamentos associados ao tema do relacionamento entre Leo e Jen.

#### **4.4. Procedimentos de análise**

A identificação de repertórios interpretativos e posicionamentos em relação ao tema da lesbianidade através da análise da linguagem em uso, objetivo desta tese, esteve apoiada em estratégias metodológicas desenvolvidas por Spink e

Menegon (2000) para a análise de práticas discursivas<sup>34</sup>. Assim, trabalhei a interface entre os aspectos performáticos da linguagem e suas condições de produção.

Do ponto de vista metodológico, Spink e Menegon (2004) propõem que a análise das práticas discursivas inclua duas possibilidades de apreensão: a primeira, refere-se à linguagem em uso e a segunda é mais voltada para os aspectos estruturais da linguagem. Esse tipo de análise requer um duplo movimento que englobe os aspectos performáticos da linguagem – quando, em que condições, com que intenção, de que modo – e as condições de produção – o contexto social e interacional e as construções históricas no sentido foucaultiano<sup>35</sup>. Nessa análise, devem ser consideradas a dinâmica ou processo – *enunciados* orientados por vozes – e o posicionamento; e os conteúdos – as linhas narrativas, os repertórios interpretativos e os gêneros de fala. Os/As autores/as que dão suporte teórico a essa discussão são Potter e Wetherell (1987), Davies e Harré (1990) e Bakhtin (1994).

Devido a presença simultânea de imagens, sons e texto, o material audiovisual requer análises de texto que ultrapassem formas convencionais. Neste caso, a interanimação entre os diferentes meios torna o discurso mais dinâmico, fluido e repleto de possibilidades de sentidos, dado que uma cena enunciativa contém distintas modalidades de evento. Outra particularidade da proposta deste estudo é somar a essas estratégias metodológicas o enfoque de gênero na análise discursiva de um produto midiático.

O diálogo estabelecido entre a novela, a mídia impressa e os índices de audiência foi tomado como fonte de informação secundária. Entretanto, reitero que a ênfase deste estudo está na análise das práticas discursivas, das formas de falar sobre a lesbianidade (imagens e textos) na novela.

---

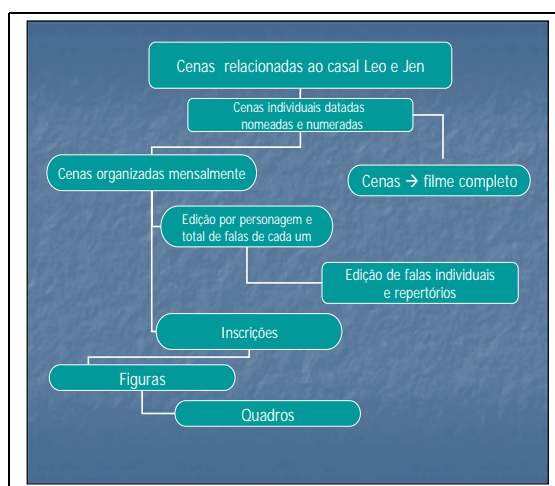
34 Esse modelo de análise pode ser conferido em pesquisas realizadas por COCCHIOLA, 2004; MEDRADO-DANTAS, 1997; PASSARELLI, 1998, participantes do NPDPS.

35 Foucault (2004), em *Arqueologia do saber*, toma o discurso como foco para mostrar as relações entre poder e saber.

Esses referenciais, informados pelo enfoque de gênero e empregados na análise do material coletado, resultaram nos caminhos de análise, mostrados na Figura 2 e descritos a seguir.

**Figura 2**

Apresentação dos passos realizados para a sistematização, organização e análise dos dados da pesquisa



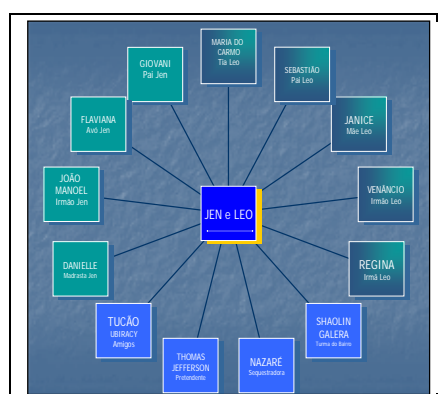
#### 4.5. Organização e transcrição do material

A seleção das cenas da novela relacionadas diretamente ao tema da lesbianidade ou ao casal de lésbicas foi baseada nas seguintes fontes: rastreamento e obtenção do material da novela via Rede Globo ([www.globo.com/globouniversidade](http://www.globo.com/globouniversidade)) e Internet (*site* de Lee Looper); obtenção do material com organização prévia produzido por Gomide (2006), contendo cenas do casal Eleonora e Jenifer e suas interações com as demais personagens; reedição e reorganização das cenas, atendendo a forma de tratamento dos dados segundo a metodologia escolhida.

Reitero que a edição única com as 151 cenas permitiu acompanhar os fluxos ininterruptos da narrativa sobre as personagens Leo e Jen e sobre as outras personagens com as quais elas se relacionaram. As falas foram editadas a partir das possibilidades de interanimações dialógicas (Figura 3).

**Figura 3**

Rede geral das personagens que interagem com o casal Jen e Leo



As diferentes cores/tons descrevem os núcleos aos quais as personagens pertencem. As personagens representadas pela cor verde, nos tons claro (Núcleo “Maria do Carmo”) e escuro (Núcleo “Giovani”) também interagem entre si, intra-núcleo e inter-núcleo. É importante salientar que Jen e Leo interagem com todas as personagens e entre si. As personagens que aparecem em azul têm frequência menor de interação com o “casal”.

A edição para cada personagem possibilitou a análise detalhada dos posicionamentos e da linguagem, na forma de expressões e vozes, e da linha de argumento de cada personagem, articulados com outras informações disponíveis sobre as personagens, como classe, raça, orientação sexual, idade e grau de instrução.



#### **4.6. Identificação dos repertórios interpretativos**

Essa proposta de análise permitiu identificar as diversas nomeações utilizadas para se referir à lesbianidade, que se constituem como sinalizadores dos repertórios que estão sendo empregados. Assim, as designações identificadas ultrapassam um conjunto de palavras dicionarizadas e com significados estaticamente estabelecidos e convencionados. Esses repertórios estão inseridos em um contexto próprio, previamente identificado, com características peculiares e que gera sentidos no cotidiano durante o processo de produção da mensagem e da recepção. Esses sentidos passam a funcionar como novos contextos nos quais outros sentidos podem ser produzidos.

Após a fase de identificação dos repertórios interpretativos e de seus respectivos sentidos, foi possível relacioná-los com as linguagens sociais existentes (tempo longo) sobre lesbianidade.

Nos capítulos 6 e 7 analisarei os diálogos entre as personagens que evidenciam a relação lésbica e identifiquei as nomeações e os repertórios utilizados, focalizando permanências e variâncias.

## CAPÍTULO 5

### SITUANDO A TELENOVELA *SENHORA DO DESTINO*

A veiculação novela *Senhora do Destino* (2004-2005), de Aguinaldo Silva e direção de Wolf Maia, esteve no ar entre 28 de junho de 2004 e 12 de março de 2005, exibida diariamente, de segunda-feira a sábado, no horário “nobre” da Rede Globo. A história da protagonista Maria do Carmo (Carolina Dieckman/Susana Vieira) se passa em dois períodos: o primeiro, em 1968, pouco antes da edição do Ato Institucional número 5 pelo governo militar, e o segundo ambientado nos anos 1990. Na fase inicial, a novela mostra o drama de três mulheres, que são as personagens centrais da novela: Maria do Carmo Ferreira da Silva (Carolina Dieckman no primeiro período e Susana Vieira no segundo), migrante e mãe nordestina; Josefa de Magalhães Duarte Pinto (Marília Gabriela), proprietária do Jornal *Diário de Notícias*, e Nazaré Vieira (Renata Sorrah), a vilã que inventa uma gravidez para fisgar o amante. De certa forma, todos os núcleos familiares são regidos por meio dessas mulheres.

A protagonista Maria do Carmo é abandonada pelo marido, que diz que iria para São Paulo tentar a vida e nunca mais deu notícias. Ela, então, muda para o Rio de Janeiro, onde tem um irmão, em busca de uma vida melhor. Chega ao Rio de Janeiro com seus cinco filhos, após uma atribulada viagem, que começa em Belém do São Francisco, cidade localizada no Estado de Pernambuco, na qual a cachorra da família morre, seu dinheiro é roubado e perde o endereço do irmão com quem ela deveria se encontrar. Seu irmão, Sebastião (Nelson Xavier), é o elo que conecta Maria do Carmo, Nazaré e Dona Josefa. Ele é casado com Janice (Mara Manzan), com quem tem três filhos: Eleonora (Mylla Christie), Venâncio (André Gonçalves) e Regininha (Maria Maya).

Quando Maria do Carmo chega ao Rio de Janeiro, se vê em meio à confusão de 1968 e, ao aceitar ajuda de uma desconhecida que se passa por enfermeira (Nazaré), sua filha mais nova, ainda bebê, é seqüestrada.

Desorientada, no meio da manifestação política, Maria do Carmo é levada para a prisão, onde conhece o jornalista Dirceu de Castro (José Mayer), que se interessa por sua história e descobre que ela é irmã de Sebastião, o motorista particular de Dona Josefa, proprietária do Jornal *Diário de Notícias* para o qual trabalha. A partir daí, Dirceu se torna seu namorado e fiel companheiro. Além de Dirceu, Maria do Carmo terá como amigo o ex-bicheiro Giovanni Improtta (José Wilker), que também é apaixonado por ela e a ajudará na recuperação da filha seqüestrada. Jenifer, filha de Giovanni, conhecerá Eleonora, filha de Sebastião, e viverão um romance.

A trama central que move a novela é a luta de Maria do Carmo para resgatar sua filha seqüestrada. Ela escolhe viver na Baixada Fluminense, na Vila São Miguel, onde seu irmão já reside, e se torna, ao longo dos anos, uma empreendedora na área de comércio de materiais de construção, gozando de grande reputação na comunidade.

### **5.1. A história da relação entre Eleonora (Leo) e Jenifer (Jen)**

As vidas de Eleonora (Leo) e Jenifer (Jen) só vão se cruzar a partir do capítulo 50. Em decorrência dos elos familiares compartilhados: Leo é sobrinha de Maria do Carmo, filha de seu irmão Sebastião, e Jen é filha de Giovanni Improtta, apaixonado por Maria do Carmo, e irmã de João Manoel (Heitor Martinez), namorado de Regininha, irmã de Leo. O motivo que precipita o encontro das duas é a preocupação em esconder de Sebastião o fato de que Regininha será a madrinha da bateria da Escola de Samba Unidos da Vila São Miguel, escola de samba do bairro onde residem. Ao se conhecerem, Leo e Jen arquitetam um plano para evitar que Sebastião saiba da verdade.

O envolvimento de Leo e Jen surge do pacto de proteção de Regininha e vai se estreitando em uma série de encontros, desde saídas para pizza e cinema até eventos familiares, marcados por despedidas com “selinhos”<sup>36</sup>. À princípio, a relação entre elas é vista como “uma amizade”, mas não está isenta de

---

36 Os selinhos são beijos nos quais lábios se tocam superficialmente.

comentários jocosos da “galera de rapazes” e da reação dos parentes frente à ameaça de uma possível relação não convencional. A crescente pressão leva Giovanni a conversar com Jen, na tentativa de esclarecer um mal-entendido, porque, para ele, os sentimentos de Eleonora não eram os mesmos de sua filha.

Jen se surpreende ante a fala do pai e, ao falar sobre o assunto com o irmão, que confirma que elas estavam sendo chamadas de “sapatão”, ela se desespera e vai ao encontro de Leo no hospital. Jen se desorienta ainda mais ao ouvir a declaração de amor de Leo, que quer viver uma relação com ela. Ante a revelação de Leo e do que pode significar a proximidade entre as duas, Jen foge. A tristeza se abate sobre as duas, que ficam sem se ver por vários capítulos, pois Jen se recusa a ter qualquer aproximação com Leo. Os familiares não deixam de perceber a tristeza das duas e a família de Jen tenta aproximá-la do deputado Thomas Jefferson (Mario Frias), amigo de Giovanni. Apesar das investidas do deputado e de suas tentativas de iniciar um relacionamento mais íntimo, Jen se recusa a uma maior aproximação. Eles até trocam alguns beijinhos, mas quando ele propõe que eles assumam a relação e ele toca no nome de Leo, ela fica irritadíssima, vai para um bar e toma um “porre”.

Durante quase todo o mês de novembro, Leo e Jen ficam sem se encontrar, apesar das tentativas empreendidas por Leo. Embora Jen esteja triste, se recusa a falar com Leo. A mãe de Leo, Janice, ao ver Jen na frente de sua casa resolve intervir e vai conversar com ela. Leo faz uma nova tentativa por telefone e chama Jen para uma conversa “olho no olho”. Igualmente, Giovanni chama a filha para uma conversa e sugere que Jen pare de fugir e encare a situação de frente, dizendo que está ao lado dela para o que der e vier. Jen finalmente vai ao encontro de Leo e as duas seguem para o apartamento de uma amiga de Leo. Jen se abre dizendo que não entende o que está acontecendo e Leo tenta tranquilizá-la dizendo que as duas vão ter de descobrir juntas. A cena da manhã seguinte no apartamento mostra as duas despertando juntas.

A partir desse episódio, elas se dedicam a pensar como vão encarar as respectivas famílias, após decidirem permanecer juntas. Reações de

estranhamento e questionamento acontecem em ambas as famílias. Na família de Jen, João Manoel é a personagem que fica mais incomodado com a situação e na família de Leo, seu pai (Sebastião), ao saber da relação da filha com Jen, a expulsa de casa. Porém, depois de conversar com Giovanni, Maria do Carmo e Janice, e de ver a filha trabalhando no hospital, Sebastião reavalia sua decisão e pede para que Leo continue morando com eles. Mesmo com o apoio do pai, Leo resolve que é melhor encontrar um lugar seu para morar.

Leo comenta com Jen seu desejo de ter filhos. Na noite de Ano Novo, ela encontra um bebê abandonado na lixeira do hospital em que trabalha, reitera seu desejo a Jen, e elas decidem iniciar o processo de adoção da criança. Ambas as famílias apóiam a luta do “casal”, embora o processo de adoção seja iniciado apenas no nome de Leo.

Os meses de fevereiro e março são de preparação do novo apartamento e da expectativa sobre a decisão do juiz sobre a adoção. Em apoio à relação de Leo e Jen, Giovanni cede um de seus imóveis a elas e indica seu advogado para cuidar do processo de adoção. O juiz finalmente concede a guarda da criança a Leo e o “casal” passa a criá-lo. A novela termina com vários casamentos, entre eles, a união civil das duas, por meio de registro em cartório, que é comunicada às famílias e também com as duas morando juntas no novo apartamento, acompanhadas do filho.

## 5.2. Autoria e perfil das personagens

Aguinaldo Silva (1944-), considerado um autor de grande prestígio na televisão brasileira, entre as várias novelas que produziu, é lembrado pela co-autoria, com Dias Gomes, de *Roque Santeiro* (1985/86), *Vale Tudo* (1988), com Gilberto Braga, *Tieta* (1990), *Fera Ferida* (1993/94), *Indomada* (1997), *Porto dos Milagres* (2001), emplacando outro grande sucesso em 2004/2005<sup>37</sup>.

---

37 <http://www.teledramaturgia.com.br/aguinaldo.htm>. A notoriedade do autor pode ser conferida nas matérias divulgadas na mídia desde o início e persiste após o final da novela. Somente na *Folha de S.Paulo* foram publicadas 50 matérias sobre a novela *Senhora do Destino*

Aguinaldo Silva também é conhecido por ter integrado o Grupo *Somos*<sup>38</sup>, um dos primeiros grupos de militância a politizar a questão da homossexualidade, além de ser um dos membros do conselho editorial do jornal *O Lampião*, publicação do grupo *Somos*. Silva parece ter estado envolvido com os temas tabus, e parece também ter aprendido a lidar com assuntos considerados polêmicos no contexto da linguagem televisiva.

Em *O destino de Aginaldo*, título da entrevista concedida a Mônica Bergamo (*Folha de S.Paulo*, 12/09/2004), Silva comenta sobre a iniciativa de introduzir as temáticas da relação amorosa entre duas mulheres e da adoção por casais lésbicos juntamente com aspectos pessoais da própria homossexualidade. Para ele, os riscos de tratar do assunto são controlados: “há um certo trauma inicial mas ninguém é expulso do paraíso por causa disso”. Munido de um programa que permite o acompanhamento dos números do IBOPE minuto a minuto, ele parece ter conseguido equilibrar diferentes tensões, integrando aspectos de sua trajetória pessoal à necessidade de estar “sintonizado” com as rápidas mudanças na sociedade e se mantendo fiel à estrutura básica do melodrama.

Na entrevista para o Boletim de estréia da novela (GLOBO, 2004), ele respondeu de forma genérica à pergunta sobre a forma como o amor seria representado na novela:

Tem muito amor na novela. O relacionamento mais romântico é o de Viriato e Maria Eduarda. Esse é o que chamamos do romance do mocinho e da mocinha, que vão enfrentar todos os percalços. Mas tem ainda o amor do Dirceu e da Maria do Carmo, o amor do Giovanni pela Maria do Carmo, o amor proibido de Nalva por Viriato, o amor do português pela mulata, do Sebastião pela Josefa – um amor fantástico, terrível e proibido até o final. Há amores de todos os tipos e isso eu estou exacerbando ao máximo! As paixões, os romances... Eu diria que estou escrevendo uma novela propositalmente romântica, em que as paixões são desvairadas.

Em entrevista concedida a Laura Matos (*Folha de S.Paulo on line*, 13/06/2004), poucos dias antes do início da novela, o autor confirma que irá

---

(Anexo 2), além de ter sido matéria de outras revistas como *Veja*, *Capricho*, *Época*, *Contigo*.

38 As obras de MacRae (1990), Trevisan (2000), Perlonger (1987), Fachini (2005) são referências importantes para conhecer a história do grupo *Somos*.

introduzir o tema da homossexualidade e explica que fará isso de forma gradual:

*Folha* Em semana de parada gay, pergunto ao senhor, já demitido de um banco devido à opção sexual: a trama terá homossexual?

*Agnaldo Silva* Como "Senhora" fala sobre relações familiares, me veio a idéia de abordar como uma família iria se adaptar a uma relação homossexual assumida por um dos membros. Pensei em colocar duas moças, a filha mais velha do Sebastião (Nelson Xavier), a Eleonora (Milla Cristie), e a filha do ex bicheiro Giovanni Improtta (José Wilker), a Jeniffer (Bárbara Borges), vivendo uma situação dessas. Mas só vou começar a desenvolver essa história bem mais para a frente. Não porque tenha cuidados, mas porque tenho muita trama para desenvolver.

Apesar de negar, inicialmente, e de tomar cuidado com a forma de apresentar a história de Leo e Jenifer, o autor reformula seus comentários iniciais e revela ter utilizado tanto de uma ação deliberada de planejamento, quanto de precauções que envolveram a condução da história de Leo e Jen:

*Folha* O público, que aceitou as lésbicas de sua novela, está mais tolerante com o homossexualismo?

*Agnaldo Silva* O Brasil sempre foi tolerante. Desde a época da colônia. Os cronistas do começo do século 20, tipo João do Rio, eram homossexuais, Pelo menos o Rio sempre foi uma cidade muito liberal. Mas, quando você via abordar um assunto desses numa novela, tem que tomar certas precauções, porque você não está escrevendo só para o público mais esclarecido, está escrevendo para o país inteiro. Provavelmente, se as minhas meninas não fossem duas pessoas tão certinhas, e isso foi proposital, acho que criaria mal-estar.

Dos quatro os núcleos da novela – Maria do Carmo, Nazaré Tedesco, Giovanni Improtta e Barão de Bom Sucesso (Boletim de estréia (Rede Globo, 2004) –, o de Maria do Carmo e o de Giovani Improtta são centrais para a esta análise, conforme aponto no quadro abaixo, que apresenta as personagens e respectivos atores/atrizes que discutem a relação de Leo e Jenifer.

Núcleo Maria do Carmo	Núcleo Giovanni Improtta
<p><b>Eleonora ou Leo</b> (Mylla Christie), branca, classe média, residente de medicina, mora com a família, filha mais velha.</p> <p><b>Pai:</b> Sebastião (Luiz Carlos Vasconcelos/José Mayer), motorista, nordestino.</p> <p><b>Mãe:</b> Janice (Mara Manzan), dona de casa</p> <p><b>Irmã:</b> Regininha (Maria Maya), madrinha da escola de samba, namorada de João Manoel.</p> <p><b>Irmão:</b> Venâncio (André Gonçalves), motorista.</p> <p><b>Shaolin:</b> (Leonardo Miggiorin), amigo da família, líder da “galera” de amigos, dono de uma academia de artes marciais.</p>	<p><b>Jenifer ou Jen</b> (Bárbara Borges), branca, rica, mora com a família, estudante de fisioterapia, filha mais nova.</p> <p><b>Pai:</b> Giovanni Improtta (José Wilker), “ex” bicheiro, empresário da construção civil, presidente da escola de samba.</p> <p><b>Avó:</b> Flaviana (Yoná Magalhães), dona de casa, sogra de Giovanni.</p> <p><b>Irmão:</b> João Manoel (Heitor Martinez), vice-presidente da escola de samba Unidos de Vila São Miguel, namorado de Regininha.</p>

Jenifer, estudante de fisioterapia, é retratada pelo autor como doce, boazinha, bem educada, estudiosa, reservada e caseira. Filha querida do ex-bicheiro, a quem ele chama de “seu mimo”, e queridinha da avó, Flaviana (Yoná Magalhães), Jenifer é a menina perfeita e, segundo o pai, faria a felicidade de qualquer homem.

Eleonora, filha de Sebastião e Janice, cursa o último ano de Medicina e faz estágio em um hospital da Baixada Fluminense. Ela é descrita como muito tímida e reservada, mesmo com os pais e os irmãos, pouco se sabe sobre ela, a não ser que se dedica totalmente aos estudos e, às vezes, fica muito tempo sem aparecer em casa. Segundo o Boletim de programação (Globo, 2004, p.26), Eleonora é uma mulher sem vaidade e misteriosa. “Eleonora é apagada, sem vida e nunca namorou, acha que isso é um atraso de vida. Ela é um mistério”.



### 5.3. *Senhora do Destino*: uma novela recordista

*Senhora do Destino* ficou conhecida por alcançar expressivos índices de audiência que, segundo o IBOPE (2004/2005) (Quadro 1), indicam uma trajetória de sucesso de público, constatada pelos índices de audiência da estréia da novela. Na primeira semana (28 Junho a 04 de Julho de 2004), a novela alcançou 47 pontos<sup>39</sup>, na última semana (7 março a 13 de março) 57 pontos, tendo uma média geral de 50 pontos de audiência.

A revista *Veja* (2004) traduziu os índices de audiência em números de telespectadores e de TV sintonizados na novela que, nos momentos de maior audiência, atraiu em torno de 45 milhões de espectadores, ou seja, de cada 100 televisores, 80 estavam sintonizados na Rede Globo. *Senhora do Destino* foi também capa das revistas *Veja*, *Contigo*, *Quem*, *Capricho*, *Isto É gente e Isto é*, além de ter sido tema para matérias de jornais, sítios da Internet e revistas brasileiras.

No jornal *Folha de S.Paulo on line* foram produzidas 50 matérias durante o período de exibição da novela, das quais 23 tratavam especificamente do tema lesbianidade. De forma geral, as matérias informam os índices do IBOPE, discutem aspectos positivos e críticos da novela e trazem os aspectos polêmicos da relação entre o par lésbico da novela.

Segundo o articulista da *Folha de S.Paulo*, Daniel Castro (2004), a novela *Senhora do Destino* também é detentora do recorde de *merchandisings*<sup>40</sup> na história da Globo. Na metade da novela ela já contabilizava cerca de 80 *merchandisings* (anúncios incluídos nas falas dos atores) a um custo de cerca de R\$ 400 mil por anúncio. Suas antecessoras, *Celebridade e Mulheres Apaixonadas*, terminaram a novela com cerca de cem anúncios. Segundo Borelli (2005), uma

---

39 Segundo o IBOPE, cada ponto de audiência equivale a cerca de 47, 5 mil domicílios na Grande São Paulo.

40 Segundo Borelli (2005), o *merchandising* constitui-se como um apelo comercial inserido no próprio contexto da novela e tem sido bastante utilizado por anunciantes como elemento estratégico para o direcionamento da utilização da verba publicitária.

novela consegue se pagar após o segundo ou terceiro mês de veiculação por meio das receitas advindas de venda de anúncios e *merchandising*

Ainda na matéria de Castro (2004), o autor da novela, Aguinaldo Silva, explica que a maioria dos anunciantes privilegia que seus *merchandisings* sejam feitos por Maria do Carmo (Suzana Vieira): “uma pesquisa concluiu que a personagem representa, melhor que qualquer outro nos últimos tempos, o que o *marketing* considera o brasileiro exemplar”.

A construção da personagem de Maria do Carmo – heroína batalhadora que lutou e venceu adversidades – parece ter sido fundamental como argumento poderoso que permitiu a identificação de parcelas distintas da população brasileira com a trajetória de ascensão social. Outro ponto positivo é que Maria do Carmo agrega aspectos tanto do universo feminino – cuidado com a casa, a família -, como aspectos que a vinculam com a noção de independência e autonomia, pois a protagonista também tem uma vida profissional.

No caso de Eleonora e Jenifer, a dupla lésbica da novela, houve somente uma cena com *merchandising* veiculada no dia 5 de Março: um anúncio da tinta *Luks Color*, a propósito da mudança de ambas para o novo apartamento. Segundo Almeida (2003), a publicidade tem dificuldade de lidar com temas polêmicos dado que sua missão envolve uma via dupla: por um lado, para atrair o consumidor/a é preciso que a publicidade trabalhe com valores sociais que já existem, que estão em circulação social, por outro, é necessário que ela promova novos comportamentos e produtos novos. Almeida (2003) percebe uma tensão entre os profissionais da publicidade em relação à mídia e seus produtos culturais. Alguns a percebem somente como um reflexo da sociedade, outros como um lugar para a promoção de idéias, valores, padrões e comportamentos. Em minha análise, a novela *Senhora do Destino* promove novas configurações de intimidade por meio da narrativa de um par lésbico, porém, essa configuração requer a manutenção de um relacionamento atado à valores convencionais e amplamente difundidos.

## CAPÍTULO 6

### LINHAS NARRATIVAS: NOMEAÇÕES, DESLOCAMENTOS E TENSÕES INTRA-NOVELA

A telenovela é entendida aqui como um gênero de discurso, isto é, uma forma muito particular de linguagem social que atua na divulgação de informações, valores éticos, sociais e entretenimento, difundida através de um de seus veículos mais eficientes, a TV. O objetivo deste capítulo é identificar as formas de se falar sobre a lesbianidade na telenovela *Senhora do Destino*, focando os repertórios interpretativos e os posicionamentos das personagens. Para chegar às designações e aos sentidos associados à noção de lesbianidade no curso das narrativas desta novela, tomo como ponto de partida os diálogos entre:

- a) Eleonora e Jenifer
- b) de Eleonora e Jenifer com as demais personagens
- c) de Eleonora ou Jenifer com as demais personagens
- d) das demais personagens sobre Eleonora e Jenifer

As diversas possibilidades narrativas dificultaram a eleição dos diálogos, por isso priorizei cenas nas quais Eleonora e Jenifer apareciam em primeiro plano e cujos enunciados tratavam do relacionamento delas.

A linha narrativa da novela foi dividida em dois momentos. Na parte I (Quadro 1), enfatizei as cenas que mostram o encontro de Jenifer e Eleonora até o momento em que o relacionamento de ambas envolve o encontro sexual. Na parte II (Quadro 2), enfatizei as cenas nas quais Eleonora e Jenifer passam a viver nos moldes de um “casal”.

## PARTE I: DA AMIZADE AO SEXO

**QUADRO 1**  
**Da amizade ao sexo**

CAPÍTULOS	EIXOS TEMÁTICOS PREDOMINANTES
50, 51, 52, 53, 55	Primeiros encontros
56, 70, 72	“Choque”; primeiro “selinho”; estranhamentos
83, 84, 85, 89, 90, 92, 96, 101, 103, 108, 112, 113	“Amizade”; mais estranhamentos; provocações; primeira nomeação “sapata”
114	Tensões e nomeação de “lésbica”.
116, 117, 125, 127	Desencontros: afirmação e fuga; Apoios familiares
130	Sexo (insinuação na cama).

### 6.1. O encontro entre Eleonora e Jenifer

As personagens Eleonora e Jenifer emergem na novela a partir do capítulo 50. Nesse momento, o autor descreve o relacionamento entre elas em termos “da falta que uma faz para a outra”, “do desejo de conversar”, “do quanto é prazeroso estar junto”, “da alegria de ter uma pessoa para se abrir”, “de ter alguém para se sentirem compreendidas”, “de se sentirem em completude” e “do desejo que a relação continue”. Amiga é a palavra predominante nos repertórios que as personagens adotam para se nomearem é, conforme os diálogos relacionados a seguir.

Cena 19 Cap.83	Leo telefona para Jenifer e marca um encontro na sorveteria
Leo	Alô, Jenifer! (...)
Jen	Eu também tava com saudades de você, dos nossos papos, amiga. Não, não, imagina! não tenho nenhum compromisso, Eleonora. Se eu tivesse eu desmarcava, pronto. Claro, claro, na sorveteria onde a gente se viu naquele shopping, vamos nos encontrar, então, beijos.
Cena 20 Cap. 84	Encontro Leo e Jen na sorveteria
Leo	Ah! Desculpa amiga, nem perguntei se você queria variar hoje
Jen	Não precisa, pode ser o de sempre
Leo	Eu tenho uma péssima mania de resolver tudo por todo mundo

Jen Por mim ta ótimo Eleonora, eu adoro ter alguém que decida por mim.  
 Leo É por isso que gosto de sair com você, a gente se completa, não é?  
 Jen É verdade

---

Cena 20 Leo e Jen se despedem em frente a casa de Jen  
 Cap. 84

---

Leo Adorei te encontrar, é sempre bom quando agente ta juntas, né? Não sei porque, mas me faz tão bem ter uma pessoa com a qual eu possa me abrir, que entende. Eu nem sei o que é que eu fiz para merecer isso. Só sei que eu gosto muito.  
 Jen Pois é, eu também fico querendo ficar mais com você. Dá uma vontade... (risos)  
 Leo Eu também não sei porque isso rola. Só sei que é bom. Eu quero te encontrar de novo, ta?

Os sentidos que envolvem o termo amiga referem-se à identificação mútua que elas sentem logo de início, e a vinculação dessa simpatia inicial à idéia de amizade.

A aproximação inicial entre Eleonora e Jenifer – uma aliança para proteger a relação estabelecida entre o irmão de Jenifer (João Manoel) e a irmã de Eleonora (Regininha) da ira de Sebastião (pai de Eleonora e Regininha) – se desloca do seu motivo original – salvar os irmãos – e se volta para interesses mútuos – estudar juntas, se divertirem. Nesse momento, os encontros enfatizam o prazer da descoberta e do estar em companhia uma da outra.

A percepção de que se trata de uma amizade é compartilhada por outros personagens da trama, como ocorre com Flaviana e Giovani, respectivamente, avó e pai de Jenifer. Aos olhos das famílias de Eleonora e de Jenifer, a relação é vista como um estímulo para sair, passear, “espairecer”; algo que funciona como um antídoto para a solidão:

---

Cena 14 Diálogo entre Jenifer e Flaviana, preocupação de Flaviana com Jenifer  
 Cap. 57

---

Flaviana Quanta animação? Tudo por causa do passeio de ontem? Onde você foi?  
 Jen Ah, fui encontrar uma amiga, jogar conversa fora  
 Flaviana Tem que relaxar mesmo, estuda tanto, né? Oh querida, fico preocupada com você, assim tão sozinha, sem ter ninguém da sua idade para te fazer companhia, né bonitinha?  
 Jen Fica tranqüila vó. Eu to muito bem, viu. De qualquer forma obrigada pela atenção  
 Flaviana Não tem que agradecer. Você e seu irmão são as únicas razões para que eu seja feliz.

A noção de amizade aqui adotada parece se orientar pela necessidade de responder aos interesses da família em garantir espaços de sociabilidade controlada, ou seja, relações que possam trazer estreitamento entre as famílias, sem colocar em risco as “normas familiares”. A eles interessa que as respectivas filhas mantenham vínculos sociais, porém, dentro das expectativas da família.

Cena 18 Cap. 72	Conversa entre Giovani, Jenifer e Flaviana
Giovani	Posso saber onde você andava minha filha querida?
Jen	Ah! pai, sua filhinha querida saiu para um programa, digamos que bem mais modesto, viu?, fui comer pizza com uma amiga, aqui mesmo em Vila São Miguel
Giovani	Ah! com uma amiga?
Jen	É, uma amiga, a Eleonora que é irmã da Regininha, acho que de tanto correr atrás daqueles dois malucos, nós duas acabamos ficando amigas
Flaviana	amigas, bom isso né?, muito bom. Eu já não agüentava mais ver você enterrada dentro de casa, só estudando, estudando, estudando
Giovani	acho que sua vó tem razão, estudar é muito importante, é importantíssimo, mas de vez em quando é bom dar um tempo para arejar a consciência, sabe?. Eu acho importante você ter lá suas amizades, e digo mais, acho que é bom até que você arranje um namorado; arranje, eu não me importo
Jen	Ah, pai, não, não, namorado toma tempo demais! Eu to fora! Eu prefiro por enquanto me dedicar só aos estudos, ta bom? Beijos, tchau para vocês

## 6.2. O estranhamento

Frente ao aprofundamento da relação entre Eleonora e Jenifer, comentários familiares e de pessoas próximas à família, denotam julgamentos, avaliações e temores sobre os rumos que a relação possa tomar. Regininha não entende por que a irmã não tem namorado. A despeito do encorajamento inicial da amizade entre as duas, a retórica discursiva reforça a idéia de que a relação entre elas não responde ao “problema da solidão”, sendo a maneira de resolvê-lo, e ao mesmo tempo corresponder à expectativa familiar, “encontrar um namorado”.

Cena 15 Cap. 58	Discussão entre Regininha e Eleonora.
Regininha	Olha aqui Eleonora, eu também acho que você devia sair mais, se divertir mais, mas eu respeito o seu modo de ser. Eu não fico jogando na sua cara que uma mulher da sua idade não ter tido nunca um namorado é no mínimo esquisito.

Shaolin (amigo da família) e sua “galera” de amigos também não entendem a relação de Leo e Jenifer. Na cena em que Jen passa para buscar Leo, os amigos demonstram seu incômodo: “qual é a dessas duas?”, “mulher que pega mulher?”, “uma gata dando mole para outra?”. É importante notar que as manifestações de estranhamento aparecem por intermédio das personagens que circulam no entorno da relação entre Leo e Jenifer.

Há elementos no roteiro da novela que permitem à “galera” inferir que há algo mais. Em outra cena, na qual as duas personagens se encontram na pizzaria, há uma troca de “selinho” (beijo rápido com toque de leve nos lábios) no momento da chegada e da despedida. O gesto se repete quando as duas se encontram na sorveteria, provocando reações na “galera”:

Cena 20 Cap 84	Reação ao selinho de Jen e Leo ao se cumprimentarem.
Gato	Caraca meu irmão, vocês viram o que eu vi <i>brother</i> ? Qual é a dessas duas? Que é isso?
Shaolin	Shh!! ninguém tem nada a ver com isso viu malandro. Uma é sobrinha da Dona do Carmo e a outra é filha do Doutor Giovani, então se essas duas quiserem se agarrar em praça pública ninguém aqui tem nada a ver com isso.
Rapaz da galera	Shao, to contigo cara, cada uma sabe de si meu irmão, ninguém se mete
Cena 21 Cap.85	Na rua a galera observa e comenta o “selinho” entre Leo e Jen
Galera	Alá, alá, não acredito, alá, não falei. Mulher que pega mulher, isso aí meu Deus do céu. Logo, duas gataças maluco!
Shaolin	Meu irmão, o negócio é o seguinte, essas gatas tem bom gosto, sacou? E os mané não tem nada a ver com isso... Vamos embora, que eu tenho muito serviço para fazer hoje.

### 6.3. O questionamento

A relação das duas “amigas”, cujos encontros são percebidos em termos de “gostar de ficar juntas”, “de sair para conversar, se divertir,” não parecem mais suficientes aos olhos de João Marcelo, da galera e do pai de Jenifer, Giovani. As perguntas emergem de forma mais direta sobre o *status* da relação com o pressuposto da existência de um namorado.

Cena 22 Cap. 89	Jen chega em casa e fica pensativa
Jen	Que ta me olhando ai desse jeito João?
JM	Aquela não era a irmã da Regina?
Jen	Era sim, a Eleonora. Ai João, sabe o que ela perguntou, se a Regina ligou para você.
JM	Ligou sim, liga sempre, ta morrendo, eu também não agüento mais de saudade da minha morena. Mas a irmã da Regina não tem namorado, não?
Jen	Nunca perguntei não, a gente sai para conversar, mas nenhuma de nós duas fala sobre isso.
JM	E o que tanto vocês conversam?
Jen	A gente fala sobre hospital, fisioterapia, essas coisas que a gente tem em comum.
JM	Papo interessantíssimo, não sobra nem tempo para falar sobre namorado.
Jen	Pode apostar. Vou aproveitar agora e estudar mais um pouco. Boa noite

O enredo se desenvolve no sentido de permitir aos personagens externos perceber que a relação entre elas pode ser algo mais que “simples amizade”. Assim, as redes sociais representadas pela família, vizinhos e amigos nomeiam o que elas sentem uma pela outra ou caracterizam o que é o relacionamento das duas. A pressão para uma definição culmina numa conversa entre Jenifer e Giovani, que, além de questionar, insere elementos explicativos sobre a distinção entre as diferentes formas de amizade e suas respectivas implicações. A intervenção de Giovani é decisiva para o auto-questionamento de Jenifer .

Cena 35 Cap.114	Giovani chama Jenifer para uma conversa
Jen	O senhor disse que ia me fazer uma pergunta...
Giovani	é, é, sobre você e a Eleonora. Essa sua amizade com a doutora vem a ser exatamente o quê?
Jen	Ai, mas que pergunta pai. A amizade que eu tenho com a “doutora” vem a ser aquilo que é, ou seja, uma grande amizade . Eu adoro a Eleonora, eu quero ta o tempo todo com ela, a gente tem sempre assunto para conversar, e se diverte demais quando a gente tá junta, nós somos amigonas.
Giovani	Quer dizer... você gosta muito dela como amiga?
Jen	E de que outra maneira poderia ser?
Giovani	E a doutora, como é que... como é que ela gosta de você?
Jen	O senhor disse que ia me fazer uma pergunta, mas já fez várias viu, e eu não to conseguindo entender o motivo de nenhuma delas, pai. Esse interrogatório todo aí sobre a minha amizade com a Eleonora, por quê?
Giovani	Sabe o que é, é que as vezes uma amizade entre duas criaturas pode se tornar muito mais do que isso, entendeu? Talvez por ser uma meninazinha inocente, você ainda não tenha percebido o alcance do apego que há entre vocês duas, entendeu?



Jen Não, não, isso não. Eu... não acredito, pai (chorando), não pode ser.. Eu tava falando da Eleonora, a Eleonora, minha grande querida amiga, praticamente a única que eu tenho. O senhor tá insinuando...

Giovani Não estou insinuando absolutamente nada, eu não estou insinuando porque não sou um homem de insinuação, imagina. Você me desculpe, mas eu estou afirmando que deve haver um mal-entendido entre vocês duas, mal-entendido esse que você minha filhinha deve tratar de esclarecer.

Jen Levanta e faz menção de sair.

Giovani Escute, escute, venha cá, escute, preste atenção. Eu sou um homem bastante experiente, bastante vivido, calejado até... e olha, qualquer coisa que aconteça aqui dentro da minha casa, a menos que eu seja sei lá, que eu seja assim incendiado deitado na minha própria cama, eu vou tentar entender, ta?

O questionamento introduzido por Giovani desloca a ênfase na retórica de uma amizade afetiva para uma amizade com conotações amorosas e sexuais. Para sustentar sua percepção sobre o que se passa na relação entre as duas, Giovani lança mão do argumento de que ele “sabe”, “é um homem experiente”, enquanto Jenifer não sabe, é uma “meninazinha inocente”. A conclusão de Giovani é que há um mal-entendido entre as duas que precisa de esclarecimento, mas qualquer que seja o desfecho, ele apoiará a filha. A idéia prevalente na narrativa de Giovani é a de que sexualidade é um assunto de domínio masculino e que as mulheres precisam ser ensinadas no quesito do sexo. A autoridade da afirmação de Giovani repousa na idéia de que sexualidade humana é regida por um sexo “verdadeiro”, o sexo masculino, sem ele não há compreensão do que o sexo é.

#### **6.4 Deslocamentos: a classificação**

Se nos primeiros meses de exibição da novela, a amizade é um dos termos recorrentes – utilizado 29 vezes, desde sua primeira enunciação no dia 01 de setembro (capítulo 57) até o dia 11 de dezembro (capítulo 144) – ocorre um deslocamento para classificações com conotações amorosas e sexuais. Ao longo dos primeiros meses, o termo amizade assume diferentes sentidos, dependendo de quem o enuncia e do posicionamento das personagens no diálogo e, à medida que a ambiguidade ganha terreno, emergem as classificações:

---

Cena 27	Na rua, Leo e Jen aguardam o lançamento de Daniele como celebridade
Cap.101	instantânea

---

Galera	Olha lá as duas sapatas, não to dizendo Shaolin – Tá maluco meu irmão, tá maluco
Jen	Você ouviu o que eles disseram?
Leo	Não, eu estava prestando atenção em você
Shaolin	SAPATA, as sapatas dos barrocos da pedra lascada, entendeu meu irmão. As sapatas, aquele negócio que fica debaixo para segurar a casa, as sapatas tão afundando vai ter que gastar uma grana lá para refazer tudo, entendeu? Haja cimento, né? Dona do Carmo é que vai gostar...
Jen	Ele falou SAPATA?
Leo	Desencana Jenifer. Olha lá, olha lá, agora a galera vai gostar
Cena 31 Cap.108	Dentro do carro, João Manoel comenta ao ver Leo e Jenifer saindo para ir ao cinema.
JM	Alá, lá vão as duas de novo
Reg	E daí, o que é que tem?
JM	Como diz meu pai, elas são a corda e a caçamba.
Reg	Ce ta falando mal da minha irmã? Eu não admito. Não quero saber de gracinhas não.
JM	Tudo bem, vocês são irmãos coisa e tal, tal e coisa, mas você minha morena é muito diferente da Eleonora. Aquela lá que gosta mesmo é de outra fruta.
Reg	Fruta???
JM	Esquece, cruza faz o gol e vem pro abraço.
Reg	Fruta??? Não fala mal da minha irmã, não!

Alertada com as perguntas feitas por Giovani, Jenifer pergunta ao irmão, João Manoel, como ele percebe a relação dela com Leo.

Cena 35 Cap.114	Jenifer pergunta ao irmão o que ele acha da amizade dela com Leo
JM	E aí, posso saber o motivo da conversa?
Jen	João Manoel, o que você acha da minha amizade com a Eleonora? Então, andam comentando sobre nós duas?
JM	Ah, prefiro não opinar a esse respeito não... Mas se você quiser eu posso repetir o que andam comentando aí na rua.
Jen	Mas falaram o quê? (chorando)
JM	Imagine, aquele dia que você tava andando na praça com a doutora, né, tava lá e aí dois sujeitos, um olhou para o outro e falou: olha lá, lá vão as duas sapatonas. Aí, não...
Jen	Não, para com isso! É tudo mentira, ninguém pode dizer uma coisa dessas de mim, eu não fiz nada (gritando e jogando as coisas no chão).

Jenifer se desespera ante a informação de João Manoel sobre os comentários de que elas estavam sendo publicamente identificadas como “sapatonas”.

Segundo Bakhtin (1992), a polissemia de sentidos é característica da palavra – a designação “sapata”, e seus diferentes sentidos, confirma essa

premissa. As terminologias, mais ou menos, “vulgares” funcionam como sinônimos para “lesbianismo” que, conforme contextualizado no capítulo 2, está associada à cidade de Lesbos, onde nasceu e viveu a poetisa grega Safo, cuja obra era inspirada no amor entre as mulheres. Nesse sentido, adjetivos como “sapata” e seus derivados – “sapatão”, “sapatona”, “sapatilha” ou simplesmente “sapa”, entre outros – são termos “chulos” adotados para ofender e desqualificar mulheres que possuem orientação não heterossexual.

Segundo o dicionário Aurélio (1986, p.1023) a palavra lésbica significa “mulher homossexual, mulher-homem, mulher macho e (bras., chulo) sapatão”; o adjetivo lésbico refere-se ao “amor de uma mulher a outra”. Ainda segundo o autor (1986, p.1549), “sapata” também define uma parte da construção civil: “fundação isolada, geralmente de concreto armado, cuja altura é pequena em relação à base, baseamento”. Este é o sentido utilizado no diálogo entre um dos rapazes da galera e Shaolin para despistar a designação enunciada inicialmente.

Sebastião, pai de Eleonora, atribui outros adjetivos para se referir à relação de Leo com Jenifer:

Cena 83 Cap 148	Na casa de Sebastião, ele e Leo discutem sobre o relacionamento dela com Jenifer.
Sebastião	(...) Eu nunca imaginei que um dia você ia me dar tanto desgosto. O que você fez é.. é...
Leo	É amor, pai! É só isso, um grande amor.
Seb	Não, é doença, é falta de vergonha na cara, é imoral! Depravada! É isso que você é!
Leo	Pai, pai, me escuta! Eu só to tentando te ajudar a entender o que eu sinto.
Seb	Eu não preciso que ninguém me ajude a entender nada, eu vi, eu sei o que é safadeza, desvio de conduta, você precisa fazer um tratamento, se internar
Leo	Não fala do que não sabe que a médica aqui sou eu.
Seb	O que torna tudo muito pior ainda, prova que é tara mesmo! Ainda mais uma doutora, uma médica, que estuda a doença pra depois curar
Leo	Não é doença, eu não tenho do que me curar, muito menos me tratar de nada. Amor não é doença, é um sentimento, que não se arranca do coração de ninguém.
Seb	Só pode ser aquela mulherzinha!
Leo	Não fala assim da Jenifer, que é a pessoa que eu amo. Eu não vou admitir que você fale assim dela!
Seb	Eu não vou admitir que as pessoas na rua me apontem dizendo “lá vai o pai daquela médica sapatona”.
Leo	Eu não acredito que você use uma palavra dessas!
Seb	As que eu conheço são piores ainda! São horríveis, como é horrível esse teu vício imundo.

Leo Não é vício coisa nenhuma, é a minha escolha.  
 Seb Isso é coisa de fanchona mesmo, sapata, sapatona, lésbica. É isso que vão te chamar na rua. Se você insiste em virar essa aberração, é melhor que fique longe daqui mesmo, portanto...  
 Leo Pode parar! Pode parar, velho turrão e preconceituoso. Antes que pense em me expulsar de casa como fez com a Regininha e o Venâncio, eu vou embora, eu vou embora, eu vou embora, por livre e espontânea vontade, assim como são todas as escolhas da minha vida.  
 Jan Janice entra na sala chorando e abraça Leo.  
 Leo Não, minha filha, não faz isso, pelo amor de Deus, por favor, não faz isso.  
 Leo Mãe, eu vou embora, mãe, eu vou embora porque isso não é nenhuma tragédia, eu vou viver a minha vida como eu quero.  
 Seb Essa sem-vergonha de novo aí [o telefone toca, era do hospital chamando Leo para atender uma emergência].  
 Leo (...) Não posso permitir que me expulsem seja de onde for, por preconceito  
 Seb Depravação na minha casa, não. É bom ficar longe dessa família.  
 Leo Uma família que seu chefe não sabe aceitar e acolher diferenças, não é uma família de verdade.

O diálogo entre Sebastião e Eleonora aponta para diferentes concepções de lesbianidade, bem como modelos explicativos e recomendações práticas. Se para Leo a lesbianidade é vista como uma opção legítima amorosa, que precisa ser vivida, para Sebastião é algo “anormal” que requer tratamento.

Cena 85 Cap149	Maria do Carmo e Giovani vão até a casa de Sebastião conversar com ele.
Seb .	Vieram pedir para aceitar o vício dessas duas devassas? pode dar meia volta e ir embora
Maria do Carmo	Como é que é?
Seba	Eu não aceito, e me recuso a falar...
Maria do Carmo	Do que você está falando?
Seba	Das duas sapatonas, a filha desse cafajeste..Você é um cafajeste e a sua filha é uma sapatona... (...) Eu prefiria que Eleonora tivesse morrido, antes de me dar esse desgosto
Gio	Prefiria nada. Ce não sabe do que está falando..
Seba	A culpa também é sua, que não soube criar a sua filha, só pode ter sido ela que iludiu Eleonora.
Gio	(...) não existe ilusão nenhuma nessa história, Sebastião. As duas sabem perfeitamente o que estão fazendo. Eu também fico completamente troncho só de pensar no assunto, mas a verdade, Sebastião, a verdade é que as duas se amam.
Seb	Eu tenho nojo só de pensar nessas coisas.
Gio	Mas essas coisas, Sebastião, acabaram de entrar na nossa família, e elas vieram pra ficar, então será bom você tentar controlar esse nojo.
Seb	Antes que isso aconteça eu quero morrer seco!
Maria do Carmo	Meu irmão, pelo amor de Deus, não diga uma coisa dessas, você ta falando de morte demais pro meu gosto, sabia? E acontece que vocês estão discutindo é sobre vida, isso, a vida de Jenifer e sua filha, minha querida

sobrinha, e a vida de todos nós que somos membros das famílias delas.

Seb (...) Se você acha que eu devo aceitar que a minha filhinha, que eu criei, que eu eduquei, a quem eu amei tanto, gosta de mulher, não gosta de homem está apaixonada por sua filha! (...) Farei o possível para separar as duas.

Gio Não adiantaria. Você acha que se houvesse um jeito de fazer a minha filha Jenifer ter outro tipo de preferência, eu já não teria tentado?

Seb Eu não to conseguindo pensar direito, ta me dando uma gastura, uma raiva, uma vontade de destruir tudo, de sair por aí destruindo o mundo inteiro

Gio Sebastião, me ouve, tudo que você vai conseguir é acabar sendo preso. Eu também sofri gravemente as conseqüências dessa história. Você não tem que ficar mal com o mundo só porque sua filha tem outro tipo de preferência. Ninguém tem culpa de nada, nem ela. Eu sei que é difícil, eu sou testemunha disso, mas você não tem outra saída. Quer dizer, você só tem uma saída.

Seb E qual é a saída?

Gio Você tem que engolir em seco e aceitar

Seb Entender os motivos dessa sem-vergonhice?.

Os termos utilizados pelo personagem Sebastião – “desgosto”, “doença”, “imoral”, “depravação”, “safadeza”, “desvio de conduta”, “tara”, “sapatona”, “lésbica”, “aberração”, “vício” e “cafajeste” –, associados à manifestação de “nojo” – “preferiria que a filha morresse” –, são evocados a partir de uma matriz discursiva que coloca a lesbianidade da filha entre os discursos que a concebem desde doença até sem-vergonhice, prevalecendo uma interpretação patologizante.

A reação de Sebastião – não concordar com esse tipo de relação amorosa e ter “vontade de destruir tudo” – pode ser compreendida como uma reação “homofóbica” nas proposições dos movimentos homossexuais/ lésbicos. A homofobia é caracterizada como “o medo, a aversão, ou o ódio irracional aos homossexuais” (NUNAN, 2003, p.78). Confrontando o argumento de Sebastião, Giovani argumenta que esse não era o desejo dele como pai, porém, diz que ninguém tem “culpa”. Nas palavras de Giovani, Sebastião não precisa sofrer, pois o que a filha demonstra é somente outro tipo de preferência. Aparentemente, para Giovani, a lesbianidade é algo mais forte que a vontade das pessoas, está além da possibilidade de escolha, apesar de dizer textualmente que é simplesmente outra preferência. Frente ao indesejável, Giovani aconselha Sebastião a se conformar, “ engolir em seco e aceitar”. O entendimento neste diálogo é que a lesbianidade é algo que não se deseja, mas ante a ocorrência dela não há como evitar, portanto a recomendação é de que as famílias se conformem.

Como Sebastião, João Manoel estranha, julga e classifica a relação de Eleonora e Jenifer como uma “anormalidade”. Na opinião de João Manoel, o namoro dele com Regininha é a única relação legítima da família, narrativa predominante pouco alterada durante toda a trama, apesar das intervenções de Giovani. Num primeiro momento, João Manoel indaga se Leo não tem namorado; não satisfeito com a resposta, demonstra seu desconforto:

o pai não vai perdoar quando souber... a irmã está muito por dentro do assunto preconceito... Leo e Jen são *mui amigas*, não se desgrudam... são que nem a corda e a caçamba... Leo gosta mesmo é de outra fruta... [até chegar em] lá vão as duas sapatas... Aquelas duas, se é verdade o que estou pensando meu pai não vai perdoar... quando Don Giovani descobrir vai se importar e muito.

A raiva e o descontentamento de João Manoel aumentam à medida em que Giovani resolve apoiar o namoro: “é uma pouca vergonha”. Seu pânico ante o diferente requer uma afirmação de virilidade, ao afirmar que “é espada, promete dar seis netos, todos legítimos e feitos de modo tradicional” e finaliza: “mulher com mulher dá jacaré” e diz, ironicamente, que “parecem estar casadas”, perguntando “quem vai vestir véu e grinalda?”.

No desenrolar da trama, as pressões feitas pelas personagens, que estão no entorno de Jenifer e Eleonora, por definições acerca do caráter da relação tornam-se elementos catalizadores e incidem na forma como elas próprias vão se perceber.

## 6.5 Da amizade ao que não pode ser nomeado

A partir do capítulo 114, quando Jenifer procura Eleonora para ter uma conversa “esclarecedora” sobre o relacionamento de ambas, os termos utilizados vão paulatinamente se deslocando para algo mais do que uma “amizade”.

---

Cena 38 Cap. 114	Eleonora e Jenifer conversam na cafeteria do hospital
Leo	Ta tudo bem?
Jen	Você é que vai me dizer, sabia que andam falando mal de nós pelos cantos?
Leo	As pessoas são muito maldosas.
Jen	É verdade, são sim.. mas enquanto eu vinha pro hospital fiquei pensando muito sobre a gente, sobre a nossa amizade, e aí eu cheguei a conclusão

que a gente deu bandeira. Eleonora, quer dizer, a gente deu margem para as pessoas falarem, aquela brincadeira de selinho, eu sei que não tem nada a ver, mas as pessoas maldam. Da minha parte não tem nada a ver, da sua parte também não, né???

Leo Da minha parte, também, SIM!

Jen Então você está dizendo que...

Leo Eu me envolvi com você Jenifer

Jen Não, então você..., mas é a primeira vez?

Esse alguém não sou eu, e tira a mão de mim!

Leo Se você quer saber se eu prefiro meninas em vez de meninos, a resposta é definitivamente sim.

Jen Mas você... você já....

Leo Já, já namorei uma garota, a Kátia, uma colega da faculdade, terminou porque ela se mudou para Vitória e desde então eu tenho procurado uma pessoa para viver uma relação séria, limpa, bacana.

Jen Ce tá achando que esse alguém sou eu?

Leo Eu adoraria que fosse

Jen Esse alguém não sou eu, e tira a mão de mim....

Leo Espera Jen, você não pode ir embora assim, deixar as coisas nesse pé.

Jen Por que não posso?

Leo Porque a gente é amiga.

Jen É mesmo!? Não é isso que estão dizendo por aí.

Leo Você é mais importante do que as pessoas, o que você sente.

Jen Eu não sinto nada, eu nunca fiz nada para alimentar esse seu, essa sua...

Leo Paixão, paixão Jenifer, a palavra é essa.

Jen Você me enganou Eleonora, você ficou posando de amiga, mas tava querendo enrolar, pra ver se eu caía.

Leo Olha aqui garota, o que eu sinto por você é a coisa mais bonita que eu já senti em toda a minha vida, o que eu mais quero nesse mundo é te fazer feliz, e não te enganei, não te enrolei, pelo contrário.. Eu fui tão clara, fui tão limpa, até as pedras da rua já comentam aquilo que só você não é capaz de enxergar, que a gente vai ser feliz juntas

Jen Não, não é isso o que eu quero para minha vida, não vou me tornar uma....

Leo Lésbica!

Jen Você falou, nunca mais olhe para minha cara!

Diante da argumentação e a explicitação de Eleonora, Jenifer foge, demonstrando conflito e ambiguidade frente aos seus medos de enfrentar o “desconhecido” e os julgamentos das pessoas. Assim, prefere acreditar que existe um culpado e, neste caso, Eleonora se torna a responsável por deflagrar o que não pode ser dito ou sentido.

Para ela, o sentido da relação é afirmado na condição de amizade sem envolvimento erótico. Jenifer busca explicações para os comentários sobre a relação e justifica que as pessoas são “maldosas” e vêem coisas que não existem. Além disso, Jenifer imputa à Leo a responsabilidade pelo que se passa com elas e pela interpretação dos outros sobre esta relação. Jen considera a explicitação de Leo como uma “traição” à sua “inocência”. Para Eleonora, os sentidos atribuídos à

relação se deslocam de uma amizade sem intenção erótica para sentidos que envolvem outras conotações, como “paixão”

Se para Jenifer o relacionamento das duas é percebido como uma amizade sem conotação erótica, para Eleonora, a amizade entre as duas extrapola um afeto deserotizado. Eleonora nomeia o sentimento como “paixão” e indica uma ação – “te fazer feliz”, “a gente vai ser feliz juntas” – e nomeia o que Jenifer teme perceber – “lésbica”.

Após esse diálogo, os termos passam a transitar entre o amor, paixão, envolvimento, “fazer feliz”, “ser feliz juntas”, “viver uma relação”.

## 6.6. Sexualidade insinuada: novos repertórios em cena

Em cenas de sofrimento e fugas, a fase conturbada vivida por Jenifer é rompida quando ela procura Leo para conversar. No capítulo 130, na cena em que estão juntas em um apartamento de uma amiga de Leo, a construção textual e imagética sugere a emergência da sexualidade. A cena das duas, acordando seminuas, na mesma cama é acompanhada de várias outras que mostram casais heterossexuais em poses de intimidade, sugerindo o intercuro sexual entre elas. Este capítulo é determinante para a configuração da mudança dos rumos do relacionamento entre elas, um divisor de águas que demarca a passagem ao sexual.

Apesar da desconfiança e das ambigüidades, até o capítulo 130, a relação se configurava como uma amizade. O diálogo abaixo mostra uma série de tentativas de nomear e definir o *status* da relação entre Leo e Jenifer – repertórios que transitam entre a amizade e a paixão.

Cena 61 Cap.130	Jen e Leo ao chegar no apartamento da amiga de Leo
Jen	Quem é que mora aqui?
Leo	Acho que isso não vem ao caso
Jen	Você pareceu tão segura quando passou lá na portaria. Quase morri de vergonha...
Leo	Jenifer, você tem certeza que quer saber? Esse apartamento é de uma colega do hospital. Ela separou do marido faz um tempo e mora



Jen sozinha. De vez em quando ela me empresta a chave e eu venho aqui.  
E você vem... com amigas suas?

Leo Nem sempre, mas de vez em quando venho sim. Jenifer, você, você veio aqui porque disse que ia falar na minha frente, olhando no meu olho, que nossa amizade ia acabar pra sempre.

Jen É, é foi isso mesmo...

Leo Então, to esperando, pode começar... (carinhosa). Que que foi, que que foi, Jenifer, porque você está chorando?

Jen Porque, porque eu sei que se a gente deixar de se ver eu vou sentir falta de você, mais do que já to sentindo. E foi por isso que eu fiquei no portão da sua casa, porque eu queria te ver de novo.

Leo Eu também, Jenifer, eu também, fui pra porta da sua casa por causa disso. Eu sinto falta de você, eu morro de saudades!

Jen Eu tenho medo, Leo, eu não sei o que está acontecendo comigo... (chora)

Leo Olha para mim. Eu também, eu também não sei direito o que ta acontecendo, mas uma coisa eu tenho certeza, a gente vai descobrir juntas.

Jen Juntas, Leo?

Leo Juntas, Jenifer, a gente vai descobrir. É o único jeito.

No diálogo acima aparece um certo jogo de palavras de Eleonora, pois em um momento anterior, ela assegura a Jenifer de que sabia o que estava ocorrendo – paixão, desejo de ficarem juntas. O recurso ao “nós” – “a gente vai descobrir juntas” – sugere a busca por cumplicidade, equiparando-se a Jenifer na dúvida.

Cena 63 Cap.130	Ao acordarem, após a primeira noite juntas
Jen	E agora Leo, como é que vai ser? Agora que estamos juntas, como vai ser em relação aos outros?
Leo	Se dependesse só de mim, não haveria mentira nem subterfúgios na nossa história. Eu contaria tudo para todo mundo.
Jen	Até para os seus pais?
Leo	E também pro seu pai, pra sua avó e até para o seu irmão, que de vez em quando solta umas piadinhas bem preconceituosas.
Jen	Eu nunca teria coragem de fazer isso
Leo	Por que? Você sente vergonha?
Jen	Não, não é isso. Mas é que eu tenho medo de magoar a minha família. Sabe, eu não quero causar sofrimentos nas pessoas que eu amo. E eu tenho certeza que eles não vão entender. Não vão entender nem suportar.
Leo	Vai ser muito mais difícil se a gente fizer as coisas escondido, Jenifer. Como duas criminosas .
Jen	Mas é claro que nós não somos isso.
Leo	E não estamos fazendo nada de errado, é uma escolha nossa e estamos felizes, não estamos?
Jen	Muito!

A partir do cap. 130, em meados de dezembro, o termo amizade, para nomear a relação entre Eleonora e Jenifer, desaparece e começam a circular

outros, cujos sentidos estão mais ligados à sexualidade e as outras personagens passam a vê-las como um “casal”.

**PARTE II: AMOR, MATERNIDADE, COABITAÇÃO, CONJUGALIDADE, CASAMENTO, FAMÍLIA: DESENVOLVIMENTO DA IDÉIA DE “CASAL”**

Se até o capítulo 130 os termos e sentidos atribuídos à relação entre Leo e Jenifer transitam pelo estranhamento e questionamento – até chegar à classificação lésbica, nomeação que aparece em função da pressão por uma definição –, na segunda linha narrativa prevalecem os temas do amor, da família, da maternidade e do casamento, deixando a caracterização da lesbianidade em plano secundário.

**QUADRO 2**

**Desenvolvimento da idéia de “casal”**

<b>CAPÍTULOS</b>	<b>EIXOS TEMÁTICOS PREDOMINANTES</b>
132, 133, 134, 135, 139 140 141 142	Afirmação da relação e novas tensões
143	Conversa com o pai de Jen
144, 146	“Abrir o jogo” Primeira referência à maternidade
148, 149	Conversa com o pai de Léo; Julgamento e sofrimento
152, 157, 160, 162, 165, 168, 169, 171, 172, 173	Bebê; Maternidade; Adoção
175, 176, 182, 183, 185, 187, 188, 190	Projeto de morar juntas: procura por apartamento, dificuldades, apoio familiar
191	Briga, separação das duas
195, 199, 201, 203	Reatamento e arrumação do apartamento
207, 208, 209, 210, 212	Processo de adoção do bebê
213, 214, 215, 218, 219, 220	Família: duas mães e um bebê Contrato de união civil Comemorações

A eleição desses eixos temáticos, a partir do capítulo 130, sugere um gênero de discurso que não abre mão de alguns temas considerados fórmulas infalíveis de sucesso – maternidade, casamento, família. Entretanto, a partir da década de 1990, para manter os índices de audiência, as novelas passam a discutir temas vinculados à era do “politicamente correto” (Hamburger, 2005). Dessa forma, entram em cena assuntos vinculados à intimidade – violência contra a mulher, homossexualidade, discriminação racial, entre outros – aproximando a narrativa, na qual se dá o desenrolar do enredo, do cotidiano dos/as telespectadores/ras. Ao equilibrar temas “tradicionais” com os “politicamente corretos” as novelas cumprem seu papel de manter a audiência, reforçando seu caráter ambivalente.

### 6.7. Amor e família

Depois da amizade, o amor é a expressão mais utilizada na novela para descrever o tipo de sentimento compartilhado por Leo e Jenifer, funcionando como justificativa para sustentar uma opinião mais favorável dos familiares. O amor aparece associado ao tema da família e do casamento. A ênfase no tópico família mostra os valores e a disposição das personagens que mantêm vínculos familiares em aceitar o relacionamento entre Leo e Jenifer. Esta condição reforça os valores já existentes, como o de compor uma família mais próxima do modelo “tradicional” – morar sob o mesmo teto, ter filhos e compartilhar espaços e valores comuns às famílias de ambas.

Cena 78 Cap 145	Na casa de Giovani ele conta para Flaviana o teor do sentimento que Jenifer nutre por Leo.
Gio	Sabe o que a sua neta me falou? Ela disse que ama o Leo e que quer ficar junto com ele.
Fla	(... ) Eu não tô entendendo
Gio	Você não está entendendo porque você não é entendida como a sua neta.
Gio	É bom você ir se acostumando com a coisa, porque eu também já estou acostumando com a coisa. Porque as duas decidiram que querem morar juntas, se casar e até mesmo ter um filho

Giovani utiliza duas figuras de linguagem para se reportar à relação entre Leo e Jenifer. Primeiro designa a relação de “a coisa”, o que remete, segundo Ferreira (1986), a algo que existe ou pode existir, sugerindo a indeterminação – aquilo que fica entre o limbo da existência e a não existência.

Uma segunda nomeação aparece como trocadilho jocoso na conversa com Flaviana e faz referência à nomeação “entendida”. O termo “entendida” faz parte de um vocabulário que circula na cultura homossexual e lésbica e, segundo Vip e Libi (2006), relaciona-se aos gays e lésbicas brasileiros, principalmente nos anos 1970.

O processo de revelação para si mesmo, conhecido, em inglês por “*coming out*” (em português, “sair do armário”) é discutido por Sedgwick (1993) em instigante ensaio – “Epistemologia do closet” – que destaca as estratégias envolvidas no ato de esconder ou publicizar a vida sexual e amorosa. Para Sedgwick, a situação do “*closet*” ou “armário” é um mecanismo de regulação da vida individual e coletiva que afeta tanto quem se relaciona com pessoas do mesmo sexo quanto àquelas que se relacionam com o sexo oposto. A ação do “*closet*” se traduz também na garantia de privilégios àqueles que se relacionam com indivíduos do sexo oposto com o objetivo de manter a ordem heterossexual e suas instituições, como o casamento e a família tradicionais com seus valores, com a assimetria entre os gêneros.

Uma das discussões suscitadas pela homossexualidade/lesbianidade remete a como os sujeitos lidam socialmente com essas escolhas, por exemplo, contar ou não para amigos/as e familiares, assim como receitas de como se comportar socialmente integram uma vasta literatura sobre o assunto<sup>41</sup>. Face à possibilidade de enfrentarem preconceitos em função da decisão de ficarem juntas, Leo e Jen decidem não esconder da família e explicitam e confirmam o juramento que as une.

---

41 Entre outros, cf. Busin, 2001; Bittencourt, 2003 e sites como [www.oarmario.com](http://www.oarmario.com) e [www.mixbrasil.com](http://www.mixbrasil.com).

Cena 80 Cap.146	Após a conversa com Giovani, na qual esclarecem o teor do sentimentos entre as duas.
Leo	Abrir sempre o jogo, não esconder nada de ninguém, e nunca sentir vergonha ou medo dos nossos sentimentos.
Jen	Você tinha toda razão Leo, não tem nada melhor do que encarar a vida de frente
Leo	E olha que eu fiquei impressionada com você, de onde você achou tanta firmeza para falar assim desse jeito?
Jen	Eu não sei direito, mas eu achei que eu tinha que ser fiel comigo mesmo, e aí...
Leo	Jenifer, eu te amo!
Jen	Eu te amo, Leo!
<hr/>	
Cena 84 Cap. 149	Após a conversa na qual Sebastião destrata Leo, Jenifer a conforta.
Jen	Não fica assim Leo... agente não tá sozinha no mundo, nós estamos juntas...
Leo	Eu sei, isso é o mais importante para mim...
Jen	Então não chora Leo, não chora porque eu não quero ver você triste, e também não vamos deixar ninguém fazer a gente ficar triste, porque a gente conseguiu se encontrar e estamos muito felizes por isso.
Leo	Você é o meu amor e a minha família...

Uma cena emblemática da aceitação e inclusão do relacionamento de Leo e Jenifer (capítulo 155) é o brinde proposto por Giovani a Flaviana, no intuito de celebrar o amor entre as duas. Devidamente inseridas no contexto dos rituais de celebração que a família realiza, o diálogo abaixo ilustra as formas pelas quais elas são reasseguradas do lugar que ocupam nos vínculos familiares.

Cena 118 Cap 183	Na casa de Giovani, Daniele e ele reforçam os votos de que Leo e Jen se tornem uma "família".
Daniele	(...) Antes de eu me casar e ir para o Recife, eu vou fazer o chá de panela de vocês e quem sabe também o chá de bebê
Giovani	É isso que eu quero [risos e abraços], uma família assim no sentido tradicional do termo, porque, apesar do João Manoel, é isso o que nós somos...

O apoio familiar é reforçado por Giovani, que cede um de seus imóveis para Leo e Jenifer morarem. O contexto produzido favorece outro projeto familiar introduzido na trama: a adoção do bebê, Renato.

Cena 133 Cap. 202	Na casa de Giovani, ele oferece apoio para adoção de Renato e para Flaviana para arrumar o novo apartamento.
Giovani	(...) Afinal de contas nós somos praticamente, assim, praticamente da

Jen mesma família, por que veja o que aconteceu, o João Manoel com a Gegininha (sic), o “seu Leo” com a Jenifer e a senhora comigo, o Sebastião e eu vamos acabar sendo avós e avôs do mesmo neto  
 (...) Vão ser avós sim, até do Renato! Bom, o advogado ligou para a Leo e tudo indica que a reposta do juizado vai ser positiva e Leo vai ficar com o Renato.

Cena 140 Cap.208	Na casa de Giovani todos o parabenizam pelo anúncio do casamento com Maria do Carmo
Leo	E o Ministério da Saúde informa amar faz bem para todo mundo
Gio	Amar é um santo remédio e casar é melhor ainda, aliás, aqui em Vila São Miguel, a safra de casamento vai ser enorme, um verdadeiro “susto”.

Amor, casamento e família são termos que emergem sem tensões ou conflitos, como se as práticas que os constituíssem não fossem distintas para as pessoas em termos de classe social, gênero e, principalmente neste caso, de orientação sexual. A linearidade do texto da novela antecipa o próximo tema para a dupla Leo e Jenifer, inserindo o coroamento dessa união com um filho.

### 6.8. O projeto de adoção de um filho

Numa iniciativa inovadora do autor, o tema da adoção é incluído. Jenifer se encontrar com Eleonora para cumprimentá-la pela passagem do Ano Novo. Na porta do hospital, Eleonora ouve o choro de uma criança. Ela vai até o lugar de onde vem o barulho e encontra um bebê negro enrolado em panos. Ao perceber que o bebê foi abandonado, Eleonora logo manifesta seu desejo de adotar a criança e dá à ele o nome de Renato.

O modo como o autor realiza essa abordagem remete ao contexto dos direitos civis, um direito das lésbicas à homoparentalidade<sup>42</sup>. No entanto, a articulação entre maternidade e lesbianidade é feita através de uma operação que o vincula as temáticas ao amor, ao casamento e à família. Desapontado com a perspectiva de não ter um neto gerado por Jenifer, inicialmente, Giovani reage à lesbianidade de Leo e Jenifer, mas a idéia da adoção, apoiada por ele e Flaviana,

---

42 Segundo Uziel (2007), o termo homoparentalidade é uma tradução do francês homoparentalité. Utilizado pela APGL (Association des parents et futurs parents gays et lesbiens, situada em Paris), se refere a situação familiar na qual, no mínimo, o pai ou a mãe se assume como homossexual.

vai sendo construída por narrativas que ancoram e legitimam o desejo de Eleonora e Jenifer, de estarem juntas e de adotarem uma criança.

Cena75 Cap143	Na casa de Giovani, ele escuta de Jenifer a confirmação do envolvimento amoroso entre ela e Leo.
Gio	Mas é que eu achava, eu esperava, contava, que você assim, me desse netos, uma porção deles.. netos aqui, netos, netos, netos.
Jen	Ah, pai, não se grila, não (com lágrima nos olhos), o João vai fazer isso por mim, e na certa vai fazer com a Regininha, que é irmã da Eleonora, o que vai ajudar.. o que vai ajudar a unir ainda mais a gente numa mesma família.

Os argumentos enfatizam os “laços de sangue” e o parentesco, neste caso, é definido pelo casamento da irmã de Eleonora (Regininha) com o irmão da Jenifer (João Manoel), resultando, portanto, numa mesma família. Outro argumento forte é o sentimento de amor que as une, ponto de convergência para o desejo de casar, coabitar e formar uma família. Desse modo, nada mais as distinguirá do “casal” heterossexual.

Cena 80 Cap 146	Leo e Jen discutem sobre ter um filho
Leo	(...) Não precisa ser biologicamente meu nem da minha companheira. Mas eu sempre achei que um dia eu iria me dedicar a uma criança. Aí, Jenifer, eu vou adorar fazer isso.. Eu sinto que eu tenho a maior vocação pra ser mãe. Tanto que já decidi, o dia que eu estiver com a minha vida estabelecida eu vou querer ter um filho, ou pelo menos vou querer adotar um.

Segundo Rich (1986), a procriação compulsória para as mulheres serve tanto à institucionalização da maternidade quanto da heterossexualidade. Essa associação direta e inquestionável, segundo Thompson (2002), é uma das razões para a dificuldade de pensar a categoria “maternidade lésbica” como uma noção legítima. A autora assinala que os termos “maternidade” e “lesbianidade” produzem um “oxímoro”, figura de linguagem que, segundo Ferreira (1986, p.124), consiste em reunir palavras contraditórias, por exemplo, ‘silêncio eloquente’, ‘inocente culpa’, formando o que também é conhecido por “paradoxismo”. Desse modo, prevalece a idéia de que a sexualidade feminina seja pensada em termos da esfera reprodutiva, imprimindo uma associação direta entre heterossexualidade e, seu corolário, maternidade. Por outro lado, a associação da lesbianidade com

práticas sexuais sugere que maternidade é incompatível com lesbianidade.

Baseado nos preceitos dos direitos civis, o argumento de Leo tenta desconstruir a idéia da implausabilidade entre maternidade e lesbianidade, mas também reforça a idéia de um imperativo de maternidade para as mulheres como forma de realização existencial e como resposta a um mundo cheio de miséria e pobreza.

---

Cena 96 Cap.160	No dia de Ano Novo, Eleonora está de plantão no hospital. Quando vai encontrar Jenifer na porta do hospital ouve o choro de um bebê.
Leo	Esse bebê que apareceu assim, de repente, na minha vida, ai!, eu tenho sim condições de criar essa criança e tenho uma companheira que pode me ajudar a fazer isso...
Jen	Sinceramente, Leo, eu não sei. Já deve ser difícil para uma pessoa solteira conseguir adotar uma criança, agora você imagina se essa pessoa, essa pessoa ainda por cima...
Leo	Como nós?
Jen	Isso mesmo.. Preconceito existe, Leo, não dá para fingir que não, não dá pra fugir disso...
Leo	E também não dá pra deixar de lutar contra ele, Jenifer. Eu sou uma cidadã e tenho os mesmos direitos que qualquer outra pessoa, e um deles, sem dúvida, é o de ter filhos ou adotar uma criança. Claro que eu vou ter que me preparar pra briga, eu sei que vou enfrentar dificuldades. Mas eu sou maior de idade, tenho casa, emprego fixo, preencho todas as condições. Esse país tem mais de 200 mil crianças e adolescentes sem família. Ninguém pode me impedir de adotar um . Eu vou adotar esse bebê, sim.
Jen	E nós vamos criar ele juntas!

O projeto de adoção compartilhada precipita a decisão de Leo e Jenifer em coabitar, até então, ambas moravam com as respectivas famílias.

## 6.9. A decisão de morar juntas

Se Eleonora e Jenifer já cogitavam morar juntas, o projeto de adoção acelera o processo de coabitação, um dos requisitos para adotar uma criança. A busca pela moradia encontra barreiras burocráticas, como a exigência de um fiador para alugar um apartamento. Nos diálogos a seguir, a temática da adoção é mesclada à preocupação com a casa para morar, de modo a cumprir os requisitos para a adoção.

---

Cena 114 Cap.175	Conversa entre Leo e Jenifer sobre a busca de moradia
Leo	Eu não vou decidir nada sem te mostrar... Afinal, essa vai ser a nossa casa,



né?  
 Jen O que foi, bonitinha?  
 Leo Eu imaginei agora a gente na nossa caminha, o Renato no quarto dele, dormindo feito um anjo, é tudo que eu mais preciso na vida para ser feliz...  
 Jen Eu vou te fazer muito feliz, Leo! Tanto bem que você faz pras pessoas, você pode ter certeza, quem vai retribuir sou eu.

Cena 116 Cap 182	Leo e Jenifer conversam sobre a dificuldade de alugar um apartamento, requisito para a adoção.
Jen	Eu tô preocupada sim Leo, como é que você pode esperar que o juizado leve em conta seu pedido de adoção se você não tem uma casa.
Leo	Pois é, eu pensava que fosse mais fácil essa história de alugar um imóvel, mas são tantas as exigências, e a mais complicada de todas é essa história de arrumar um fiador.
Jen	Não tô entendendo porque você não fala com o seu pai.
Leo	(...) Se fosse em outras circunstancias, meu pai apesar de ter aceitado nossa relação, ele é totalmente contra a gente morar juntas, eu não vou fazer isso.
Jen	(...) Olha, a não ser que se eu falar com o meu pai para ele ser seu fiador...
Leo	Eu poderia pedir para a tia Do Carmo, que com certeza não negaria, mas eu não quero incomodar ninguém, você me entende.
Jen	– (...) Olha, a não ser que se eu falar com o meu pai para ele ser seu fiador...
Leo	Isso seria muito pior.
Jen	Bom você que sabe, mas, ó, não esquece que depois de alugar a casa você ainda vai ter um monte de despesas, e seu eu morar lá também eu não acho justo que você arque com tudo sozinha...
Leo	Psiu. Eu não devia nem ter comentado isso com você, pode ficar tranqüila, confia em mim que em breve a gente vai estar morando na nossa casinha bem linda e bem aconchegante.
Cena Cap 183	Giovani oferece ajuda.
Leo	O único problema é que eu não aluguei minha casa, e eu vou ter que dar o endereço do meu pai como residência, e isso pode ser que pegue.
Gio	(...) Eu posso ajudar, isso é... quer dizer, se vocês, se aceitarem a minha oferta. (...) Eu tenho um leque, investimentos em vários setores (...). (...). Entre outros eu também atuo no ramo da construção civil, e nesse sentido assim, eu tenho vários apartamentos aqui mesmo em Vila São Miguel, alguns estão vagos. Talvez fosse o caso de dar um para vocês.
Leo	Eu vou pensar muito na sua oferta. A Jenifer vai pensar do lado dela (...).
Gio	(...) E aproveite para pensar juntamente com a minha filha, uma vez que ela vai ser a sua... cara-metade

A intervenção de Giovani, ao oferecer um de seus apartamentos, funciona como auxílio ao projeto de ambas. Apesar da resistência inicial, Eleonora, que quer “banca” tudo sozinha, acaba mudando de opinião e aceita a oferta do pai de Jenifer.

Os diálogos mostram a preocupação de Leo em ser a provedora na relação, a pessoa que provê e facilita todas necessidades materiais. Apesar de ceder e aceitar a ajuda externa, aparentemente, Leo acredita que tem que se responsabilizar pelas decisões. No diálogo abaixo, Leo também parece estabelecer os princípios que norteiam a relação de ambas.

Cena 120 Cap 187	Leo chama Jen para conhecer o apartamento.
Leo	E aí, você gostou? Eu sei que é pequeno, ainda mais pra você que está acostumada com a mansão do seu pai...
Jen	Leo, eu adorei, eu faço questão de escolher pessoalmente cada pequeno detalhe da decoração..
Leo	Desculpa eu te dizer isso, mas eu preciso. Espero que você não esteja encarando isso como uma brincadeira de casinha. Eu quero construir um lar com você. Eu quero construir uma vida junto com você...
Jen	Minha idéia também é essa

Neste diálogo, Eleonora reitera a importância da manutenção de um compromisso calcado na idéia de estabilidade monogâmica, um dos pilares do casamento heterossexual.

Cena 120 Cap 187	No apartamento, Leo e Jen se abraçam, discutem a decoração; Leo chama Jen para o quarto.
Jen	Que foi?
Leo	Tô te olhando, não posso?
Jen	Ficar só olhando não pode não... É melhor fechar a porta, senão o que que os vizinhos vão pensar
Leo	Eu te amo, eu te amo demais, Jenifer Improtta!
Jen	Eu também te amo muito, Eleonora Ferreira da Silva!
Leo	Vem cá, vem...

Cena 135 Cap 204	Já morando no apartamento, Leo e Jenifer fazem comida e dividem as tarefas domésticas.
Jen	Leo,Vem cá, nossa casa ficou linda, né?
Leo	Ficou sim, agora a gente começa uma vida nova. Preparada?
Jen	Para que? Para ser feliz? Sempre....
Leo	E agora, vamos dormir?
Jen	Vamos sim, vamos curtir mais uma noite na nossa casa linda.

As cenas vão remetendo a idéia de uma relação que se estabelece no privado, crucial para a construção da idéia de “casal”. Os termos utilizados

reforçam a idéia de felicidade construída através de uma retórica discursiva, na qual tudo é apresentado como lindo e perfeito. Apesar de alguns diálogos apontarem para a idéia de conjugalidade igualitária, há indícios de que Leo conduz a relação.

### 6.10. A primeira e única briga

A relação “perfeita” de Leo e Jen é ameaçada quando, na última hora, Eleonora comunica à Jenifer sua decisão de não ir ao desfile da escola de samba, provocando o primeiro desentendimento entre elas.

Durante toda a novela, a preocupação em apresentar a dupla Eleonora e Jenifer de forma igualitária e sem as tensões próprias de qualquer relação remete à predominância de uma narrativa “politicamente correta”, eliminando contradições, conflitos, tensões.

Cena 124 Cap 191	Na casa de Eleonora, Leo e Jenifer discutem. Jenifer sai batendo a porta.
Jen	Ce não vai no desfile?
Leo	Eu mudei de idéia, ce não fica chateada, né?
Jen	Ce devia ter me avisado antes né Leo, assim eu não dava minha fantasia para a filha da..., aí eu poderia desfilar como eu queria, como meu pai queria, eu não sei se você se lembra mas quem me convenceu a não desfilar e ficar no camarote foi você.
Leo	Eu sei de tudo isso, mas eu não imaginava que o leilão não fosse sair.
Jen	Isso te abalou tanto a ponto de você não ir?
Leo	Ele é meu pai Jenifer, é a coisa mais importante da vida dele.
Jen	E o desfile é a coisa mais importante da vida do meu pai Leo, aliás o meu pai que sempre foi muito legal com a gente, o apartamento, o advogado, ele sempre nos ajudou.
Leo	Então tá, ce fica com seu pai e eu fico com meu e tá tudo certo
Jen	Seu pai tem a tua mãe, o Venâncio, tem a Dani.
Leo	É importante para mim que eu fique em casa
Jen	Por que você?
Leo	Porque sim.
	Por um motivo que não dá para te contar agora...
Jen	Então tá. [sai batendo a porta].
Leo	Ce ta parecendo uma criança mimada

Esse diálogo evidencia a construção de uma via de legitimidade para a lesbianidade. Embora permeada por tensões e ambivalências, esta novela aponta para uma tendência de inclusão e de posituação da sexualidade e da relação

amorosa lésbica, sobretudo, ao espelhar as relações heterossexuais “convencionais”.

### **6.11. Relações não convencionais em contextos convencionais?**

A novela *Senhora do Destino* constrói discursivamente a idéia de um “casal” para Leo e Jen nos moldes da vivência heterossexual. Os casais heterossexuais são predominantes e aparecem em diferentes momentos da novela. A narrativa lésbica pode ser construída através da mediação entre o que é aceito como característica “normal” de uma relação heterossexual. As situações que sugerem que Leo e Jenifer mantêm uma relação erótica são precedidas e sucedidas pela exibição de cenas de intimidade de casais heterossexuais. Essas cenas eróticas entre pares heterossexuais sinalizam o que, supostamente, ocorre entre Leo e Jen. O enredo utiliza-se de estratégias narrativas que apresentam aproximações e contrastes, sugerindo semelhanças entre as relações hetero e homossexuais. No entanto, no desenrolar da trama, as cenas eróticas e sexuais do par lésbico permanecem no plano da sugestão, permitindo concluir que o contexto no qual a novela é produzida, ou seja, a TV como um meio de comunicação regulada, não pode intencionalmente desestabilizar as normas sociais.

Dessa maneira, a novela constrói, ao longo do que denominei segunda parte de sua linha narrativa, uma noção naturalizada e idealizada da lesbianidade, ou seja, ela é percebida como algo dado, como parte do cotidiano das pessoas, no qual os processos de legitimação de determinados “tipos” de lesbianidade aparecem de forma não problematizada. A naturalização da lesbianidade na novela ocorre mediante um processo de aproximação com a matriz heterossexual, produzindo, dessa forma, a “normalização” de uma relação “fora dos padrões”. A idealização se mostra por meio da construção de personagens/sujeitos quase perfeitos – mulheres percebidas como lindas, bem situadas e bem conformadas nos seus devidos papéis. No entanto, ao introduzir pautas, cenários e enquadramentos da ordem da intimidade, as novelas propiciam reconfigurações sobre aquilo que é considerado tema legítimo para discussão pública.

## CAPÍTULO 7

### POSICIONAMENTOS: ASSIMILAÇÃO, NORMALIZAÇÃO E TRANSGRESSÃO EM *SENHORA DO DESTINO*

#### 7.1. O processo de “normalização” da relação entre Eleonora e Jenifer – aceitação/convivência intra-novela

Reitero que a mídia televisiva, particularmente a telenovela, ocupa um lugar central na construção dos “problemas sociais” na contemporaneidade e, aproximar as esferas privada e individual e esfera pública, promove o acesso a códigos, modelos e representações antes acessíveis somente a algumas parcelas da sociedade.

A mídia pauta e veicula temas a partir do modo como a sociedade os trata, reproduzindo, inovando e alargando os sentidos a eles atribuídos. A partir de dois exemplos intra-novela – as personagens de Sebastião e Giovani, respectivamente, pais de Eleonora e Jenifer –, mostro como, ao tratar de uma temática controversa, é construída uma via de aceitação do relacionamento amoroso de ambas, sustentada, basicamente, através da reprodução de um modelo de relação legitimado, o “casal”, e dos simbolismos que o acompanha – manutenção da família, do casamento, da monogamia, entre outras.

Entretanto, lembro que a TV, como meio de comunicação regulada, lida com argumentos públicos constituídos por uma multiplicidade de vozes (Bakhtin, 1981) que refletem diferentes idéias em diferentes contextos e épocas. Nesse sentido, a retórica discursiva utilizada pela telenovela reflete uma disputa de argumentos ambivalentes, mutantes e variáveis. Para Bakhtin (1981, p.428):

Em um determinado momento, em um determinado lugar, haverá uma série de condições, – sociais, históricas, meteorológicas, fisiológicas – que assegurarão que uma palavra expressa naquele lugar e momento terá um sentido diferente do que ela teria sob qualquer outra condição; todas as expressões são “heteroglossicas”, de modo que são funções de uma matriz de forças praticamente impossível de recuperar, e portanto, impossível de resolver<sup>43</sup>.

---

43 “At any given time, in any given place, there will be a set of conditions – social, historical, meteorological, pshysiological – that will ensure that a word uttered in that place and that time will have a meaning different that it would have under any other condition; all utterances are heteroglot in that they are functions of a matrix of forces practically impossible to recoup, and therefore

Em “The Dialogic Imagination” (1983:293), Bakhtin descreve heteroglossia como a interação de múltiplas perspectivas individuais e sociais, denotando a aleatoriedade da linguagem. Na concepção do autor, a palavra proferida é um produto de várias vozes interligadas, nunca um produto cuja autoria seja somente dele/a, assim, a mobilidade de contextos determinam os desfechos daquilo que se expressa.

Numa obra, diferentes vozes e estilos se entrelaçam no texto – o discurso do autor, das personagens, as linguagens sociais e suas diversas correlações. A premissa de Bakhtin mostra que a linha narrativa não é linear; é possível perceber mudanças nos termos, opiniões e atitudes das personagens ao longo da trama no que se refere à relação afetivo-amorosa do par Eleonora e Jenifer. Através das personagens é possível perceber distintas caracterizações. Somam-se às vozes das personagens, a voz do autor no comando, desde o início da trama, por meio do perfil das personagens, bem como as interações e negociações entre elas ao longo do enredo, sinalizando a competição de vozes. Esse coro de vozes marca as distintas posições possíveis de mudanças na forma de perceber, nomear e agir em relação à lesbianidade. As diferentes opiniões emitidas pelas personagens podem ser vistas como partes integrantes de um processo múltiplo e complexo que se constrói na troca intersubjetiva e que acontece de forma situada, ou seja, depende do lugar de fala de cada personagem e do contexto em que estão inseridas.

## **7.2. O caso Sebastião**

No capítulo anterior, a forma de Sebastião tratar Leo vai sofrendo modificações ao longo da trama. Do apoio e “gosto” pela amizade de sua filha com Jenifer, sua atitude exasperadora culmina em diálogos que põem em relevo seus preconceitos. Finalmente, a intervenção de pessoas ligadas a ele – a esposa Janice, a irmã Maria do Carmo, Giovani e a própria filha, Leo – faz com que Sebastião “amoleça” e se torne compreensivo ante o relacionamento das garotas.

---

impossible to resolve” (Bakhtin, 1981, p.428) [Tradução livre].

O personagem Sebastião, homem nascido e criado no sertão nordestino, se coloca no lugar do pai que considera que a filha necessita ser protegida e fiscalizada para “não sair da linha” e casar virgem. Nos diálogos, ele sempre se refere à Eleonora como uma filha “exemplar”, “trabalhadora” e “responsável”, situação que se altera no momento em que a relação entre ela e Jenifer se torna conhecida. Inicialmente, a relação de Leo e Jenifer é percebida como uma amizade que ele aprova e “faz gosto”.

Na cena que foi ao ar no capítulo 144, ele comenta com a esposa sobre a amizade da filha:

Cena 76 Cap 144	Sebastião e Janice conversam numa festa, na casa de Maria do Carmo, na qual Leo e Jenifer trocam carinhos em público.
Seb	Olha só Janice, como Eleonora e Jenifer se dão bem. Tão sempre juntas, rindo e conversando, são amigas, né?
Janice	É, isso é coisa da idade mesmo né, Sebastião. Sabe que quando a gente é novo, a gente tem sempre uma amiga que é a mais íntima da gente, depois aparece o primeiro homem, o primeiro amor, e a amiga fica para o segundo plano.
Seb	Faço gosto na amizade delas. Espero que elas saibam conservar.

A noção de amizade percebida por Janice e Sebastião é compatível com a idéia de que entre duas mulheres nada de “mais” pode ocorrer, já que o homem seria o único e legítimo portador do desejo sexual. Seu comentário reforça a idéia da heterossexualidade como norma. Quando Sebastião, na sua fase “homofóbica”, nomeia o relacionamento de Leo e Jenifer com adjetivos que o desqualificam (desgosto, doença, imoral, depravação, safadeza, desvio de conduta, tara, médica sapatona e aberração), Eleonora, caracterizada como uma mulher forte, decidida, reage aos julgamentos do pai através de argumentos que transitam entre a legitimidade do amor, do desejo e do direito à felicidade.

É interessante lembrar o diálogo com Giovani, no qual aparece a mesma linha argumentativa. Sebastião continua enfatizando que a lesbianidade é uma doença e safadeza. A idéia de doença está ancorada no discurso médico produzido nas ciências biológicas e naturais e a idéia de safadeza é apresentada como um discurso produzido no campo moral religioso, discutidos no capítulo 2.

Além dos argumentos de Eleonora, a conversa com Giovani é fundamental para que Sebastião comece a refletir sobre suas posições. Giovani o aconselha a não resistir ao relacionamento das duas, argumentando que é uma preferência, algo da ordem do imponderável, é mais forte, e vai além, da vontade delas.

Na seqüência do diálogo com Giovani, a conversa com Maria do Carmo também ajuda Sebastião a rever sua posição em relação ao amor das duas:

---

Cena 87 Cap 151	Em casa, Sebastião conversa Maria do Carmo
Maria do Carmo	Meu irmão, pelo amor de Deus, não diga uma coisa dessas, você tá falando de morte demais pro meu gosto, sabia? E acontece que vocês estão discutindo é sobre vida, isso, a vida de Jenifer e sua filha, minha querida sobrinha, e a vida de todos nós que somos membros das famílias delas.

---

Maria do Carmo, irmã de Sebastião, é retratada como uma mulher determinada e, sobretudo, muito zelosa por sua família. Ela superou muitos obstáculos desde sua saída do Nordeste, inclusive o seqüestro da filha, e funciona como o elemento aglutinador da família. Segundo o Boletim de programação (Globo, 2004, p.23), “acima de tudo quer manter a família unida e, para conseguir isso, não mede sacrifícios e está sempre disposta a pagar qualquer preço”. Sebastião nutre grande admiração e respeito por ela. O argumento de Maria do Carmo reforça, portanto, a idéia de que a família vem em primeiro lugar, não importa o que aconteça.

Janice, mãe de Eleonora, retratada numa posição de subalternidade em relação à Sebastião, é apresentada como uma mulher ressentida e rancorosa pelo fato de saber que Sebastião amou, no passado, outra mulher, que era a sua patroa. Janice sai desse lugar de passividade e defende a filha Eleonora.

---

Cena 84 Cap 149	Janice e Sebastião discutem sobre Eleonora .
Janice	Fique sabendo que eu vou pedir para você dobrar sua língua antes de falar assim sobre a nossa filha mais velha. Ela não é uma sujeita não viu Sebastião. Ela é uma mulher, uma trabalhadora, uma médica competente e respeitada e eu tenho muito orgulho dela e o nome dela é Eleonora, ou melhor doutora Eleonora e você queira ou queira eu vou falar o nome dela sempre dentro dessa casa.

---



Seb Janice não se atreva...  
 Janice Uma vez você me proibiu de falar o nome de um filho meu aqui nessa casa, e eu sei muito bem o que eu sofri, mas dessa vez eu não vou ficar calada não. Eleonora, tá, doutora Eleonora, doutora Eleonora Ferreira da Silva, Leo e você não pensa que vai me dizer que ela não é sua filha perto de mim porque ela é sua filha sim.

Após as conversas com Giovani, Maria do Carmo e Janice, Sebastião cede e sua mudança de atitude é mostrada na seqüência que inclui uma visita ao hospital (cap.151), na qual ele diz amar a filha “assim mesmo”, apesar de “não entendê-la”.

Cena 88 Cap 151	No hospital, Sebastião conversa com Eleonora
Seb	Eu vim falar com você, mas tô vendo que tá ocupada salvando vidas. Isso é muito mais importante que qualquer outra coisa, eu volto depois (...) Algumas vezes eu cometi a sandice de dizer que um de vocês não era meu filho. Mas tudo não é verdade. Venâncio, Regina, você, todos são, sempre serão meus filhos.
Leo	Nós estamos ligados pelo sangue e pelo amor.
Seb	Eu não posso negar essa verdade, que eu amo você, minha filha, mesmo não lhe entendendo.

Nesse diálogo, parece prevalecer a idéia de que nada pode ser mais importante do que o fato de Eleonora ser uma mulher que salva vidas. Sobretudo, sendo sua filha, ele deve aceitá-la como ela é. Apesar de indesejável, esses elementos sugerem que a lesbiandade passa a ser aceitável na medida em que a centralidade do argumento se desloca para a manutenção dos vínculos familiares.

Atitude semelhante reaparece em outra cena, na qual ele acolhe a idéia de Leo e Jenifer adotarem uma criança e dá boas vindas ao neto.

Cena 122 Cap 189	Em conversa com toda a família, Sebastião concede a mão de Regininha e falam sobre netos
Seb	Bem eu queria, queria não, eu quero dizer que nosso primeiro neto vai ser muito amado como se fosse sangue do nosso sangue, quer dizer vai não, já é.

Esses diálogos mostram o entrelaçamento de diferentes leituras e vozes. Os argumentos das personagens – Sebastião, Maria do Carmo e Janice –

remontam a discursos sobre a noção de lesbianidade construída em diferentes momentos da história e da ciência. Dessa forma, a tendência a discutir a questão da lesbianidade pautada nos direitos humanos se mistura a discursos que focalizam os aspectos biológicos e patológicos da homossexualidade, ratificando a idéia da polissemia de vozes dentro de um mesmo produto cultural da mídia televisiva, a telenovela.

### 7.3. O caso Giovani

Giovani, viúvo, pai de João Manoel (Heitor Martinez) e Jenifer (Bárbara Borges), mora com a sogra, D. Flaviana (Yoná Magalhães). Apresentado como um homem amoroso e generoso, seu maior anseio é acertar as contas com seu passado “condenável” (“ex” bicheiro) e se tornar um outro homem. Conhecido também por Dr. Giová, o ex-bicheiro, agora empresário, é apaixonado por Maria do Carmo, mas tem uma namorada bem mais jovem, Danielle (Ludmilla Dayer), que aspira ser uma celebridade instantânea.

Como Sebastião, inicialmente ele percebe a relação de Leo e Jenifer como uma amizade e incentiva a filha a arrumar um namorado. Ao perceber que a relação entre elas poderia ser mais que uma “amizade”, Giovani pergunta a Jenifer a razão de sua relação com Eleonora. Contrariando o pressuposto de que um pai deve coibir ou reprimir relações que fogem ao padrão heteronormativo, Giovani estimula a filha a “encarar de frente” a situação.

Na conversa, ele atua como um tradutor das emoções de Jenifer, estimulando-a a refletir sobre o teor dos sentimentos envolvidos e ponderando sobre as diferentes modalidades de afeto que uma relação pode conter. No papel de agente que instiga Jenifer a pensar, ele antecipa um julgamento sobre o que está acontecendo – um “mal-entendido” entre as duas. No entanto, mais do que traduzir os sentimentos da filha, ele a estimula a enfrentar seus sentimentos e conversar com Eleonora.

---

Cena 59	Giovani conversa com Jenifer antes de dormir
Cap 139	
Giovani	Eu tô sentindo, quer dizer mais do que sentindo, eu to vendo porque está

---

estampado no seu rosto, que dever ter alguma coisa, assim, perturbando-lhe. Talvez, assim, um pensamento como aquelas moscas chatas que a gente fica espantando, espantando, e elas voltam

Jen Pai ...

Giovani Não adianta falar nada. Eu vou dar-lhe um conselho e eu garanto-lhe que é daqueles dos bons, acredite. Tem certas coisas na vida que a gente deve, assim, encarar frente a frente, assim, tête-à-tête, doa a quem doer. Talvez doa um pouquinho, mas mesmo assim vale a pena encarar, porque... Olha aqui, eu aposto todas as minhas fichas em você. Eu tô do seu lado, pro que der e vier, porque você é minha filha querida e... [faz sinal com os dois polegares levantados].

Além de estimular a filha a não fugir de seus sentimentos, Giovani afirma seu apoio. Ao perceber a mudança de *status* da relação de ambas, ele as chama para uma conversa.

Cena 74 Cap 143	Giovani chama Leo e Jenifer para uma conversa numa sala reservada da casa
Gio	(...) A amizade de vocês é muito mais que uma amizade
Leo	Muito mais.
Gio	Do que uma simples amizade.
Leo	Bom, doutor Giovani (...)
Gio	Eu sei que das duas, vocês duas aí, você é digamos assim, a mais experimentada no sentido de experiente, portanto, por isso mesmo é a mais falante, a mais desinibida, a mais despachada, a mais, etc e tal.(...) porque a Jenifer é a minha filha que eu gostaria ouvir dela a versão dos fatos.
Leo	Sim, mas é que não há nada pra explicar.
Gio	Doutora..
Leo	Desculpe, é que estou um pouco ansiosa.
Gio	(...) e você também, minha filha, deve estar bastante ansiosa, até porque você é um anjo de candura, uma pessoa inocente...
Jen	Não, eu não tô nem um pouquinho ansiosa. Pelo contrário, eu tô calma, tô calma, e muito certa do que eu quero, Agora, você é que tá nervoso, pai, tanto que você ficou aí falando sem parar e não foi direto ao ponto como disse que ia no início da conversa.
Gio	É que eu estava apenas preambulando.
Jen	Tudo bem, não tem problema. Então, vamos fazer o seguinte, deixa que eu vou direto ao ponto, paizinho [música de humor]. Você quer saber se eu e a Eleonora temos um namoro. É isso, né?
Gio	É, se é que.. se é que isso assim... se pode chamar isso assim disso, né..
Jen	É, é, assim ou de outra maneira. Não importa como chamam a nossa relação. O importante mesmo é que nós... nós gostamos uma da outra e queremos ficar juntas [música de humor].
Gio	Juntas...
Jen	Isso mesmo, juntas. É o que nós queremos pai, porque nós nos amamos. E, sabe, a gente não vai perder tempo tentando explicar para ninguém que... que qualquer forma de amor vale a pena se a alma não é pequena
Leo	Nós nos amamos como só duas pessoas podem se amar, com toda a intensidade possível
Jen	E não passa mais pela cabeça de nenhuma de nós ficar longe da outra. E, sinceramente, pai, eu não vejo como alguém, nem mesmo o senhor,

poderia criar algum.. algum problema por causa disso.  
 Gio Mas é que eu achava, eu esperava, contava, que você, assim, me desse netos, uma porção deles.. netos aqui, netos, netos, netos.  
 Jen Ah, pai, não se grila, não [com lágrima nos olhos], o João vai fazer isso por mim, e na certa vai fazer com a Regininha, que é irmã da Eleonora, o que vai ajudar.. o que vai ajudar a unir ainda mais a gente numa mesma família.  
 Gio Eu acho que meus neuróticos estão em curto-circuito, as minhas convicções estão se acabando, a minha cabeça tá pifando...  
 Jen É mesmo, então faz como a gente, sai. É, sai. Vai comer uma pizza ali na esquina, tomar um chope gelado, bater papo, né, com, com alguém que você goste muito. E logo logo sua cabeça vai esfriar...  
 Gio Mas assim um chope gelado, uma pizza, mas é assim tão simples, será que?  
 Jen A vida é simples, a vida é simples sim e passa rápido como um desfile de escola de samba. E quem me ensinou isso foi você, doutor Giovani.  
 Gio É mesmo? Só que eu não imaginava que...  
 Jen Não, não, pera aí, vamos direto ao ponto, o senhor esperava que sua filha fosse uma coisa e ela é outra, bem diferente daquilo que você sonhou. Agora, o senhor quer que eu vá embora da sua casa por causa disso? [chorando].  
 Gio Não, em hipótese alguma, fique aqui o tempo que você quiser. Imagina, Jenifer, não por causa de uma bobagem dessas que...  
 Jen É claro que eu e a Eleonora pensamos em morar juntas, daqui a mais um tempo, mas para nós não vai ser um grande problema se for preciso fazer isso agora. Não, não é bobagem. É sério!  
 Gio É sério, claro, é sério, não é por causa de uma coisa séria dessas que você vais deixar de ser a minha filha, afinal de contas sintam-se em ... a casa é de vocês duas. Ufa, eu tô até suando frio.  
 Leo Deixa eu ver o seu pulso?  
 Gio Não, não precisa, eu tô bem, mas se não tô vou ficar daqui a pouco, muito obrigada pela atenção, doutora. Doutora, aliás, depois dessa conversa, podemos dispensar esse doutora, eu posso passar a chamá-la de..  
 Leo Leo. Leo, eu gosto que me chamem assim.  
 Gio Leo, Leo [faz cara de estranhamento]. É, eu também vou ter que me acostumar a isso porque eu só conheço uma pessoa que usa esse nome, é um sujeito que, deixa para lá.. Leo, Leo, Leo.  
 (...) Me desculpe pela saia justa, que aliás quem acabou usando foi eu mesmo. A casa é também de vocês, vocês fiquem o tempo que quiserem  
 Jen (...) Pai, cê tá bem?  
 Gio Se não tô, vou ficar, não se preocupe.

Giovani acha que a filha não tem noção do que está acontecendo e, de certa forma, sugere que ela está sendo envolvida por Eleonora, percebida como a pessoa experiente na relação.

A idéia da sedução na homossexualidade/lesbianidade faz parte de uma visão de que sempre há um elemento que provoca e inicia alguém na prática homossexual/lésbica. Dessa forma, a iniciação na homossexualidade é concebida

como uma situação na qual um dos pares está sendo levado para a experiência sem consentimento e consciência das partes.

Apesar de transitar por situações não convencionais, como o trabalho e a relação com Daniele, Giovani se surpreende com a determinação da filha em “ficar” com Eleonora e ante a possibilidade dela sair de casa. O questionamento sobre como Giovani deve chamar Eleonora, que sugere que a chame de Leo, insere o masculino na inteligibilidade da matriz heterossexual e na normalidade de gênero, reforçando a idéia de “casal”. Ao sair da sala, todos perguntam a Giovani como foi a conversa.

Cena 76 Cap 144	Flaviana, João Manoel e Daniele aguardam numa outra sala e indagam o que aconteceu
JM	E aí, meu pai, colocou cada macaca no seu galho?
Dani	E?
Fla	O que aconteceu lá dentro Jeová?
Gio	Aconteceu que eu fui atropelado por um caminhão por sua carga máxima. Isso nunca tinha acontecido comigo na minha vida, não, com Giovani Improtta nunca.
Fla	E quanto a situação das meninas?
Dani	É as meninas..
JM	Isso tudo é uma pouca vergonha e eu acho que a gente devia...
Gio	Esquecer o assunto
Todos	O quê?
Gio	É, é, vocês nunca mais vão ouvir da minha boca uma palavra sobre esse assunto e eu não quero nunca mais ouvir da boca de vocês qualquer palavra sobre esse assunto. Portanto, fechem essas matracas. Me deixem-me em paz, larguem-me do meu pé, afastem-se do meu caminho.
JM	Quer dizer que as duas ficam lá no lesco-lesco e quem leva a bordoadas somos nós?
Fla	Eu não quero julgar ninguém, Deus me livre, muito menos condenar minha neta, mas eu acho isso o fim do mundo.
Gio	Talvez, minha sogra, talvez, mas a vida não é esse colchão fofo de pétalas de rosas onde a senhora descansa sua cabecinha todas as noites. A vida, a vida às vezes é bastante dura, ela é como assim um paralelepípedo que despenca sobre nós e nos arrasa e então neste momento aqueles que são vivos que aproveitem a lição

Apesar de, inicialmente, não entender o relacionamento entre Leo e Jenifer, aos poucos, Giovani vai aceitando e construindo novas possibilidades de participar desse debate, colocando-se como um mediador junto às personagens: aconselha a filha a enfrentar a situação, afirmando que aposta todas as fichas nela, que está do seu lado; explica a avó, Flaviana, que “Jen ama Leo” e que “Jen quer ficar com

Leo”; para o filho, João Manoel, argumenta que espadas enferrujam e falham, que quem ataca se sente ameaçado e que cada qual deve gostar de cada qual; diz a Sebastião, pai de Leo, que ele não tem saída, deve aceitar, e o aconselha a conversar com a filha.

A recusa inicial de Giovani da idéia de lesbianidade e maternidade remete à análise de Thompson (2002) sobre a existência de uma retórica, um “oximoro”, levando a uma implausibilidade discursiva entre maternidade e lesbianidade.

A literatura feminista tem enfatizado que a sexualidade feminina é primordialmente pensada na esfera reprodutiva, imprimindo uma associação direta com a heterossexualidade e seu corolário, a maternidade, destino “inescapável” de todas as mulheres. Por outro lado, a lesbianidade, diretamente associada a práticas sexuais, que remete ao erótico, torna a maternidade incompatível com a vivência e o termo “lésbica”.

Nesse sentido, fica a questão: por que “mãe lésbica” remete à implausibilidade? Pode-se compreendê-la a partir da premissa de que os conceitos são construídos discursivamente ao longo da história e que cada um dos termos envolvidos nessa díade são constituídos de pressupostos que nos ajudam a perceber como o paradoxo é produzido. Na lesbianidade, há um forte pressuposto de que lésbicas não são seres procriativos e que mães são seres eminentemente heterossexuais. As categorias lesbianidade e maternidade são construções discursivas que indicam a centralidade e a importância da sexualidade na sociedade ocidental. Concordando com Foucault (1984), Rubin (1989) enfatiza que os discursos sobre sexualidade expressam profundas ansiedades sobre sentidos e práticas, portanto, é necessário disciplinar tudo que foge às normas sociais.

A tensão entre inclusão e exclusão pode ser percebida no pressuposto de que as lésbicas estão excluídas da vida reprodutiva e incluídas de modo ostensivo no imaginário erótico. As mães são excluídas de uma sexualidade não reprodutiva, de modo a não serem vistas como seres “imorais”. Apesar das mudanças sociais e simbólicas que acompanham a separação entre sexualidade e reprodução, “mães”

ainda são comumente retratadas como “abnegadas” e “cuidadoras”, enquanto lésbicas são vistas como egoístas e sexualmente perversas.

Os diálogos da novela associam o cuidado e a preocupação de Eleonora com os outros à função materna. A maternidade é concebida também como o lugar da abnegação, do cuidado e do amor incondicional. Na mesma direção, Flaviana e Janice argumentam que o amor que elas sentem pelos filhos/as e netos/as é o que importa em suas vidas.

As narrativas subseqüentes mostram a mudança de opinião de Giovani sobre a maternidade. No primeiro momento, o desejo manifesto de netos só pode ser equacionado na perspectiva da biologia e da reprodução, ou seja, as mulheres são conformadas ao seu papel reprodutivo. No segundo momento, o filho não precisa ser necessariamente biológico e a via da adoção passa a ser percebida como legítima, ou seja, a maternidade passa a ser vista sob outra perspectiva, incluindo-a numa relação lésbica. No entanto, a maternidade ganha legitimidade ao estar inserida numa “relação civil” legal.

Cena 140 Cap 208	Giovani, em casa, recebe os cumprimentos pelo anúncio do casamento dele com Maria do Carmo e vibra com os outros casamentos
Giovani	Amar é um santo remédio e casar é melhor ainda, aliás, aqui em Vila São Miguel a safra de casamento vai ser enorme, um verdadeiro “susto”
Cena 146 Cap 214	Na festa de casamento de Edgar e Isabel, Giovani celebra a família reunida
Giovani	É isso que eu quero, riso e abraços, uma família assim no sentido tradicional do termo, porque apesar do João Manoel é isso o que nós somos...
Cena 148 Cap 215	Giovani, em conversa com Sebastião e Janice, explica como ficará o mapa familiar
Giovani	(...) Afinal de contas nós somos praticamente, assim, praticamente da mesma família, por que veja o que aconteceu, o João Manoel com a Gegininha (sic), o “seu Leo” com a Jenifer e a senhora, o Sebastião e eu vamos acabar sendo avós e avós do mesmo neto
Cena 151 Cap. 220	Na festa do casamento de Giovani, Eleonora anuncia os planos de “casamento” de ambas.
Leo	Vamos fazer o que toda pessoa faz quando se casa, assinando um contrato de união civil, devidamente registrado em cartório.
Jen	Exatamente, e assim nós duas passaremos a viver uma só vida, em

regime de comunhão de bens.  
 Leo E não se esqueçam que casamento é isso, um contrato entre duas pessoas, dessa forma, nós vamos estar casadas, quer algumas pessoas gostem ou não.  
 Gio É isso aí, seu Léo, o importante é que eu goste e como eu falei tá falado. E vale o falado como se fosse o escrito. O amor é uma coisa muito boa, mesmo quando aqui e ali assume formas estranhas. O amor é lindo em todas as formas

No entanto, a mudança de posicionamento de Giovani em direção a uma maior aceitação da maternidade da filha está intimamente vinculada aos sentidos atribuídos à lesbianidade, que encontram um lugar de legitimidade em um contexto discursivo marcado, sobretudo, pela idéia de família, amor e casamento. O encadeamento discursivo da novela, representado na linha narrativa no início desse capítulo, mostra como as idéias de família, amor e casamento estão associadas à noção de lesbianidade e tornam-se centrais para a constituição do “casal” lésbico. Nesse sentido, a lesbianidade de Leo e Jenifer desloca-se de um lugar do proscrito, do indizível, da transgressão, para um lugar de “normalização”, no qual se atenuam aspectos considerados negativos ou desqualificantes, favorecendo a maior aceitação das personagens que gravitam no seu entorno e propiciando discursos e ações mais inclusivos e predispostos à convivência.

Outro aspecto merece destaque. Apesar da introdução do tema da lesbianidade na novela, alguns pressupostos sobre as relações são mantidos intactos, por exemplo, a polarização de papéis entre as duas mulheres, reforçando a idéia de que há um masculino e outro feminino – assimétricos e complementares –, ainda que apareça de modo sutil, sem marcas evidentes nos corpos, estilos de vestir, maneirismos, etc. Eleonora e Jenifer apresentam-se como mulheres “bem femininas”, mas as atitudes, as tomadas de decisão, mostram claramente a posição de força/fragilidade (Leo/Jen), evidenciando as assimetrias masculino/feminino nas quais as personagens se enquadram.

O tratamento conferido ao masculino/feminino, a saída para o casamento e a “evolução” do par lésbico para a maternidade são elementos sinalizadores do processo de normalização apresentado na novela.



#### 7.4. Transgressão “normalizada”

A despeito do caráter inovador da inclusão do tema da lesbianidade em uma novela por meio de um discurso mais explícito, passando de uma posição de não-lugar para um lugar de reconhecimento público – portanto, transgressivo, em relação a uma situação de “apagamento” –, essa inserção só aconteceu em *Senhora do Destino* às expensas de uma via de normalização.

O processo de normalização tem sido tema de estudos de vários autores, inseridos em áreas disciplinares distintas. Na psicologia social, na década de 1930, Lewin já discutia o desejo de normalização das “minorias” frente à sua exclusão e posição de subalternidade em relação à norma, a maioria psicológica (Mailhiot, 1998). Reafirmar valores de seu grupo ou buscar reconhecimento social a partir da adoção de valores mais próximos aos dominantes é um dos conflitos há tempos referido pelos grupos “minoritários”.

Em *Vigiar e Punir*, Michel Foucault (1975) localiza o aparecimento do conceito de normalidade como decorrência da instauração do poder disciplinar surgido no ocidente a partir do final do século XVII. Segundo o autor, a normalidade é oriunda da necessidade de transformação e aperfeiçoamento dos indivíduos em corpos dóceis e úteis, através de estratégias de domesticação e controle, resultando na homogeneização e na coibição de possíveis desvios. Uma das esferas de domesticação é a sexualidade. Se outrora os dispositivos de controle estavam centrados nos saberes médico, jurídico e moral (FOUCAULT, 1984), na atualidade a mídia emerge como um lugar privilegiado de controle, que funciona como disseminador de discursos de “verdade” sobre a sexualidade.

Moraes (2004) vem realizando, nos estudos literários, uma reflexão sobre os deslocamentos da sexualidade, de um lugar de transgressão para a normalização. Tomando como ponto de partida a obra de Sade, a autora discute os tênues limites entre normalização e transgressão. Em entrevista à Thais Rivitti, da revista eletrônica *Trópico* (2005), Moraes recorda que Foucault já atentava para a rotinização da transgressão na sociedade contemporânea, um processo que acaba destruindo a própria possibilidade da transgressão. Segundo a autora, é preciso estar atento ao momento da contemporaneidade, à forma como o “sexo”

está sendo produzido atualmente. Essa rotinização seria perceptível no campo da literatura erótica por meio da crescente utilização de uma perspectiva radicalmente realista nas obras. Moraes (2005, p.3) afirma que “são obras que falam do sexo como a imaginação realizável, ao invés de lançá-la para seu ponto de fuga”, ressaltando a grande diferença entre o erotismo que é capaz de perturbar e o erotismo que é tornado realidade. A autora sugere que uma obra deve ser avaliada por sua capacidade de perturbar lugares sociais, na sua potencialidade para transgredir, o que remete à pergunta sobre o potencial transgressivo desta novela.

A forma como a lesbianidade foi tratada, a busca por uma aproximação do que se considera como “real”, se traduz como um exemplo de transgressividade? Num terreno de múltiplas possibilidades, a relação afetivo-sexual construída por Eleonora e Jenifer é configurada através de uma linha “evolutiva”, que vai da constituição de um “casal” nos moldes do padrão hegemônico da heterossexualidade ao empilhamento de outras instituições que o acompanham – casamento, conjugalidade, monogamia, família.

Butler (2003) chama atenção para os riscos políticos e teóricos de limitar a discussão da normalização da homossexualidade/lesbianidade no casamento e na família em termos de uma simples escolha “a favor ou contra”. A autora pondera que, ao se pleitear o reconhecimento do Estado para as relações homossexuais/lésbicas, os poderes de normalização do Estado se intensificam, estreitando a margem de pensar um projeto radical no campo sexual que inclua práticas sexuais fora do casamento e das obrigações do parentesco. A polarização entre legitimidade e ilegitimidade no âmbito sexual e a insistência em buscar essa legitimação pelo Estado acaba por criar novas hierarquias e distinções entre o que é legítimo e ilegítimo – quem, e o quê, está incluído na norma? (Butler, 2003)

Prosseguindo com as análises de Butler, seria interessante perguntar: quais práticas, na contemporaneidade, estão aptas à esfera da representabilidade? Como pensar politicamente sem incluir as esferas das posições não representáveis? A autora sugere que análises sobre questões como o casamento gay e lésbico sejam críticas de seus pressupostos e da forma como estão se qualificando em termos de um discurso político significativo. Diferentemente do

que acontece na novela, na qual não há lugar para o “abjeto”, tampouco para desestabilização das normas sociais, o caminho da subversão seria a aposta numa via promissora que desestabilizasse as categorias identitárias construídas e naturalizadas pelo ordenamento jurídico.

Percorrendo as premissas de Bulter, Miskolci (2007) propõe pensar os processos de normalização/institucionalização de determinadas práticas, entre elas, a homossexualidade/lesbianidade. O autor identifica a racionalidade do “perigo” como um dos discursos que legitima a exclusão das práticas afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Miskolci assinala que, desde a invenção da homossexualidade no final do século XIX, a possibilidade do casamento entre pessoas do mesmo sexo representou uma suposta ameaça à ordem social. Porém, argumenta que esses temores sociais não apenas construíram a identidade supostamente “ameaçadora” do homossexual e da lésbica, mas também marcaram a constituição dos movimentos afirmativo de gays e lésbicas em busca de mecanismos de legitimação social. Como ocorre em parte do movimento homossexual/lésbico, o “casamento” é apresentado na novela como a estratégia que garantirá o reconhecimento e a legitimação.

Concordo com a análise de Rubin (1989), ao propor a hierarquização social das práticas sexuais, assinalando que determinadas práticas são mais valoradas e aceitas do que outras dependendo da época e do contexto envolvidos. Na “roda dos prazeres” proposta pela autora, a sexualidade transita dos extremos “boa” e “má”, mantendo uma faixa de respeitabilidade que está totalmente referida a contextos sociais distintos. A autora percebe que existem articulações entre marcadores sociais que são mais favorecidos do que outros na eleição sobre que práticas sexuais são consideradas mais elegíveis.

Apesar dessas análises não focalizarem especificamente o universo da mídia e das novelas, elas são úteis para pensar na forma como foram apresentadas as cenas eróticas dos casais heterossexuais e do par lésbico. As cenas eróticas do par lésbico aconteceram sempre precedidas ou sucedidas por seqüências de casais heterossexuais, demarcando a hierarquização das práticas sexuais na novela. A via da hierarquização das práticas sexuais parece ser a

forma encontrada na novela para silenciar a possibilidade de conceber a eroticidade da relação de Leo e Jen como algo plausível, o que só acontece pela via da insinuação ou da metáfora, por meio da intimidade heterossexual.

## DE VISIBILIDADES E INVISIBILIDADES – COMENTÁRIOS FINAIS

Ao iniciar a trajetória de construção desta tese, acreditava que o foco do meu objeto de pesquisa incidia sobre o fenômeno da invisibilidade lésbica. Por mais que as análises e o meu material atestassem para uma profunda alteração simbólica e do lugar de gays e lésbicas nas sociedades contemporâneas, especialmente ocorridas desde a última década do século XX, continuei por algum tempo sem conseguir “enxergar” o que o meu material de campo me contava. Informada por textos que enfatizavam a omissão e a invisibilidade do tema lesbianidade em diversos campos de produção de conhecimento, inclusive a mídia, insistia em focalizar o aspecto da invisibilidade. Tive que empreender o difícil movimento de afastamento do objeto para poder entender que este não era o fulcro do interesse e conseguir abordá-lo com um outro olhar e, assim, reformular as perguntas de pesquisa<sup>44</sup>.

A interlocução constante com a literatura, com os pares e o próprio amadurecimento no processo me possibilitaram perceber diferentes ângulos de meu objeto e, sobretudo, delimitar melhor o foco da pesquisa e os elementos que se constituíam como figura e fundo do estudo. Neste percurso fui percebendo que o foco da tese era a construção da idéia/figura da lesbianidade e passei a indagar sobre as transformações que ocorreram ao longo da história na forma de conceber a lesbianidade. De um lugar de transgressão, objeto de descrição e de tratamento na Sexologia, a lesbianidade passa a ocupar um lugar de maior normalização na atualidade. Apoiada na abordagem teórica-epistemológica do Construcionismo mostro que a emergência da categoria lesbianidade só se tornou possível mediante o surgimento de um saber muito específico, a sexologia. Além da sexologia, outros saberes, advindos dos movimentos homossexual, lésbico, feminista e da mídia, contribuíram na produção de sentidos sobre a lesbianidade. A postura construcionista, nas vozes de Gergen (1985), Ibáñez (1994), Hacking (2001), Iñiguez (2003), Kitzinger (1987) e Spink (2000), possibilitou pensar que a

---

44 Agradeço os comentários das professoras Fúlvia Rosemberg e Jacqueline Brigagão no exame de qualificação, que me permitiram pensar mais claramente sobre o que é figura (o central) e o que é fundo (outros campos do conhecimento) para a delimitação do objeto de pesquisa.

criação de categorias específicas, como homossexualidade/lesbianidade e os termos a elas associados (homossexual e lésbica), não precisariam necessariamente existir e fazem parte de uma história recente. Uma das vantagens da posição construcionista é que ela permite problematizar determinadas definições concebidas como “naturais”, incitando a busca dos contextos nos quais elas foram produzidas, assim como indagar sobre o impacto das categorias na vida das pessoas. Desestabilizar categorias implica questionar, de um lado, os limites das teorizações sobre a homossexualidade/lesbianidade, de outro, abre caminhos para outras configurações de pensamento.

O objetivo da tese foi compreender as formas de se falar sobre a lesbianidade na telenovela *Senhora do Destino* (2004-2005) a partir da análise discursiva das narrativas intra-novela. A mídia televisiva, particularmente a telenovela, contribuiu para atrair a atenção do público para a temática e torná-la legítima, o que levou à disputa de diferentes arenas, desde o mercado até a agenda das políticas públicas. A escolha de *Senhora do Destino* se deveu ao fato de ter sido a primeira novela da televisão brasileira a apresentar duas mulheres que se enamoram e decidem viver juntas como personagens centrais. Através das narrativas e dos diálogos entre as personagens, as práticas discursivas funcionaram como vias de acesso para chegar aos discursos sobre lesbianidade, tendo por referência os repertórios discursivos e as matrizes discursivas que os sustentam.

Nesse sentido, é inegável o lugar ocupado pelos meios de comunicação na difusão dos corpos e das sexualidades na contemporaneidade. O investimento do poder no corpo, descrito inicialmente por Foucault (1984) e ampliado por Butler (2003), requer estratégias diferentes em tempos distintos. Com o advento dos meios de comunicação, as estratégias de produção dos corpos e das “sexualidades” atingem mais rapidamente, e de forma mais eficiente, os corpos. , Através da imaginação, ativada pela circulação incessante de imagens e textos, o simbólico se encarrega de proliferar, produzir e incitar a sexualidade. Assim, apesar do inegável avanço na discussão de temas pouco visibilizados na mídia, a inclusão do tema lesbiandade na novela, embora contemple a necessidade de

explorar assuntos pouco abordados, é insuficiente para desconstruir/desestabilizar valores tradicionais.

A visibilidade da lesbianidade na mídia, tomando como exemplo a novela *Senhora do Destino*, e as incursões da pesquisa permitiram apreender as formas utilizadas no contexto intra-novela para falar sobre o tema. Quatro perguntas nortearam o desenvolvimento da tese: a) Quais repertórios sobre lesbianidade a novela está produzindo e divulgando? b) Que narrativas sobre lesbianidade (quem fala, de onde fala, com quem fala, como fala) são privilegiadas? c) Que estratégias discursivas são utilizadas para possibilitar a permanência da temática lesbianidade na telenovela? d) Que formas específicas a novela utiliza para falar de lesbianidade? Elas legitimam ou desestabilizam normas sociais? Quais?

No contexto da novela, as denominações sobre lesbianidade passam da designação lésbica/homossexual, termos criados no final do século XIX, a outras nomeações mais estigmatizadas e menos politicamente engajadas – “sapatão”, “entendida”, “aberração” –, mostrando a circulação de diferentes discursos, cujos sentidos competem entre si. As personagens se dividem entre os/as que utilizam jargões e opinam menos favoravelmente sobre a relação lésbica e aqueles/las que, apesar de não aceitarem a relação, apresentam uma opinião mais favorável.

A polarização repúdio/aceitação é um dos motores que os veículos de comunicação utilizam para manter o interesse da audiência. No entanto, essas posições variam durante a linha narrativa da novela, como foi mostrado no capítulo 7, indicando que as opiniões podem mudar segundo os contextos, as interações e negociações ocorridas. Sebastião e Giovani, pais de Eleonora e Jenifer, à princípio, manifestaram, de diferentes modos e intensidades, aceitar o relacionamento de ambas. Os diálogos se mostram persuasivos através da força legitimadora da idéia de amor, de casal, de família e de maternidade, culminado na mudança de atitude, primeiro de Giovani e depois de Sebastião. A argumentação que prevalece no texto é baseada na díade amor e família<sup>45</sup> e as personagens Giovani e Sebastião atuam como guardiões e disseminadores de

---

45 O texto de Fonseca (1987) aponta para a necessidade de questionar noções naturalizadas como o amor e a família.

normas sociais.

Assim, a construção de perfis “bem comportados” e adequados, tendo como referência a norma heterossexual e a tônica do amor romântico, aliados ao poder de sedução do drama, constituíram aspectos fundamentais para a permanência do assunto na novela. A mídia, especialmente a telenovela, tem uma forma particular de gerar e disseminar mensagens, atuando como espaço institucionalizado e com tendência normalizadora que constrói, reproduz e veicula repertórios sobre comportamento amoroso.

Uma das perguntas suscitada ao longo desta tese é se, ao eleger algumas práticas para serem publicizadas, não silencia arranjos que extrapolam o casamento, o formato familiar, a monogamia, excluindo do campo de legitimação as relações fora do casamento, da monogamia, os solteiros/as, e aquelas que não estão regidas pelo casamento ou pela família.

Os resultados desta pesquisa apontam para um duplo efeito na introdução da temática lesbianidade na novela. Por um lado, há um processo de assimilação da categoria lésbica, provocando o efeito de maior “familiarização” com o assunto na sociedade, bem como de circulação de códigos/modelos que propiciam a legitimação de relações entre pessoas do mesmo sexo. Por outro, a forma como ocorrem os processos de legitimação/aceitação não propicia a desestabilização das normas e dos modelos hegemônicos. A retórica discursiva da novela é construída a partir da idéia de “casal”, cuja referência se inscreve na biologia (macho e fêmea), modelo naturalizado da expressão de sexualidade e que orienta a caracterização da relação entre Elenora e Jenifer em termos de polaridades, como discuti no capítulo 6.

Ao incluir o tema da lesbianidade, a novela expõe o que Butler (2003) denomina de “o dilema por reconhecimento público”. Por um lado, viver sem as normas do reconhecimento público pode gerar sofrimento psíquico e limitações de toda ordem; por outro, se as normas de reconhecimento não forem desafiadas criticamente, a demanda por reconhecimento pode resultar em processos de hierarquia social, fortalecendo o poder de normalização do Estado.

Apesar da mídia atuar como uma via para a reflexão, através de seus



produtos culturais, a novela aqui analisada não consegue provocar interrogações sobre a lógica do que é concebido como legítimo ou não. Esta me parece ser uma tarefa mais compatível com o lugar de pesquisador/a interessado/a – pensar política e criticamente as questões atuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Heloísa Buarque. *Telenovela, consumo e gênero: “muitas mais coisas”*. Bauru, S.P: EDUSC, 2003. 374p.
- ANDRADE, Roberta Manuela Barros de. *O fascínio de Scherazade: os usos sociais da telenovela*. São Paulo: Annablume, 2003. 237p.
- ARIÈS, Philippe. *Reflexões sobre a história da homossexualidade*. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, André. (orgs.) *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp.77-92.
- AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.192p.
- BAKHTIN, Mikahil. The problem of speech genres. In: EMERSON, C.; HOLQUIST, M. (Ed.) *Speech genres and other late essays*. Austin: University of Texas, 1994, pp.60-102.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992. 196p.
- \_\_\_\_\_. *The Dialogic Imagination: Four Essays*. Texas: University of Texas, 1983. 444p.
- BORELLI, Silvia; PRIOLLI, Gabriel. (orgs.) *A deusa ferida*. São Paulo: Summus, 2000. 264p.
- BORGES, Lenise S. Feminismo e lesbianismo. *Fazendo Gênero*, Goiânia, ano VIII, nº 20, 2004, p.1
- BORGES, Lenise. Lesbianidade na TV: visibilidade e “apagamento” em telenovelas brasileiras. In: GROSSI, Miriam; UZIEL, Ana P.; MELLO, Luiz. (orgs.) *Conjugalidades, Parentalidades e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. pp. 363-384.
- \_\_\_\_\_; GONÇALVES, Eliane. Quem aceita quem? Visibilidade e estigma nas “outras” sexualidades. *Revista Labia*, n. 17, Lima, 2004. Disponível em: [www.galf.org.pe](http://www.galf.org.pe) [acesso em 10/12/2004].
- BOSWELL, John. *Christianity, social tolerance and homosexuality. Gay people in Western Europe from the beginning of the Christian era to the fourteenth century*. Chicago: University of Chicago, 1981. 442p.
- BRAIDOTTI, Rose. *Feminismo, Diferencia Sexual Y Subjetividad Nómada*. Barcelona: Gedisa, 2004. 234p.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estadística. Brasília: PNAD, 2006.
- BRITZMAN, Débora P. O que é esta coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*, vol. 21, n. 1, Porto Alegre, jan/jul, 1996, pp.71-96.
- BROWN, Judith. *Atos impuros: a vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença*. São Paulo: Brasiliense, 1987. 237p.

- BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1996. 184p.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236p.
- \_\_\_\_\_. *Bodies that matter. On the discursive limits of "sex"*. New York/London: Routledge, 1993. 288p.
- CAMPEDELLI, Samira Youssef. *A tele-novela*. São Paulo: Ática, 1987. 94p.
- CARRARA, Sérgio e RAMOS, Sílvia. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005. 120p.
- CARVALHO, Tamara T. Caminhos do desejo: uma abordagem das relações homoeróticas femininas em Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1995.198f..
- CITELLI, Maria Tereza. *A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002): revisão crítica*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005. 155p.
- COBRA, Marcos H. *Marketing Básico: uma perspectiva brasileira*. São Paulo: Atlas, 1984, 552p.
- COCCHIOLA, Rafaela. A linguagem do stress na televisão: a diversidade de usos no Big Brother Brasil 1. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.132f.
- COSTA, Jurandir Freire. A questão psicanalítica da identidade sexual. In: GRAÑA, Roberto. (org.) *Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais*. Porto Alegre: ARTMED, 1998. pp.15-27.
- DANZINGER, Kurt. The varieties of social construction. *Theory and Psychology*, vol. 7, nº 3, Toronto, 1997, pp.399-416.
- DAVIDSON, Arnold. Sex and the emergency of sexuality. In: STEIN, E. *Forms of desire: sexual orientation and the social constructionist controversy*. New York: Routledge, 1992, pp.89-132.
- DAVIES, BROWNYN; HARRÉ, ROM. Positioning: the discursive production of selves. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, vol. 20, nº 1, Chicago, 1990, pp.43-63.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 240p.
- DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp. 206-242 [Tradução: Susana B. Funck].
- \_\_\_\_\_. *Technologies of gender, essays on theory, film and fiction*. Bloomington, Indiana: Indiana University, 1987. 151p.
- D'EMILIO, John. Capitalism and gay identity. In: ABELOVE, H.; BARALE, M. A.;

- HALPERIN, D. M. *The lesbian and gay studies reader*. New York: Routledge, 1993, pp.467-476.
- EDWARDS, Derek. Categories are for talking: On the cognitive and discursive bases of categorization. *Theory and Psychology*, 1 (4), 1991, pp.515-542.
- ELLIS, Havelock. *The psychology of sex*. London: William Heinemann, 1946. 272p.
- \_\_\_\_\_. *Studies in the psychology of sex. Sexual inversion* (vol. 2). Philadelphia: F. A. Davis, 1928. 391p.
- EPSTEIN, Steven. Gay politics, ethnic identity: the limits of Social Constructionism. In: STEIN, E. *Forms of desire: sexual orientation and the social constructionist controversy*. New York: Routledge, 1992, pp.239-293.
- FACHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 304p.
- FADERMAN, Lillian. *Surpassing the love of men: romantic friendship & love between women from the Renaissance to the present*. New York: Perennial, 2001. 496p.
- FALQUET, Jules. Breve reseña de algunas teorías lésbicas. In: LAGO, Mara C. de S.; GROSSI, Miriam P.; ROCHA, Cristina T. da C.; GARCIA, Olga R. Z.; SENA, Tito. (orgs.) *Interdisciplinaridade em diálogos de gênero*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2004, pp.19-47.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838p.
- FONSECA, Cláudia. Amor e família: vacas sagradas da nossa época. In: RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara. (orgs.) *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo, Loyola, 1995, pp.69-89.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 [Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves]. 236p.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade. I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. 152p.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. 1ª ed. Petrópolis-RJ/São Paulo: Vozes, 1975. 262p.
- FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 197p.
- GAGNON, John; SIMON, William. *Sexual conduct*. Chicago: Aldine, 1973. 375p.
- GALVÃO, Jane. A aids na mídia: da “cura” ao mercado. In: COMISSÃO de CIDADANIA E REPRODUÇÃO – CCR. (org.) *Olhar sobre a mídia*. Belo Horizonte: Mazza, 2002, pp.77-108.
- GERGEN, Kenneth J. *Realities and relationships: soundings in Social Construction*. Cambridge, USA: Harvard University, 1994. 368p.
- \_\_\_\_\_. The social constructionist movement in modern psychology. *American*

- Psychologist*, vol. 40, Washington, DC, 1985, pp.266-275.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 233p.
- GOMIDE, Sílvia. Representações das identidades lésbicas na telenovela *Senhora do destino*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2006. 210f.
- GREEN, James N. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000. 541p.
- GROSSI, Miriam Pillar. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. *Cadernos Pagu* (21), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2003, pp.261-280.
- HACKING, Ian. *La construcción social de qué?*. Barcelona: Paidós, 2001. 398p.
- \_\_\_\_\_. *The social construction of what?* Cambridge: Harvard University, 1999. 278p.
- \_\_\_\_\_. Making up people. In: STEIN, E. *Forms of desire: sexual orientation and the social constructionist controversy*. New York: Routledge, 1992, pp.69-88.
- HALL, Radclyffe. *O poço da solidão*. Rio de Janeiro: Record, 1982. 507p.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura. *Educação e Realidade*, vol. 22, nº 2, Porto Alegre, jul./dez. 1997, pp.16-46.
- \_\_\_\_\_. The question of cultural identity. In: HALL, Stuart; HELD, David; MCGREW, Tony. *Modernity and its future*. Cambridge, UK: The Open University, 1992, pp.274-316.
- HAMBURGER, Esther. Oito vezes novela. Entrevista concedida a Ricardo Calil, *No mínimo Olha só TV, cinema e DVD*, Rio de Janeiro, 29 nov. 2006. Disponível em: <http://olhaso.nominimo.com.br/?p=351> [Acesso em 30 de novembro de 2006].
- \_\_\_\_\_. *O Brasil antenado: a sociedade da novela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 193p.
- \_\_\_\_\_. Diluindo fronteiras: as novelas no cotidiano. In: OLIVEIRA, M. C.; BALTAR, M. I. (orgs.) *História da vida privada no Brasil*. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp.441-487.
- HARAWAY, Donna J. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 1995, pp.7-41.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 217 p.
- \_\_\_\_\_. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. (orgs.) *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; ABIA; IMS/UERG, 1996, pp.136-145.

- HOUAISS, Antonio.; VILLAR, Mauro De S.; FRANCO, Francisco De M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922p.
- IBÁÑEZ, Tomás. *Municiones para disidentes*. Gedisa: Barcelona, 2001. 262p.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia Social construcionista*. Guadalajara: Universidade de Guadalajara, 1994.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico 2000*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/> [Acesso em 20/03/2007].
- \_\_\_\_\_. *Pesquisa nacional por amostra de domicílio - PNAD: síntese de indicadores 2004*. Rio de Janeiro, 2005. 290p.
- ÍÑIGUEZ, Lupicínio. La Psicología Social em la encrucijada postconstrucionista: historicidad, subjetividad, performatividad, acción. *Anais do XII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social*, Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003. CD-ROM.
- \_\_\_\_\_. Construcionismo Social e psicologia social. In: MARTINS, J. B. (org.) *Temas em análise institucional e em construcionismo social*. São Carlos: RIMA, 2002. pp.127-156.
- \_\_\_\_\_. Abordagens teóricas e metodológicas nas Ciências Sociais: análise institucional, etnografia da educação e construcionismo social. *Anais do Seminário Internacional, II Conferência, 2000* [Tradução: Alejandra Leon Cedeño].
- JAGOSE, Annamarie. *Queer theory: an introduction*. New York: New York University, 2004. 156p.
- KINSEY, Alfred C.; POMEROY, Wardell B.; MARTIN, C. E. *Sexual behaviour in the human male*. Bloomington: Indiana University Press, 1998 [1948]. 824p.
- KITZINGER, Celia. *The social construction of lesbianism*. London: Sage, 1987. 230p.
- KRAFFT-EBING, Richard. *Psychopathia sexualis*. New York: Physicians and Surgeons Book Company, 1931.
- LETTIERI, Giovanni. *Jornal O Globo on line*. Disponível em <http://www.oglobo.globo.com/cultura/mat/2007/02/16/294610854.asp> [Acesso em 17/05/2007].
- LOPES, Maria Immacolata V. de; BORELLI, Silvia H. S.; RESENDE, Vera da R. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção e teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002. 393p.
- LOURO, Guacira L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte, Autêntica, 2004. 90p.
- \_\_\_\_\_. (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 176p.
- \_\_\_\_\_. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, vol.9, nº 2, Florianópolis, 2001, pp.541-553.

- \_\_\_\_\_. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998. 179p.
- MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. (org.) *Bakhtin: conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2005. 223p.
- MACHADO, Lia Z. Feminismo, academia e interdisciplinaridade. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina. (orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, pp.24-38.
- MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "abertura"*. Campinas-SP: Unicamp, 1990. 321p.
- MALHIOT, Gerald B. *Dinâmica e gênese dos grupos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991. 186p.
- MARQUES, Angela C. S. Da esfera cultural à esfera política: a representação de grupos de sexualidade estigmatizada nas telenovelas e a luta por reconhecimento. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.196f.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 360p.
- MCINTOSH, Mary. The homosexual role. In: STEIN, E. *Forms of desire: sexual orientation and the social constructionist controversy*. New York: Routledge, 1992. pp.25-42
- MEDRADO, Benedito. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: SPINK, M. J. (org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2000, pp.243-271.
- \_\_\_\_\_. O masculino na mídia: repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva nacional. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997. 127f.
- MELLO, Luiz. *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 223p.
- MÍCCOLIS, Leila. Eram as lésbicas marcianas? In: MÍCCOLIS, Leila; DANIEL, Herbert. *Jacarés e lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983, pp.73-123.
- \_\_\_\_\_; DANIEL, Herbert. *Jacarés e lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983. 133p.
- MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu* (28), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, 2007, pp.101-128.
- MORAES, Eliane R. Os perigos da literatura: Erotismo, Censura e Transgressão. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. (orgs.) *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, pp.225-233.

- MORITZ, Marguerite. Lesbian chic: our fifteen minutes of celebrity. In: VALDIVIA, Angharad N. (org.) *Feminism, multiculturalism and the media: global diversities*. London: Sage, 1995, pp.127-146.
- MOTT, Luiz. *Escravidão, Homossexualidade e Demonologia*. São Paulo: Ícone, 1988. 151p.
- \_\_\_\_\_. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. 220p.
- NAVARRO-SWAIN, Tânia. Feminismo e lesbianismo: quais os desafios? *Labrys Estudos Feministas*, n<sup>o</sup>s 1-2, Brasília-DF, jul/dez de 2002. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/> [Acesso em 15/03/2007].
- \_\_\_\_\_. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000. 101p.
- NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003. 360p.
- ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002. 173p.
- PARKER, Richard. Diversidade sexual, análise sexual e educação sobre Aids no Brasil. In: LOYOLA, Maria Andreia. (org.) *Aids e sexualidade: o ponto de vista das Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994, pp.141-159.
- PASSARELLI, Carlos André F. Amores dublados: linguagens amorosas entre homens no filme *La ley del deseo*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.123f.
- PEREIRA, Tiago Ferreira; LOPES, Maria de Fátima; SILVA, Alice Inês de Oliveira. Homossexualidade e mídia: uma análise das representações de personagens homossexuais em telenovelas da Rede Globo. *Anais do III Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura - Discursos da diversidade sexual: lugares, saberes, linguagens*, Belo Horizonte: ABEH, 2006. CD-ROM.
- PERET, Luiz Eduardo Neves. Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira (Rede Globo, 1974-2005). *Anais do III Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura - Discursos da diversidade sexual: lugares, saberes, linguagens*, Belo Horizonte: ABEH, 2006. CD-ROM.
- PERLONGER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1987. 275p.
- PORTINARI, Denise. *O discurso da homossexualidade feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1989. 127p.
- POTTER, Jonathan; WETHERELL, Margaret. *Discourse and Social Psychology: beyond attitude and behaviour*. London: Sage, 1987. 256p.
- PLUMMER, Ken. (ed.) *The making of the modern homosexual*. Totowa: Barnes and Noble, 1981. 280p.
- RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality. In: ABELOVE, Henry; BARALE,



- Michele; HALPERIN, David. (eds.) *The lesbian and gay studies reader*. New York: Routledge, 1993, pp.227-254.
- ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002, pp.343-364.
- ROSEMBERG, Fulvia. Infância na mídia brasileira e ideologia. In: ABRAPSO, Rio de Janeiro. *Diálogos em Psicologia Social*. Vol.1. Porto Alegre: Abrapso/ed. Evangraf Ltda, 2007, pp.257-274.
- RUBIN, Gayle. Tráfico sexual – entrevista. *Cadernos Pagu* (21), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 2003, pp.157-209.
- \_\_\_\_\_. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, C. *Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina*. México: Editorial Revolución, 1989, pp.113-191.
- \_\_\_\_\_. The traffic in women: notes on the “political economy” of sex. In: REITER, R. (org.) *Toward and anthropology of woman*. New York: Monthly Review, 1975, pp.157-210.
- SEDGWICK, Eve K. Epistemology of the Closet. In: ABELOVE, Henry *et alli*. *The lesbian and gay studies reader*. New York/London: Routledge, 1993, pp.45-61.
- SCHEMAN, Naomi. *Engenderings: constructions of knowledge, authority and privilege*. New York: Routledge, 1993. 254p.
- SILVA, Josefina de Fátima T. O Gênero Erótico em *Senhora do destino*: Recepção em Vila Pouca do Campo, Portugal. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- SILVA, Tomaz T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 154p.
- SPINK, Mary Jane. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 87p.
- \_\_\_\_\_; MENEGON, Vera M. Práticas discursivas. In: IÑIGUEZ, Lupicínio. (org.) *Manual de análise do discurso em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004, pp.258-311.
- \_\_\_\_\_; MEDRADO, Benedito; MELLO, Ricardo P. Perigo, probabilidade e oportunidade: a linguagem dos riscos na mídia. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, vol. 15, nº 1, Porto Alegre, 2002, pp.151-164.
- \_\_\_\_\_; MEDRADO, B.; MENEGON, Vera M.; LYRA, Jorge; LIMA, Helena. A construção da AIDS-notícia. *Cadernos de Saúde Pública*, vol. 17, nº 4, Rio de Janeiro, 2001, pp.851-862.
- \_\_\_\_\_; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da Psicologia Social. In: SPINK, M. J. (org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2000, pp.17-39.

- \_\_\_\_\_; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. (org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000, pp.41-62.
- STEIN, Edward. Introduction. In: STEIN, E. *Forms of desire: sexual orientation and the social constructionist controversy*. New York: Routledge, 1992, pp.3-9.
- STERLING, Anne Fausto. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu* (17/18), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2001/2002, pp.9-79.
- STRICKLAND, Susan. Feminism, postmodernism and difference. In: LENNON, Kathlen; WHITFORD, Margaret. (eds.) *Knowing the difference*. New York: Routledge, 1994, pp.265-274.
- THOMPSON, Julie M. *Mommy queerest: contemporary rhetorics of lesbian maternal identity*. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 2002. 177p.
- TREVISAN, José Silvério. *Devassos no paraíso*. São Paulo: Max Limonade, 2000. 588p.
- TURCOTTE, Louise. Prólogo, un cambio de perspectiva. In: WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Barcelona: EGALES, 2006, pp.9-14 [Traducción: Javier Sáez y Paco Vidarte].
- UZIEL, Ana Paula. *Homossexualidade e Adoção*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. 224p.
- \_\_\_\_\_. Da intenção ao direito. Homossexualidade e adoção no Brasil. In: ALMEIDA, H. B. de; COSTA, R. G.; RAMÍREZ, M. C.; SOUZA, E. R. de. (orgs.) *Gênero em matizes*. Bragança Paulista-SP: Universitária São Francisco, 2002, pp.153-176.
- VANCE, Carol S. A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis - Revista de Saúde Coletiva*, vol. 5, nº 1, Rio de Janeiro, 1995, pp.7-31.
- VICENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996 [Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges]. 97p.
- VICINUS, Martha. They wonder to which sex I belong: the historical roots of the modern lesbian identity. In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michele A.; HALPERIN, David M. *The lesbian and gay studies reader*. New York: Routledge, 1993, pp.432-452.
- VIP, Angelo; LIBI, Fred. *Aurélia, a dicionária da língua afiada*. São Paulo: Editora da Bispa, 2006. 143p.
- WEEKS, Jeffrey. *Coming out: homosexual politics in Britain from the nineteenth century to the present*. London: Quartet Books, 1977. 278p.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira. *O corpo educado:*

*pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pp.35-82.

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Barcelona: EGALES, 2006 [Traducción: Javier Sáez y Paco Vidarte] 127p.

## DOCUMENTOS CONSULTADOS

*AMÉRICA*. A autoria: Glória Perez. Direção: Marcelo Travesso, Tereza Lampreia, Federico Bonani, Carlo Milani, Luciano Sabino. Direção geral: Jayme Monjardim, Marcos Schechtman. Rio de Janeiro, Rede Globo. Exibida às 21h em 203 capítulos, de 14 de março a 5 novembro de 2005.

<http://www.teledramaturgia.com.br/alfabetica.htm> [acesso em 21/03/2007].

*MULHERES APAIXONADAS*. A autoria: Manoel Carlos. Colaboração: Maria Carolina, Fausto Galvão, Vinícius Vianna. Direção: Ary Coslov, Marcelo Travesso. Direção geral: Ricardo Waddington, Rogério Gomes, José Luís Villamarin. Rio de Janeiro, Rede Globo. Exibida às 20h em 203 capítulos de 17 de fevereiro a 11 de outubro de 2003.

<http://www.teledramaturgia.com.br/alfabetica.htm> [acesso em 21/03/2007].

*SENHORA DO DESTINO*. A autoria: Aguinaldo Silva. Colaboração: Filipe Miguez, Maria Elisa Berredo, Nelson Nadotti. Direção: Luciano Sabino, Marco Rodrigo, Cláudio Boeckel, Ary Coslov. Direção geral: Wolf Maia. Rio de Janeiro, Rede Globo. Exibida às 21h em 221 capítulos, de 28 de junho de 2004 a 12 de março de 2005.

<http://www.teledramaturgia.com.br/alfabetica.htm> [acesso em 21/03/2007].

*PÁGINAS DA VIDA*. A autoria: Manoel Carlos, Fausto Galvão. Colaboração: Maria Carolina, Juliana Peres, Ângela Chaves, Daisy Chaves. Direção: Tereza Lampreia, Luciano Sabino, Fred Mayrink, Adriano Melo, Maria José Rodrigues. Direção geral: Jayme Monjardim, Fabrício Mamberti. Rio de Janeiro, Rede Globo. Exibida às 21h em 203 capítulos, de 10 julho de 2006 a 3 de março de 2007.

<http://www.teledramaturgia.com.br/alfabetica.htm> [acesso em 21/03/2007].

REDE GLOBO. *Boletim de estréia Senhora do Destino*. Rio de Janeiro: Cedoc/Tv Globo, 2004.

*TORRE DE BABEL*. A autoria: Sílvio de Abreu, Alcides Nogueira, Bosco Brasil. Direção: Denise Saraceni, José Luís Villamarin, Carlos Araújo, Paulo Silvestrini. Direção geral: Denise Saraceni. Rio de Janeiro, Rede Globo. Exibida às 20h em 203 capítulos, de 25 maio de 1998 a 16 de janeiro de 1999.

<http://www.teledramaturgia.com.br/alfabetica.htm> [acesso em 21/03/2007].

*VALE TUDO*. A autoria: Gilberto Braga, Aguinaldo Silva, Leonor Bassères. Direção: Denis Carvalho, Ricardo Waddington. Direção geral: Denis Carvalho. Rio de Janeiro, Rede Globo. Exibida às 20h em 204 capítulos, de 16 de maio de 1988 a 6 de janeiro de 1989.

<http://www.teledramaturgia.com.br/alfabetica.htm> [acesso em 21/03/2007].

### Anexo 1

Descrição geral de cada cena (numerada e datada) da telenovela *Senhora do destino* em que está presente pelo menos uma das integrantes do casal Jen e Leo, com a presença ou não de outras personagens, e o contexto em que a cena ocorreu.

<b>Cena</b>	<b>Data</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Contexto</b>
1	13 ago 2004	Briga de cigano com a mulher; ele bate nela e nos filhos. Leo chega e enfrenta cigano e cuida dos ferimentos da família.	Casa de cigano
2	24 ago	Para sair com o namorado, Regina mente para o pai que está indo jantar na casa de Giovanni. Leo acoberta a mentira da irmã.	Casa de Leo
3	24 ago	Sebastião, pai de Leo, não acredita e vai à casa de Giovanni (pai de Jen). Leo vai atrás do pai e tenta impedir que ele descubra a mentira.	Casa de Leo
4	24 ago	Leo encontra Jen pela primeira vez e conta o ocorrido.	Casa de Jen
5	25 ago	Leo pede ajuda a e conta que o pai é muito machista e não vai entender que Regininha seja a rainha da bateria da escola de samba do bairro.	Casa de Jen
6	25 ago	Jen ajuda Leo a impedir o flagrante de Sebastião. Trocam o primeiro olhar e iniciam um plano de ação conjunta, tornando-se cúmplices.	Casa de Jen
7	25 ago	Leo consegue impedir que o pai entre na quadra da escola de samba com a desculpa de que a mãe (Janice) está passando mal. Jen consegue avisar o irmão (João Manoel), que tira Regina da quadra. Ela volta para casa com um álibi preparado para responder ao pai. A mãe entende a mímica de Leo e confirma que estava se sentindo mal.	Rua; quadra da escola de samba; casa de Leo
8	26 ago	Jen procura Leo curiosa para saber os desdobramentos da história. Jen oferece carona a Leo.	Rua
9	27 ago	Leo e Jen conversam sobre o ocorrido e falam sobre suas vidas, o que fazem, como são suas famílias.	Cafeteria do hospital
10	27 ago	Ainda no hospital, Leo atende Josivaldo (ex-marido de Maria do Carmo) e conversa com a família. Leo e Jen combinam de sair. Primeiro beijinho.	Hospital
11	30 ago	Conversam ao telefone e combinam o primeiro encontro na sorveteria.	Ao telefone
12	31 ago	Se encontram na sorveteria e, ao se tocarem, levam um choque.	Sorveteria
13	31 ago	Ao se despedirem no portão, trocam olhares e promessas de reencontro.	Portão da casa de Jen
14	1 set	Preocupação da avó de Jen com sua dedicação aos estudos. Sugere que ela precisa sair, ter namorados. Jen chama o irmão para uma conversa.	Casa de Jen
15	2 set	Jen aconselha o irmão a abrir o jogo com Sebastião. Por sua vez, Leo sugere à irmã (Regininha) que abdique do posto de rainha da bateria antes que sobre para a família.	Casa de Jen; casa de Leo
16	16 set	Leo e Jen se encontram na pizzaria e descobrem que gostam do mesmo sabor de pizza.	Pizzaria
17	17 set	Racham a conta e trocam o primeiro selinho. Leo leva Jen em casa e encontram João Manoel e Regininha trocando carícias “quentes” no sofá da casa de Jen.	Pizzaria; casa de Jen

<b>Cena</b>	<b>Data</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Contexto</b>
18	18 set	Leo fica lembrando o dia anterior. Jen conta alegremente à avó e ao pai a nova amizade. Pai sugere que ela encontre um namorado. Ela responde que prefere se dedicar aos estudos.	Casa de Leo; casa Jen
19	1 out	Conversa de Leo com a mãe sobre a importância da família e de seu amor familiar. Leo liga para Jen e marcam outro encontro na sorveteria.	Casa de Leo
20	2 out	Leo encontra Jen na sorveteria. A galera de Shao Lin começa a comentar sobre as duas: “qual é a dessas duas?”. Shao Lin intercede e diz que ninguém tem nada a ver com isso. Na despedida, Leo e Jen trocam palavras de carinho (dizem que são amigas e que se completam) e trocam um selinho. João Manoel vê a cena e fica intrigado; pergunta para Jen se Leo não tem namorado.	Sorveteria; casa de Jen
21	4 out	Jen oferece carona a Leo e se cumprimentam com um selinho. Comentário da gangue do Shao Lin: “mulher que pega mulher! Meu Deus do céu! Duas gataças”. Shao Lin intercede e diz que isso é bom gosto, que ninguém tem nada com isso.	Rua
22	8 out	Janice (mãe de Leo) pergunta se ela está satisfeita com a vida que leva, trabalhando tanto. Ela diz que sim. No banho, se recorda de Leo. Jen, no sofá, se lembra de Leo. João Manoel vê a cena e diz que se é verdade o que está pensando, o pai não vai perdoar.	Casa de Leo; casa de Jen
23	9 out	Leo e Jen combinam comer uma pizza.	Telefone
24	12 out	Leo e Jen conversam sobre situações da vida que são preconceituosas. João Manoel provoca a irmã dizendo que ela está muito por dentro desse assunto.	Casa de Jen
25	16 out	João Manoel provoca novamente a irmã dizendo “que são mui amigas e que não se desgrudam”. Elas se despedem com um selinho.	Casa de Jen
26	21 out	A avó diz que Leo e Jen são “unha e cutícula, não se largam”. Quando estão se despedindo, a gangue de Shao Lin começa a ironizar: “Alá a despedida. Uma gata dando mole pra outra”. O irmão de Leo sai em defesa dela.	Casa de Jen; rua
27	22 out	Leo e Jen estão assistindo o lançamento de Danielle. A gangue novamente ironiza: “Duas sapatatas. Não tô dizendo?”. Shao Lin tenta disfarçar dizendo que falaram sapatatas de construção, mas Jen fica intrigada.	Rua
28	25 out	Leo e o irmão Venâncio fazem aliança. Ela comenta sobre o encantamento dele com Danielle e ele comenta e dá força para o relacionamento dela com Jen.	Hospital
29	25 out	Leo e Jen trocam um abraço emocionado no hospital e a família de Leo presencia. A mãe de Leo percebe o clima e também se emociona.	Hospital

<b>Cena</b>	<b>Data</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Contexto</b>
30	25 out	A família de Venâncio (irmão de Leo) vai visitá-lo no quarto do hospital. Janice, a mãe, está pensativa, afastada, agoniada. Leo conversa com Venâncio sobre a descoberta da mãe de que ela gosta de Jen e fala: "Com cara de mãe que não quer que a filha sofra".	Hospital
31	30 out	Leo e Jen se encontram para ir ao cinema. O irmão comenta sozinho "que estão parecendo a corda e a caçamba e que a Leo gosta mesmo é de outra fruta".	Casa de Jen; dentro do carro
32	4 nov	Leo e Jen conversam e uma penteia o cabelo da outra. Falam sobre os pais e as dinâmicas das casas.	Casa de Jen
33	5 nov	As duas pegam no sono e a família de Jen chega e as vê dormindo lado a lado no chão. Leo se desculpa e vai embora.	Casa de Jen
34	5 nov	Leo chega em casa e seu pai está dormindo no sofá. Ele agradece o carinho e a preocupação da filha. A mãe aparece na sala, pergunta se a filha não vai dormir e Leo comenta com a mãe que estava pensando em Jen; a mãe foge.	Casa de Leo
35	6 nov	Giovanni chama Jen para conversar e lhe pergunta sobre sua relação com Leo. Ela responde que é uma grande amizade. Ele insiste e pergunta sobre o sentimento da "doutora". Pede à filha que esclareça com Leo o mal-entendido. Jen fica insegura e pergunta ao irmão o que ele acha da relação das duas. Ele responde que na rua tão comentando: "Lá vão duas sapatatas". Jen surta.	Casa de Jen; escritório do pai
36	6 nov	Jen recorda o episódio anterior que comentam sobre elas quando encontra os rapazes na porta.	Rua
37	6 nov	Jen vai até o hospital e procura Leo para conversar.	Hospital
38	6 nov	Jen começa a conversa dizendo que deram bandeira, que essa não era a dela. Leo diz que é a dela e revela que quer ter uma relação de amor com Jen. Abre o jogo afirmando que prefere meninas a meninos e "quer uma relação séria, limpa, bacana". Jen foge. Leo vai atrás. Jen a repele dizendo que foi enganada, que não sente nada, que nunca fez nada para alimentar a paixão de Leo. Diz com muita raiva que não vai se tornar uma lésbica. Pede a Leo que nunca mais olhe na cara dela. Choram sozinhas.	Cantina, corredor, jardim e quarto do hospital
39	9 nov	O pai de Jen apresenta o deputado a ela.	Casa de Jen
40	9 nov	Leo vai à casa de Jen, que foge e sai de carro com o deputado.	Rua, na frente da casa de Jen
41	9 nov	No bar, com o deputado, Jen fica pensativa. Enquanto isso, Leo atende uma paciente no hospital e pede para ir embora.	Bar; hospital
42	9 nov	O deputado pergunta a Jen porque ela pediu carona, porque quis sair com ele. Ela não responde e ficam conversando amenidades.	Carro

<b>Cena</b>	<b>Data</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Contexto</b>
43	10 nov	O deputado leva Jen para casa e pede para vê-la novamente. Leo a espera e pede para conversarem. Jen foge. O pai pergunta a Jen se está bem. Ela responde que está abalada. Mãe de Leo a vê sofrendo e diz que não queria que ela sofresse. Diz que ela é a pessoa mais generosa que conhece e não vai deixar que ela sofra, não por causa de uma convenção.	Carro; casa de Jen; casa de Leo
44	11 nov	A avó de Jen oferece apoio e carinho à neta. Jen diz que ainda não está pronta para falar sobre o assunto.	Casa de Jen
45	11 nov	O pai de Leo percebe a tristeza da filha, pergunta para a mãe que desconversa. Ele não fica convencido com a explicação da mãe.	Casa de Leo
46	11 nov	O pai insiste com a preocupação e a mãe diz que é por causa do trabalho no hospital. A mãe diz para Leo que ela precisa se reerguer. Leo diz que está sofrendo.	Casa de Leo
47	13 nov	Jen vai à boate com o deputado. Ele tenta eijá-la e ela se esquiva. Ela chega em casa e fica triste lembrando de Leo.	Boate; casa de Jen
48	15 nov	Leo lembra de Jen. O deputado insiste na conquista e liga para Jen, que recusa o convite e explica que não quer se envolver. Jen liga para Leo e desliga. Leo percebe.	Cantina do hospital; casa de Jen
49	18 nov	Leo chega em casa e diz que não quer papo. O deputado insiste, diz que quer Jen como namorada e a beija. Ele pede para que ela decida. Ele pressiona dizendo que ouviu boatos e que Jen tem que resolver. Ela o expulsa de casa. Jen sai e vai encher a cara de vodka.	Casa de Leo; sorveteria
50	18 nov	Regina comenta que a irmã está triste. João Manoel diz que se depender dele elas não vão continuar. Jenifer se embebada. Os rapazes zoam com ela.	Casa de Leo
51	18 nov	Jen toma um porre e briga com o dono do bar. Um dos rapazes da gangue diz: "São duas toninhas. Logo agora que estava a fim de pegar as duas". Jenifer passa mal por causa da bebida.	Bar
52	19 nov	Jen chega em casa chorando e encontra Danielle (namorada de Giovanni) que se prontifica a ouvi-la. Ela desconversa e diz que está com sono.	Casa de Jen
53	19 nov	Jen vai até a casa de Leo e fica na porta. Jen está dentro do carro e Leo a vê pela janela. Leo espia pela janela e torce para que Jen desça. Jen vai até o portão, mas desiste de entrar. Diz para si mesma que só pode estar ficando doida. Sai correndo, cantando pneu. Leo vê tudo e fica triste.	Rua; dentro do carro; casa de Leo
54	22 nov	Jen encontra Leo na rua, dando carona para a irmã.	Rua
55	23 nov	Jen continua em casa deprimida.	Casa de Jen
56	24 nov	A avó e o pai de Jen tentam irá-la da depressão.	Casa de Jen
57	24 nov	Janice vai até Jen enquanto Leo estuda em casa.	Rua; casa de Leo
58	25 nov	Jen chega em casa. Leo vai até a casa dela e telefona pedindo que desça, pois estão devendo uma conversa para elas mesmas.	Casa de Jen; rua

<b>Cena</b>	<b>Data</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Contexto</b>
59	25 nov	O pai observa tudo e diz a Jen que deve ter algo que a está perturbando. Sugere a ela que enfrente a situação. Diz que aposta todas as fichas nela e que está ao seu lado. Jen desce e vai ao encontro de Leo.	Casa de Jen; rua
60	25 nov	Jen diz que quer conversar em outro lugar. O pai a vê sair.	Rua
61	25 nov	Leo leva Jen para o apartamento de uma amiga. Jen pergunta se Leo traz outras mulheres ali. Leo responde que eventualmente sim. Leo insiste em que Jen lhe diga, olhando em seus olhos, que não quer mais ser amiga dela. Jen chora e diz que se separassem iria sofrer e sentir falta dela. Jen diz que tem medo. Leo propõe que descubram juntas o que sentem uma pela outra.	Apartamento da amiga de Leo
62	25 nov	São mostradas cenas de vários casais se amando, sem som, insinuando que Leo e Jen também se amaram. A cena mostra as duas dormindo seminuas na cama.	Apartamento da amiga de Leo
63	25 nov	Leo e Jen acordam juntas e Jen diz que está com medo. Pergunta o que vai ser delas.	Apartamento da amiga de Leo
64	25 nov	A avó diz que Jen não dormiu em casa e que está com o pressentimento de que ela dormiu com Leo. Danielle intercede e diz que já deu para notar que as duas se gostam mais do que simples amigas. A avó fica chocada.	Na casa de Jen
65	26 nov	Jen pergunta a Leo como vai ser agora e como será a relação delas com os outros. Leo diz que por ela contaria tudo para todos, pois quer uma relação sem mentiras. Contaria especialmente para a família, inclusive para o irmão preconceituoso de Jen. Jen diz ter medo de magoar a família e pede um tempo para pensar.	Apartamento da amiga de Leo
66	27 nov	Leo leva Jen para casa. Marcam de se reencontrar. A avó lhe dá uma bronca e Danielle a defende. Leo chega em casa e abraça a mãe. Diz que ela e Jen estão se entendendo.	Casa de Jen; casa de Leo
67	29 nov	Leo e Jen recordam os momentos que passaram juntas. A avó continua ressabiada.	Rua
68	30 nov	Jen vai falar com o pai no escritório. Pergunta para ele se não se importaria se ela mudasse. Giovanni se esquivava da conversa e diz que conversariam depois.	Casa de Jen
69	2 dez	Sebastião diz que Leo é uma filha exemplar, trabalhadora, responsável, ajuizada. Leo liga para Jen, dizem que estão com saudades e marcam encontro. O pai de Jen escuta a conversa e diz para si mesmo que chegou a hora.	Casa de Leo; telefone; casa de Jen
70	6 dez	Leo desmarca o encontro por conta do aparecimento da prima seqüestrada. Marcam de se ver rapidinho no <i>shopping</i> e de se reencontrarem depois da festa para algo mais <i>caliente</i> : passar a noite juntas. Trocam selinho.	<i>Shopping</i>
71	8 dez	Cena de intimidade de Danielle e Venâncio e de Leo e Jen dormindo seminuas.	Motel



<b>Cena</b>	<b>Data</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Contexto</b>
72	9 dez	Leo combina de pegar Jen à noite e explica que tem uma vida muito complicada por causa do hospital. Giovanni chama as duas para uma conversa.	Rua
73	10 dez	A conversa fica marcada para as 7 horas. Leo diz que não vê por que fugir da conversa. Jen diz que está apreensiva.	Casa de Jen
74	11 dez **	Giovanni chega para a conversa. A avó o alerta para não meter os pés pelas mãos. Danielle diz para ele não ser careta e João Manoel diz para ele botar moral e que dá total apoio ao pai.	Casa de Jen
75	11 dez	A avó, Danielle e João Manoel escutam a conversa ao pé da porta. A avó ameaça invadir, mas é contida. O pai inicia dizendo que a amizade delas é mais do que uma amizade. Leo diz que definitivamente sim. Ele diz que ela é mais experiente, falante, mas que quer ouvir a filha. Jen diz que não está ansiosa, que está calma. Jen responde ao pai dizendo que gostam uma da outra e querem ficar juntas, que se amam e se por causa disso ele quer que ela vá embora.	Casa de Jen
76	11 dez	Jen diz que pensam em morar juntas daqui a um tempo. O pai responde que não é por causa disso que ela tem de sair. Ele pergunta a Leo como deve chamá-la, ao que ela responde: "Leo". Voltando à sala, diz que foi atropelado por uma máquina. Não quer que ninguém comente nada. A avó diz que é o fim do mundo. O irmão afirma que é uma pouca vergonha. Giovanni, com suas tiradas, diz: "A vida é dura; é um paralelepípedo".	Casa de Jen
77	13 dez	Sebastião comenta sobre a amizade de Leo e Jen. A mãe desconversa. O irmão de Leo tem reações homofóbicas em relação à troca de carinho das duas na festa.	Casa de Maria do Carmo
78	13 dez	A avó conversa com Danielle sobre a saída dos netos. Giovanni diz para a avó que Jen ama Leo e que quer ficar com ela. A avó fica feliz por pensar que a neta tem um namorado. Giovanni diz que ela não está entendendo, por que não é "entendida" como a neta e acrescenta que Leo é "a" Leo. Diz que Jen quer se casar com ela e ter um filho. A avó fica chocada.	Casa de Jen
79	13 dez	Leo e Jen saem da festa e se abraçam. O pai de Leo vê tudo.	Rua
80	14 dez	Leo teme a reação do pai. Prevê que será muito difícil por que ele tem uma cabeça muito atrasada. Jen dá força dizendo que na casa dela também tinha sido difícil. Leo lembra que muitos a rejeitarão. Leo diz que pensa em ter um filho, que se vê como mãe, que pensa em adotar uma criança.	Motel
81	17 dez	Shao Lin comenta com a gangue que é comum o lance de Leo e Jen nas altas rodas. O pai de Leo a espera para uma conversa.	Rua; casa de Leo

<b>Cena</b>	<b>Data</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Contexto</b>
82	17 dez	Jen e Leo tomam café juntas. Um dos rapazes da gangue comenta que é um desperdício, diz que o que está faltando na vida delas é homem. Leo se levanta e o enfrenta chamando-o para transar. O rapaz murcha.	Bar
83	17 dez	Leo diz para Jen que vai enfrentar o pai. A mãe reza. O pai diz que ela deu lhe o maior desgosto de sua vida. Diz que isso é doença, é imoral, depravação, safadeza, desvio de conduta, tara, que ela precisa se tratar, pois é uma doença. Leo diz que é amor e que ela é a médica. Ele diz que é pai da médica sapatona, lésbica, uma aberração. Leo diz que antes que ele a mande embora ela vai sair de casa. Diz que um chefe de família que não consegue acolher as diferenças não faz parte de uma família de verdade.	Casa de Leo
84	18 dez	Jen busca Leo. Sebastião continua irado e diz que não quer ouvir o nome de Leo. Janice enfrenta Sebastião defendendo Leo e dizendo que ela é uma médica respeitada. Jen desabafa com Danielle. A avó diz que não sabe como agir, mas que está do lado dela.	Casa de Leo; casa de Jen
85	18 dez	Maria do Carmo e Giovanni vão à casa de Sebastião que reage atacando Giovanni. Diz que não aceita o vício, que Jen é uma cafajeste, que a culpa é de Giovanni e que Jen iludiu Leo. Diz que tem nojo e preferia que a filha morresse.	Casa de Leo
86	20 dez	A avó e Danielle comentam sobre Leo e Jen. Danielle diz não saber se é uma escolha. A avó se preocupa que a neta sofra.	Casa de jen
87	20 dez	Sebastião conversa com Giovanni e diz que não vai concordar com isso. Ele diz que está com vontade de destruir tudo. Giovanni diz para ele que não há saída, tem de aceitar e que deve conversar com Leo.	Casa de Leo
88	20 dez	Leo está no hospital atendendo um caso de parada cardíaca. O pai vê tudo e pede para conversar com ela.	Hospital
89	21 dez	Jen está preocupada com Leo. Giovanni chega e ela pede notícias. Ele a reconforta dizendo que toda fera encontra um domador um dia; no caso, o domador era a Leo. Sebastião diz para Leo que a ama mesmo não a entendendo.	Casa de Jen; hospital
90	22 dez	Sebastião diz que se depender dele, Leo pode ficar. Todos ficam felizes, mas Leo diz que apesar de ficar grata prefere ir para um lugar seu.	Casa de Leo
91	23 dez	Leo fica sabendo que seu pai vai receber muito dinheiro pelo quadro que herdou e diz que não se importa com isso, pois seu futuro é no hospital. Jen vai visitar Leo.	Casa de Leo
92	24 dez	Giovanni e a avó conversam. Giovanni diz saber o que há entre Jen e Leo, que isso é amor, e brinda a isso. João Manoel e Regininha se beijam no carro enquanto Leo e Jen chegam também de carro. João Manoel diz que quer ter filhos.	Casa de Jen; rua; carro

<b>Cena</b>	<b>Data</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Contexto</b>
93	27 dez	Jen vai passar a virada do ano com Leo no plantão do hospital. Saem de mãos dadas e felizes. Ao voltar, Leo escuta um choro e encontra um bebê em uma lata de lixo.	Hospital; rua
94	28 dez	Leo cuida do bebê no hospital e promete a ele que tomará conta dele, que ninguém mais vai maltratá-lo.	Hospital
95	29 dez	Leo conta para Jen sobre o bebê, chama a mãe dele de desnaturada e diz para Jen que quer adotá-lo.	Hospital
96	30 dez	Leo pergunta para Jen o que acha delas adotarem a criança que Leo encontrou. Jen acha que é difícil conseguirem adotar, especialmente sendo duas mulheres. Jen diz que vão criá-lo juntas. Jen conta para o pai e explica que agora mais do que nunca precisam morar juntas. João Manoel faz um comentário preconceituoso, dizendo que é “espada”, e a avó defende Jen.	Hospital; casa de Jen
97	1 jan 2005	Jen lembra de Leo e Renato (o menino achado). Cena do Cristo Redentor de braços abertos.	Casa de Jen
98	5 jan	Casamento de Viriato (filho de Maria do Carmo) e Maria Eduarda. Leo pega o buquê. João Manoel resmungo. Sebastião comenta que a lei ainda não permite o casamento de duas mulheres.	Festa do casamento
99	7 jan	Giovanni conversa com Jen, pois estão insones.	Casa de Jen
100	8 jan	O deputado, Ubiracy e Turcão (um casal gay) levam Nalva para o hospital. Ela está com hemorragia por estar perdendo seu bebê. Leo atende Nalva e dá um chega para lá no deputado.	Hospital
101	8 jan	O deputado faz comentários homofóbicos (chama Leo de sapata). Ubiratan que entrar com Nalva e também fica com raiva de Leo, xingando-a de homossexual.	Hospital
102	8 jan	A avó tricota um casaquinho para o neto. Leo e Jen resolvem lutar pela adoção. Giovanni coloca seu advogado à disposição. Jen vai ao hospital contar a boa nova a Leo.	Hospital
103		Leo conversa com a pediatra de Renato. Recebem a visita da assistente social	Hospital
104	8 jan	Leo dá apoio a Nalva depois que ela conversa com Leandro (outro filho de Maria do Carmo). Nalva diz que de agora em diante quer viver e ser feliz.	Hospital
105	10 jan	Jen se apronta para ir ver Leo.	Casa de Jen
106	10 jan	Leo cuida de Nalva.	Hospital
107	10 jan	Jen avisa a Leo que assistente social está lá para ver Renato.	Hospital
108	11 jan	A assistente social pede a Leo que conte como encontrou o bebê. Ela recorda e a cena é repassada. Diz que tem interesse em adotar o menino. A assistente social lembra que é difícil, pois existe uma fila. Leo responde que quer mesmo assim e que já está inscrita na fila.	Hospital
109	12 jan	Leo orienta Nalva a ir com calma e não abusar do samba, porque ainda está fraca.	Hospital

<b>Cena</b>	<b>Data</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Contexto</b>
110	14 jan	Jen acorda Leo. Vão conversar com o advogado do pai. João Manoel está com ciúmes e reclama que as meninas estão sendo muito paparicadas. Quer saber se caso ele fique com um barbudo será melhor tratado. Emenda que isso nunca acontecerá, pois é “espada”.	Casa de Jen
111	14 jan	Leo e Jen esclarecem para o advogado o interesse na adoção e que Leo já está na fila. O advogado responde que estando na fila é mais fácil.	Casa de Jen
112	14 jan	Elas conversam com Giovanni que pergunta sobre o neto. Diz que gosta do nome. João Manoel resmunga com ciúme.	Casa de Jen
113	17 jan	Giovanni vai ver Crecilda (atendente da loja de construção de Maria do Carmo) cantar. Quando ela vê Giovanni, perde a voz. Ubiraçy defende Crecilda e é vaiado e o chamam de “bicha”. Ele responde dizendo que isso é a face do preconceito.	Restaurante
114	18 jan	Leo e Jen conversam no carro. Leo diz que está procurando um apartamento. Quase se beijam.	Carro
115	19 jan	Danielle conta para Giovanni que gosta de Venâncio. A família teme pela reação de Giovanni.	Casa de Jen
116	26 jan	Leo conversa com Jen sobre a dificuldade de encontrar um fiador para seu apartamento. Jen sugere pedir ao pai. Leo diz que não quer incomodar.	Casa de Jen
117	27 jan	Giovanni escuta e oferece ajuda para o aluguel do apartamento e chega a oferecer um de seus apartamentos para que elas possam morar.	Casa de Jen
118	28 jan	Leo aceita o apartamento, mas com a condição que fique em nome de Jen e que ela mobílie a casa. João Manoel reclama e diz que se sente incomodado. Giovanni retruca e diz que espadas enferrujam e falham. Danielle se oferece para fazer o chá de casa nova e de bebê. Giovanni brinda a família.	Casa de Jen
119	29 jan	Leo e Jen conhecem o novo apartamento. Fazem planos para a decoração da casa. Leo fala sério: “Isso não é uma brincadeirinha de casinha. Eu quero construir um lar com você”. Jen concorda. Janice e Venâncio levam presentes para a casa nova.	Apartamento de Jen e Leo
120	1 fev	Jen e Leo se mudam para o novo apartamento e carregam o colchão. Aparecem cansadas em cena romântica, fazendo planos para a casa, trocando declarações de amor, olhares e abraço. Leo chama Jen para o quarto. Clima de intimidade.	Apartamento de Jen e Leo dado por Giovanni (música tema)
121	2 fev	Leo agradece a Jen e esta lhe diz que não tem nada a agradecer. Estão juntas e preocupadas por que amanhã vão tirar Renato do hospital. Jen tranquiliza Leo dizendo que isso será temporário e que só depende delas conseguir arrumar o apartamento.	Carro
122	3 fev	Sebastião concede a mão de Regininha a João Manoel. Eles se beijam. Sebastião diz que não precisam comemorar tanto. João Manoel promete 6 netos, todos legítimos e feitos pelo método tradicional. Janice diz que qualquer neto, adotado ou não, será muito bem-vindo.	Casa de Leo

<b>Cena</b>	<b>Data</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Contexto</b>
123	4 fev	Na casa de Leo estão todos preocupados com a ida de Sebastião para o leilão. Janice está aflita. Leo intervém e dá apoio à mãe. Venâncio e Sebastião chegam. Regina diz que estão do lado dele.	Casa de Leo
124	5 fev	Jen briga com Leo porque esta não a avisa com antecedência que não vai ao desfile das Escolas de Samba. Ela diz que Leo a havia convencido a não desfilar e ficar no camarote com ela. Leo justifica não ir ao desfile por causa do leilão do quadro. Começam a medir a importância de cada um dos pais na vida delas.	Casa de Leo
125	8 fev	Leo diz que ouviu a discussão dos pais e que Sebastião está deprimido. Diz que a mãe pode ajudar o pai revelando a carta que Dona Josefa deixou para ele doando-lhe o quadro. Assistem o desfile pela televisão.	Casa de Leo
126	9 fev	Depois do desfile estão todos aguardando os votos. Perguntam por que Leo não foi. Jen diz que ela preferiu ficar em casa. Dirceu (namorado de Maria do Carmo) elogia o desfile de Giovanni. João Manoel leva as mulheres para casa.	Desfile das Escolas de Samba na Avenida Sapucaí
127	10 fev	Janice grita com Sebastião. Leo aconselha a mãe a abrir o jogo e mostrar a carta sobre o quadro herdado para a filha de Dona Josefa. Diz para a mãe que, acima de tudo, o pai sempre lhe foi fiel.	Casa de Leo
128	10 fev	Leo vai à casa de Jen, que está dormindo. Leo ameaça a avó de Jen caso ela faça a outra sofrer. Leo pede desculpas a Jen e elas fazem as pazes.	Casa de Jen
129	15 fev	Giovanni comenta a história de Maria do Carmo e do filho. Maria do Carmo foi presa e Leo diz que o filho mais velho de Maria do Carmo não é flor que se cheire. Jen diz achar que ele pode ficar sensibilizado com a manifestação em frente à prisão.	Casa de Jen
130	15 fev	Janice lembra da conversa com Guilhermina (filha de Dona Josefa). Leo fica surpresa e feliz com a atitude da mãe de ter mostrado a carta.	Casa de Jen
131	17 fev	Jen está com Leo. Giovanni pergunta sobre o neto. Jen responde que ele ainda está na casa de custódia e infelizmente o processo de adoção ainda não se resolveu, mas que a casa já está pronta e que vão dormir lá. João Manoel comenta jocosamente: "Parece que essas duas se casaram. Onde já se viu isso?". O pai pergunta a João Manoel sobre o casamento dele. Ele diz que assim que a poeira do Carnaval passar cuidará disso.	Casa de Jen
132	17 fev	Leo chega em casa e vê Jen desfilando. Ela escuta os comentários da mãe sobre rapazes em cima de Jen. Leo olha a TV e fica enciumada. Na avenida, a multidão recebe a notícia da vinda da senhora do destino (Maria do Carmo) para o desfile. Jen está conversando com rapazes, Leo chega e fica olhando. Jen fica feliz enquanto Leo fala dos "brucutus". Jen dá uma "carteirada", tira a blusa de um figurante de apoio, dá a Leo com declarações sobre seu papel de apoio na vida dela e ambas vão desfilar alegremente.	Casa de Leo; Avenida Sapucaí

<b>Cena</b>	<b>Data</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Contexto</b>
133	18 fev	Janice vai agradecer a Giovanni a ajuda que deu para Leo. Ele diz que não é preciso, pois agora são uma família. Jen diz que o advogado ligou e deu a notícia de que o juiz dará a guarda de Renato para Leo. Leo diz que a assistente social vai visitá-la no dia seguinte e que precisa arrumar o apartamento. A avó e Danielle se oferecem para ajudá-la.	Casa de Jen
134	19 fev	Janice, Leo e Danielle vão ajudar Leo e Jen a arrumar o apartamento. Leo mostra uma surpresa para Jen: um berço em que Renato vai dormir na sala. Leo e Jen imaginam o menino no berço.	Apartamento de Jen e Leo
135	21 fev	Todos terminam a arrumação do apartamento e agora parece que já moram lá há anos. Agradecem a todos. Leo pergunta a Jen se ela está preparada para ser feliz e ela responde que sim. Fazem comida para comemorar. As duas preparam sanduíche e lavam a louça juntas. Vão juntas para cama.	Apartamento de Jen e Leo
136	22 fev	Leo é chamada para uma urgência no meio da noite para atender a prima. Jen fica decepcionada com a saída de Leo, que explica que vida de médica é assim mesmo.	Apartamento de Jen e Leo
137	24 fev	Leo chega em casa e Jen conta que a assistente social esteve lá para ver a casa. Leo pergunta sobre o que a assistente social quis saber, se ela perguntou sobre o que Jen é dela. Jen diz que contou que são namoradas e que não dava para mentir. Leo concorda preocupada; espera que isso não comprometa a adoção.	Apartamento de Jen e Leo
138	25 fev	Almoço de reforço de laços de amor da família. Maria do Carmo anuncia o noivado com Giovanni e avisa que vão se casar. Estão todos reunidos quando chega o filho vereador de Maria do Carmo com a esposa.	Casa de Maria do Carmo
139	25 fev	Leo conversa com a pediatra sobre a alta de Renato e o futuro da criança. Leo fica preocupada com a decisão da Vara de Infância. A família de Jen discute o casamento de Venâncio e Danielle.	Hospital; casa de Jen
140	25 fev	Todos cumprimentam Giovanni pelo noivado com Maria do Carmo. Dizem que há um surto de casamentos, pois todos vão se casar exceto a avó. Fazem coro para que ela seja a próxima.	Casa de Giovanni
141	26 fev	Danielle fica entalada no vestido de noiva. Giovanni vai resgatá-la e a leva no colo para o altar. Venâncio fica boquiaberto com a beleza da noiva.	Rua; igreja
142	28 fev	Regininha está frustrada porque com a venda do quadro não sobrou nada para ela. Trinta e oito milhões de dólares investidos na compra de um jornal. Jen diz para ela que não se preocupe que se ela não ficou com nada ainda tem a herança de Giovanni que será repartida entre ela e João Manoel.	Casa de Leo

<b>Cena</b>	<b>Data</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Contexto</b>
143	28 fev	Dani joga o buquê, e apesar das várias candidatas é Leo quem pega novamente. João Manoel comenta que mulher com mulher dá jacaré e assim não dá. Regininha briga com ele e diz: "Vê lá como ce fala da minha irmã.". Mostram cenas do casal Danielle e Venâncio 5 anos depois com uma escadinha de filhos.	Rua
144	2 mar	Maria do Carmo comenta que Shao Lin acordou. Leo diz que vai vê-lo no hospital. O pai comenta que a filha trabalha demais. Jen comenta que ele era meio <i>bad boy</i> , mas que depois que começou a trabalhar com o pai se emendou.	Quadra da Escola de Samba
145	3 mar	Leo e Jen vão buscar Renato. Estão de mãos dadas. As assistentes sociais entregam Renato a Leo. Ela chora e Jen a abraça, enquanto Renato ri. Os três ficam abraçados e saem felizes.	Sala da assistente social
146	3 mar	Casamento de Edgar e Isabel na igreja. Leo e Jen se sentam perto de Nazaré. Leo comenta que um dia ainda vão se casar assim. A moça ao lado comenta: "Sapatona! Sinto cheiro de couro de longe.". O menino brinca com a peruca dela, que fica com raiva e mostra a língua para ele. Ela diz: "Tataraneto de zumbi.". Nazaré é reconhecida e foge. Ao som de Ave Maria todos os casais se beijam na boca; Turcão e Ubiracy se beijam no rosto e Leo e Jen com selinho. Na festa de casamento, Leo pega novamente o buquê para raiva de João Manoel. Leo anuncia que vai registrar a união em cartório por meio de um contrato de união de bens. Maria do Carmo diz que dá toda força, ainda mais que elas agora têm um bebê para criar. João Manoel diz que está fora e o pai diz que a festa é por conta dele.	Igreja; festa
147	4 mar	Leo e Jen chegam no apartamento com Renato e o põem para dormir. Emocionadas, ninam o bebê entoando uma cantiga de ninar.	Apartamento de Jen e Leo
148	5 mar	Leo e Jen com Janice recebem a notícia de que Regina está grávida e que Danielle e Venâncio também vão ter um bebê. Giovanni comenta que é uma epidemia de gravidez. Sebastião exige que Regina se case antes da barriga aparecer. Giovanni também espera que Maria do Carmo lhe dê um filho.	Apartamento de Jen e Leo; casa de Sebastião; pátio da Escola de Samba
149	9 mar	Regininha se apronta para ir para a igreja. Perguntam se ela vai jogar o buquê. Ela diz que sim, mas que não sobra para ninguém. Leo diz que dessa vez não vai pegar, pois ela e Jen já estão casadas. A avó pega o buquê.	Casa de Leo; festa do casamento

<b>Cena</b>	<b>Data</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Contexto</b>
150	10 mar	<p>Leo recebe um telefonema do advogado e conta para Jen que o juiz deu ganho de causa da adoção para elas, justificando que era irrelevante o fato dela ser gay. Leo diz que havia ficado preocupada. Jen e Leo dizem que tem de contar a história delas para o mundo e impedir que crianças fiquem na rua. Vão compartilhar com todos a vitória. João Manoel diz que não concorda, mas vai ficar na dele. Giovanni cita um ditado da selva para João Manoel: "Quem ataca é só quem se sente ameaçado.". Complementa que cada qual deve gostar de cada qual. Sebastião dá as boas-vindas ao neto. Jen anuncia que está de mudança de vez para a casa de Leo e que vão oficializar a união. João Manoel ironiza: "Quem vai vestir véu e grinalda?". Leo explica que vão assinar um contrato de união civil. Maria do Carmo compara a relação das duas como o encontro de duas coisas estranhas e improváveis, como jerimum com coco, e que apesar de as pessoas acharem estranho, ela adora.</p>	<p>Hospital; apartamento de Jen e Leo; casa de Giovanni; escritório de Maria do Carmo</p>
151	10 mar	<p>Giovanni está pronto para o casamento. Todas dão palpite na roupa. Ele diz que vai daquele jeito mesmo, que aquele é ele. A avó está emocionada. Maria do Carmo faz discurso sobre o Brasil, pois é o melhor lugar para se trabalhar, amar e ser feliz rodeada de toda a família.</p>	<p>Casa de Giovanni; festa do casamento; rua</p>



**ANEXO 2.** Reportagens veiculadas na Folha de S.Paulo (versão *online*) sobre a telenovela Senhora do Destino no período de junho de 2004 a março de 2005

Nº	Data	Mídia	Fonte	Título	IBOPE	Comentário sobre lesbianidade
1	13 jun 2004	Folha Ilustrada	Reportagem local Laura Mattos	Horário Político		Entrevista com A. Silva explicando como será a novela. Explica que irá colocar um casal homo e ver como a família se adapta a ela. Irá desenvolver a história mais adiante.
2	30 jun	Folha Ilustrada	Análise Ester Hamburger	Falta irreverência à "Senhora do destino"		
3	30 jun	Folha Ilustrada	Televisão		1 capítulo com 51 pontos na Grande SP com picos de 57	
4	1 jul	Folha Ilustrada	Televisão/Crítica Marco Antonio Villa	"Senhora do destino" ajuda a consolidar valores democráticos		
5	7 jul	Folha Ilustrada	Análise Ester Hamburger	Visão invertida marca retrato da história		
6	31 jul	Folha Ilustrada	Televisão – João Miguel Jr./TV Globo		53 pontos de média	
7	8 ago	Folha Ilustrada	Outro canal Laura Mattos	Novela faz três <i>merchandisings</i> em 1 minuto		
8	19 ago	Folha Ilustrada	Televisão Daniel Castro	Novela abordará jovem <i>gay</i> com humor		Divulgação de um personagem <i>gay</i> em "América", novela que sucederá "Senhora do destino".
9	2 set	Folha Ilustrada	Televisão	Lésbicas da novela tentarão adotar criança		CASAL 20 – gravidez de Angélica. Adoção de criança por casais homo. Fala especializada de advogada e do autor. Na mesma página, casal 20 (Angélica e Huck).
10	5 set	Folha Ilustrada	Novelas da semana/TV Globo	"Senhora do destino"		
11	12 set	Folha Ilustrada	Mônica Bergamo	O destino de Agnaldo	Como Agnaldo usa o IBOPE e o que dá IBOPE	Entrevista com Agnaldo Silva, refere-se à sua homossexualidade e conta o que abordará na novela.

Nº	Data	Mídia	Fonte	Título	IBOPE	Comentário sobre lesbianidade
12	16 set	Folha Ilustrada	Televisão/ Daniel Castro	Telespectador se vê em Maria do Carmo	Média de 46 pontos na Grande SP; melhor desempenho até o 67 capítulo desde 1999	
13	19 set	Folha Ilustrada	Crítica/Bia Abramo	Beijo <i>gay</i> esconde truques por audiência		Bia apresenta duas hipóteses para a maior liberalidade da TV em abordar a lesbianidade nas novelas: a homossexualidade feminina seria mais palatável aos olhos machistas da sociedade e a ousadia faz parte das estratégias por audiência.
14	17 out	Folha Ilustrada	Televisão/Daniel Castro	Novela denuncia pais que abandonam filhos		Autor introduz o tema da adoção de crianças por casais homossexuais. Campanha do autor por punição a pais que abandonam filhos.
15	26 out	Folha	Televisão/Outro Canal Daniel Castro		"SD cravou na semana passada média de 52 pontos. Desde o seu início, registra 47 pontos , o que a coloca como a melhor das últimas oito tramas das 21 horas até cap. 102".	
16	27 out	Folha Ilustrada	Televisão Laura Mattos	"Senhora do destino" alcança média de 58 pontos em fase intermediária.	Cena da surra de M. do Carmo em Nazaré faz o IBOPE atingir 58 pontos de média.	
17	27 out	Folha Ilustrada	Análise/ Ester Hamburger	Hiperatividade contagia as novelas		"A trama principal sustenta uma teia múltipla de teias secundárias, com direito a romance homossexual feminino, a provocação da hora". "O sucesso tem a ver com a sucessão alucinada de viradas na trama".

Nº	Data	Mídia	Fonte	Título	IBOPE	Comentário sobre lesbianidade
18	28 out	Folha Ilustrada Laura Mattos – reportagem local	Laura Mattos – reportagem local	Globo reprisa surra pela manhã	Média de 58 pontos na hora da surra	
19	4 nov	Folha Ilustrada	Televisão – Daniel Castro	Globo deverá ter reforma interna em 2005	55 pontos em pleno feriado	
20	8 nov	Folha Ilustrada	Televisão – Daniel Castro	Novela das oito já esnoba <i>merchandising</i>	Até a metade da novela 80 chamadas, cada uma ao custo de 400 mil	
21	10 nov	Folha Ilustrada	Análise – Ester Hamburger	Autores de novela são deuses alternativos		
22	14 nov	Folha Ilustrada	Crítica – Bia Abramo	Bons atores “brilham”em trama suburbana		“Numa novela em que as personagens femininas são reduzidas a três tipos básicos – meninas meigas, senhoras superpoderosas e popozudas descerebradas –, sua Cláudia (Leandra Leal) é uma das únicas candidatas a ocupar o lugar vago de mulher adulta, autônoma, com profissão definida etc. (as outras, por ironia, são as lésbicas Eleonora e Jenifer)”.
23	25 nov	Folha Ilustrada	Televisão – Daniel Castro		Média de 47,82 pontos desde o primeiro cap., mais do que as últimas 4 novelas do horário.	
24	26 nov	Folha Ilustrada	Reportagem local – Laura Mattos	Gays ficam felizes e frustrados com novela		Vange Leonel diz que ela e seus amigos e amigas que assistiram a Cena de Leo e Jen seminuas na cama tiveram uma reação ambígua, contentes, por um lado pela abordagem do tema, mas frustrados pela simples insinuação da relação. Já Laura Finocchiaro comemora a iniciativa. Agnaldo Silva não sabe se foi um avanço, mas vai abordar também a adoção de crianças.

<b>Nº</b>	<b>Data</b>	<b>Mídia</b>	<b>Fonte</b>	<b>Título</b>	<b>IBOPE</b>	<b>Comentário sobre lesbianidade</b>
25	28 nov	Folha opinião	Painel do Leitor – Bárbara Carvalho Pereira – RJ	Bombardeio		Leitora revoltada. Considera a relação de Leo e Jen uma vergonha, uma imoralidade. Diz que estão tentando tornar natural atos que são naturalmente desordenados, contra a natureza e a dignidade humana.
26	29 nov	Folha Ilustrada	Televisão/Daniel Castro	Outro Canal/Escola 1	Sucesso de audiência e também de repercussão devido à contratação de assessoria de imprensa particular	
27	30 nov	Folha Opinião	Painel do Leitor (Anete Araújo Guedes) BH			Contestação da opinião anterior. Diz que o propósito da novela é discutir o preconceito e as dificuldades das pessoas que passam por relações não convencionais. Convida a estudante para transitar pela diferente, ter mais abertura e sem querer julgar ou enquadrar.
28	3 dez	Folha Ilustrada	Televisão/ Outro Canal Daniel Castro	Quase	Média de 58 pontos com a revelação do caso Lindalva	
29	4 dez	Folha Ilustrada/Televisão	Outro canal Daniel Castro	Tela Cheia	Recorde de intervalos, aumento de 4 para 5 minutos, cada comercial de 30 segundos custa R\$ 240.390,00	

<b>Nº</b>	<b>Data</b>	<b>Mídia</b>	<b>Fonte</b>	<b>Título</b>	<b>IBOPE</b>	<b>Comentário sobre lesbianidade</b>
30	5 dez	Folha Opinião	Painel do Leitor/Ricardo Hiroaki Kurauchi (SP)	Homossexualidade na TV		“A novela pensa e retrata nossa realidade”. Conta que cria 5 meninas e que tem aprendido muito com elas. “Por que não ver a corrupção, a exclusão e o preconceito?” “Apenas buscam a felicidade”.
31	5 dez	Folha Ilustrada	Televisão/ Outro Canal/Daniel Castro	Esquadra 1		Especialistas assessoram o autor para escrever a história da adoção do bebê. Renato, “o renascido” será encontrado em uma lixeira.
32	8 dez	Folha Ilustrada	Televisão/ Outro Canal/Daniel Castro	Fenômeno 1	55 pontos em dezembro	
33	12 dez	Folha Ilustrada	Mônica Bergamo	O próximo capítulo	60 pontos até agora a maior audiência	
34	13 dez	Folha	Mônica Bergamo	IBOPE	Depois da novela o jornal “Diário de notícias”, jornal de SP que trata de negócios aumentou suas vendas em 30%. Na novela existe um jornal com o mesmo nome.	
35	18 dez	Folha Ilustrada	Televisão/outro canal/Daniel Castro	Exportação	Lançamento no mercado internacional de “Senhora do destino”.	
36	23 dez	Folha Ilustrada	Televisão/Daniel Castro	Público aprova lésbicas de novela das 21 h		Pesquisa qualitativa mostra que o público aprova o casal lésbico. “Existe, deve ser mostrado, nem que seja para alertar as pessoas”. “Ah! Mas elas são tão bonitinhas!” O autor acha que é porque mostrou a relação de um modo franco e aberto, sem hipocrisias.

<b>Nº</b>	<b>Data</b>	<b>Mídia</b>	<b>Fonte</b>	<b>Título</b>	<b>IBOPE</b>	<b>Comentário sobre lesbianidade</b>
37	5 jan 2005	Folha Ilustrada	Televisão/Daniel Castro	Casal hetero brigará por bebê de lésbica		Autor incrementa polemica sobre lésbicas com a escalação de um casal hetero. Eles questionarão adoção, fala de um advogado especializado em direito de família.
38	11 jan	Folha Ilustrada	Televisão/Daniel Castro	Brasileiro consome quase 5 h diárias de TV	Pesquisa mostra que no ranking dos mais vistos, "Senhora do destino" aparece um primeiro lugar	
39	13 jan	Folha Ilustrada	Televisão/Daniel Castro	Autor de "Senhora do destino" bate próprio recorde	Média de 49 pontos até o 170 capítulo, maior que "A Indomada" do próprio Silva de 1997 com 48 pontos.	
40	16 jan	Folha Ilustrada	Outro Canal/Daniel Castro	Lésbicas de "Senhora do destino" terão final feliz em SP		Autor anuncia que prevê um desfecho feliz para o casal lésbico e que está declinando da idéia de colocar um casal hetero para questionar a adoção.
41	1 fev	Folha Ilustrada	Mônica Bergamo	Atestado		Concorrentes pedem rigor com as cenas de "Senhora do destino". Também telespectadores se queixam das cenas de romance entre Leo e Jen. O Ministério da Justiça não pretende tomar nenhuma atitude. Denílson Lopes escreverá texto elogiando a abordagem da novela.
42	2 fev	Folha Ilustrada	Análise/Ester Hamburger	Exagero bate recordes na novela das oito		
43	6 fev	Folha Ilustrada	Televisão/Daniel Castro	"Senhora do destino"		
44	12 fev	Folha Ilustrada	Televisão/Outro canal/Daniel Castro	Moderno Mais um	A prisão de Nazaré rendeu 62 pontos	Assinatura de um contrato de comunhão de bens registrado em cartório

<b>Nº</b>	<b>Data</b>	<b>Mídia</b>	<b>Fonte</b>	<b>Título</b>	<b>IBOPE</b>	<b>Comentário sobre lesbianidade</b>
45	20 fev	Folha Ilustrada	Televisão/Isabelle Moreira Lima	“Excluídos” invadem o horário nobre		Opinião de acadêmico sobre a maior presença de grupos considerados excluídos na TV tem uma explicação comercial, de segmentação de mercado. Cida de Souza, doutora em comunicação diz que só as personagens estereotipadas têm aceitação; no caso de Leo e Jen explica que não estão incomodando porque o foco não recai sobre elas.
46	9 mar	Folha Ilustrada	Televisão/Daniel Castro	“Senhora do destino” deve gerar seriado		
47	10 mar	Folha Ilustrada	Daniel Castro	O senhor das 8		Entrevista com Agnaldo Silva. Fala que a novela foi milimetricamente planejada e acredita que Leo e Jen foram aceitas por que eram certinhas.
48	11 mar	Folha Ilustrada	Tendências e Debates/Ricardo Izar	Senhora do nosso destino		O deputado federal pelo PTB-SP desabafa e comemora o fim da novela “Senhora do destino” que, segundo ele, “enxovalhou a sociedade brasileira”.
49	11 mar	Folha Ilustrada	Mônica Bergamo	Adoção gay “Quem é o pai? Quem é a mãe?”		A desembargadora Maria Berenice Dias comenta o tema da adoção por homossexuais, tema abordado na novela.
50	13 mar	Folha Opinião	Painel do Leitor	Nada de novo		Opiniões de leitores sobre o desabafo de Ricardo Izar.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)